

UNIVERSIDADE ABERTA



**O Valor e o Significado Atual da Cortesia Linguística – Os Títulos Honoríficos Académicos na Comunicação Intercultural entre Professores e Alunos no Contexto da Sala de Aula Universitária do PLE na Região Administrativa Especial de Macau**

João Arnaldo da Silva Gonçalves

Dissertação de Mestrado em Português Língua Não-Materna

2022

UNIVERSIDADE ABERTA



**O Valor e o Significado Atual da Cortesia Linguística – Os Títulos Honoríficos Académicos na Comunicação Intercultural entre Professores e Alunos no Contexto da Sala de Aula Universitária do PLE na Região Administrativa Especial de Macau**

João Arnaldo da Silva Gonçalves

Dissertação de Mestrado em Português Língua Não-Materna

Dissertação orientada pela Professora Doutora Rosa Maria Sequeira Piedade

Junho de 2022

## DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através da Universidade Aberta.

### *Licença concedida aos utilizadores deste trabalho*



Atribuição  
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

### STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.ª série, N.º 215, de 6 de novembro de 2013).

Universidade Aberta, 30 de Junho de 2022

Nome completo/Full name: João Arnaldo da Silva Gonçalves

Assinatura/Signature:



---

manuscrita ou digital / handwritten or digital

## RESUMO

Esta dissertação final de mestrado tem como objetivo um olhar compreensivo sobre a evolução do uso dos títulos académicos no contexto universitário de ensino de Português Língua Estrangeira (PLE) na Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China. Trata-se duma investigação qualitativa e empírica baseada em entrevistas presenciais com professores e alunos universitários da área do PLE, sendo intenção da mesma avaliar como estes dois grupos de agentes, em contexto de sala de aula, percecionam o uso dos títulos e da delicadeza dentro do seu próprio condicionamento cultural, bem como a sua perceção quando postos perante a crítica a esse mesmo condicionamento.

Entre outros, este estudo tem como guia teórico os trabalhos de Richard J. Watts, Sachiko Ide e Konrad Ehlich, e suas publicações sobre a questão da delicadeza e a interculturalidade, ambicionando perceber a essência e o valor da delicadeza no contexto cultural e intercultural em que se insere – neste caso o Chinês e o Português.

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre os temas da delicadeza, da interculturalidade, da *'face'*, das semânticas de poder, como também, o que define a identidade e o comportamento de certa cultura, ou seja, as componentes linguísticas, históricas, religiosas, sociais, políticas, de classe, etc., com o propósito de entender melhor como estas culturas, através da língua e da comunicação extralinguística, interagem num espaço comum.

**Palavra-chave:** Delicadeza Linguística, Formas de Tratamento, Interculturalidade, Ensino PLE, Macau

## **ABSTRACT**

The following Masters final dissertation has for one of its goals, a comprehensive look on the evolution of the usage of academic titles within the Portuguese Foreign Language (PFL) university context in the Macau Special Administrative Region of the People's Republic of China. It consists on a qualitative and empirical investigation based on presential interviews with university level education teachers and students involved in the field of PFL. It is our intention to evaluate how the 2 groups of agents, that take part in the PFL classroom, perceive the usage of titles and politeness within their own cultural conditioning as well as their perception when faced with the critique of that same conditioning.

It has for theoretical beacon the works of Richard J. Watts, Sachiko Ide e Konrad Ehlich, amongst others, and their publications on the issue of politeness and interculturality. This study hopes to understand the essence and the value of politeness within the cultural and intercultural context where it happens, in this case, the Portuguese and Chinese one(s).

A bibliographic research was carried out on the topics of politeness, interculturality, 'facework', power semantics, as well, on what defines the identity and behaviour of a specific culture, that is its linguistic, historical, religious, social, political, class, etc, components. With the intent of understanding better how these cultures, through language and non-verbal communication, interact within a shared spaced.

**Key words:** Linguistic Politeness, Forms of Address Interculturalism, PFL Teaching, Macau

## ÍNDICE

1. Introdução.....	1
2. Contextualização teórica e disciplinar.....	5
3. Metodologia, tratamento de dados, análise e discussão .....	12
<b>3.1. Análise empírica das entrevistas</b> .....	19
<b>3.2. A Formalidade e a Interculturalidade</b> .....	35
4. Análise dos dados obtidos durante o processo de entrevista.....	44
<b>4.1. O peso da formalidade e da informalidade na aprendizagem</b> .....	46
<b>4.2. O uso da tecnologia como força da mudança</b> .....	48
<b>4.3. Algumas considerações sobre o corpus recolhido</b> .....	50
5. Conclusão e considerações finais .....	57
6. Bibliografia.....	60
7. Anexo .....	63

*“...the very fact that (im)politeness is a term that is struggled over at present, has been struggled over in the past and will, in all probability, continue to be struggled over in the future should be the central focus of a theory of politeness. To put it another way, investigating first-order politeness is the only valid means of developing a social theory of politeness”*

Richard J. Watts, “*Politeness*” (2003)

## 1. Introdução

Esta dissertação final consiste num estudo qualitativo e empírico sobre o que é o valor e o significado da delicadeza no contexto intercultural da sala universitária de PLE em Macau, Região Administrativa Especial da República Popular da China. Partimos de várias questões e hipóteses sobre qual é o real valor da delicadeza tal como o seu propósito.

Será esta definida essencialmente pela consideração e o respeito pelo outro ou como forma de manipulação de modo a que satisfaçamos os nossos desejos pessoais ou de poder e controlo sobre o outro? Será o ser humano apenas centrado nas necessidades da sua *'face'* ou é genuína a preocupação com a *'face'* do outro? Ou mesmo a existência isócrona de ambas, ambígua e fluída, característica do comportamento humano e das relações humanas?

É também objetivo deste trabalho propor um olhar não só sobre o *'valor da delicadeza'*, mas igualmente sobre o modo como esta joga a nível intercultural, tendo em consideração variáveis como a *'globalização'* e a *'revolução tecnológica'*. Tais variáveis justificam-se por se tratar de um estudo pertencente ao campo sociolinguístico e da linguística pragmática, que procura analisar a *delicadeza linguística* em geral, e a *evolução da cortesia linguística* em particular, a nível da sala de aula universitária de PLE, através do uso dos títulos académicos honoríficos. É neste contexto que duas culturas diferentes se encontram, e os diferentes atores da influência sociocultural coexistem e interagem diariamente, caracterizando-se por uma intensa permeabilidade ao que se passa fora da sala de aula. Ativamente podemos observar e participar nas inevitáveis mudanças sociais e culturais a que o correr do tempo nos obriga, influenciando o nosso comportamento e o valor do que é culturalmente aceitável ou não.

Na linha de estudos editados por Richard J. Watts, Sachiko Ide e Konrad Ehlich relativos aos atos de fala ilocutórios, tais como a compilação de textos *"Politeness in Language: Studies in its History, Theory and Practice"* (1992), o presente trabalho pretende contribuir também para um melhor entendimento teórico e disciplinar do uso

cultural e intercultural dos atos de fala que dizem respeito à delicadeza e à descortesia, bem como ao que é perspectivado como tal.

Esta investigação aborda conceitos como *'face'* ou *'facework'* (a preocupação com a imagem positiva que um tem de si próprio, descrita por Brown & Levinson, 1978, 1987) e também se debruça sobre a questão da identidade cultural, questão central para este estudo. Estudámos como indivíduos de diferentes culturas (neste caso a chinesa e a portuguesa) interagem dentro da sala de aula.

Tentámos perceber o que significa para eles a delicadeza e de como esta se desenrola dentro da sala de aula, procurando também entender as razões explícitas e implícitas deste uso linguístico que são as formas de tratamento académicas, sendo o uso destas formas de tratamento afetado por elementos culturais, sociais, cognitivos, enunciativos e linguísticos (Sun, 2018). Usámos uma metodologia qualitativa e empírica através de entrevistas presenciais, com intuito de que o contacto próximo entre entrevistador e entrevistados descondicionasse, dentro do possível, os participantes das relações hierárquicas de poder entre alunos e professores, permitindo desta maneira uma maior abertura nos testemunhos e nas opiniões dos entrevistados.

As entrevistas foram filmadas com o prévio consentimento dos entrevistados e posteriormente serão editadas num pequeno documentário, o qual pretende mostrar ao público o valor e a evolução da delicadeza intercultural em 2021. Penso que esta abordagem através do registo visual vale como complemento científico ao trabalho investigativo da dissertação em particular e, em geral, como contributo documental para as disciplinas teóricas da linguística e da interculturalidade.

Numa fase inicial foi desenvolvido um trabalho de pesquisa bibliográfica sobre a teoria que debate este tema e sobre a evolução histórica da delicadeza linguística nas diferentes culturas, evolução esta influenciada por elementos linguísticos, religiosos, políticos, sociais, etc. Esta pesquisa foi feita tendo por objetivo um entendimento mais fundamentado sobre o uso e o desuso de certos termos linguísticos e comportamentos meta linguísticos em várias culturas, próprios da etiqueta social e cultural.

A maioria dos estudos realizados têm-se centrado na análise dos atos de fala relativos à delicadeza. Relativamente ao aspeto cultural, estes estudos têm incidido, na maioria dos casos, na análise de uma cultura específica. Penso que o estudo que realizámos tem interesse nesse aspeto, relativamente à recolha e análise da opinião dos interlocutores sobre o uso da delicadeza na sua vertente e coexistência intercultural dentro e fora da sala de aula, onde a permeabilidade das diferentes culturas opera.

O que retiro da minha experiência de vida dentro da interculturalidade, como residente, aluno e professor em Macau, China, é que somos bem mais próximos que distantes, o que nos mais distancia e o que nos realmente divide é a língua. Penso que estou a falar da natureza multicultural das sociedades modernas (Haugh & Kádár, 2017) que, embora na China continental seja rara, na Região Administrativa Especial de Macau é norma há já vários séculos como já mencionado anteriormente.

Sendo a língua a maior separação entre as comunidades, quer pela política de língua usada pelo poder colonial português para Macau no decorrer da história, quer pelo presente governo, que embora tenha alguma autonomia, em larga medida representa em Macau o poder central da R.P.C., a opinião geral é de que a política de língua(s) em Macau é, à falta de melhor termo, indefinida (Água-Mel, 2012).

Visto que estamos a debater a delicadeza linguística intercultural, discutirei em maior detalhe este tópico no local adjudicado para a contextualização e análise no decorrer do processo de investigação. Era meu desejo inicial evitar questões políticas devido à presente situação nas R.A.E.s da R.P.C. Sendo esta questão parte do universo da competência intercultural onde se insere o trato e o tato, uma questão complexa já enunciada no início deste trabalho, não vejo maneira de evitá-la sem condicionar o valor objetivo e científico do trabalho final.

Macau reúne, no fundo, as condições necessárias para a realização deste estudo intercultural visto que pessoas com diferentes proveniências culturais se encontram e coexistem no dia a dia quer seja nos transportes, nos escritórios ou nas salas de aula. O estudo será centrado nos nativos chineses e portugueses mas, de modo a entendermos o enquadramento cultural da cidade, é importante mencionar que esta é a casa de comunidades variadas como a filipina, a indonésia, diferentes comunidades anglófonas e

outras de outras proveniências. Muitas destas comunidades são miscigenadas, partilhando de influências culturais múltiplas. Este é o tecido étnico e cultural da cidade.

Clifford Geerts, no seu livro de 1973 *“The Interpretation of Cultures”*, inicia o capítulo 11 intitulado *“A política do significado”* com o seguinte reparo relativo a como as decisões políticas agem e definem a cultura de determinado povo ou região. Em Macau observamos um misto da herança da política colonial portuguesa através das instituições, do sistema administrativo, e uma política atual autóctone, submetida às indicações políticas do governo central da República Popular da China.

Será curioso, através das entrevistas, analisar como este misto de políticas translada, em geral, para a cultura dos agentes da cidade e, em particular, para a sala de aula universitária de PLE, por motivos em que aparenta não haver uma cultura ou ideologia determinante, mas um local onde várias culturas e ideologias interagem por vezes em sincronia, por vezes em conflito e por vezes mesmo indiferentes umas em relação às outras, fechadas dentro da vivência social da sua comunidade étnica.

De facto, é esta fricção opaca e ubíqua que a torna num objeto de estudo tão interessante. Podemos afirmar que Macau tem características culturais e sociais próprias, tendo sido sempre este pequeno porto marítimo permeável a diferentes influências culturais, ideológicas e históricas.

## 2. Contextualização teórica e disciplinar

Como Haugh e Kádár indicam no capítulo intitulado “*Intercultural (im)politeness*” do livro de 2017 “*The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*”, o estudo da (in)delicadeza intercultural pertence ao campo interdisciplinar da comunicação intercultural e da sociopragmática onde se enquadram conceitos como cultura, comunicação, identidade, adaptação e interculturalidade.

Penso que é um contributo válido e com justificação científica neste estudo, a consideração das perspetivas émica e ética, ou seja, a perspetiva dos participantes e do observador sobre o uso da delicadeza académica e intercultural dentro da sala universitária de PLE, durante o trabalho de campo, na recolha de dados e sua posterior análise.

Este é um dos pontos em que a presente investigação difere em alguma medida dos estudos já publicados sobre esta matéria, pois toma por objeto de estudo a opinião dos entrevistados ao invés de somente estar centrada na recolha e na análise do corpus léxico-semântico utilizado.

Parafraseando Watts, a única maneira de desenvolvermos uma teoria social da delicadeza e de percebermos o seu funcionamento será por avaliá-la dentro do seu uso prático e significado popular, que o autor designa como “*first-order politeness*”, ou seja, através do seu uso e perceção pela pessoa comum, ao invés da “*second-order politeness*” perspetivada e teorizada pelos teóricos e académicos (Watts, 2003).

A questão da delicadeza tem vindo a ser debatida cientificamente desde o final do século XX, embora conceitos como o da ‘*face*’ terão já sido introduzidos na literatura ocidental desde o século XIX em publicações sobre a China, região onde este conceito e o seu papel nas interações humanas estaria definido há bastante mais tempo. Mas é no século XX que se assiste ao florescimento e desenvolvimento das ciências sociais, onde se inclui a linguística, a interculturalidade, a sociopragmática entre outros campos e subcampos que se debruçam sobre as relações socioculturais e a comunicação linguística onde se enquadra este trabalho.

Para quem está minimamente por dentro da temática da delicadeza, por certo, não serão estranhos nomes como Erwin Goffman, Brown & Levinson, Robin Lakoff, Geoffrey Leech, Paul Grice, Austin entre outros. As obras publicadas por estes autores são consideradas cânones da temática da delicadeza linguística.

Ao longo dos anos, várias críticas têm sido apresentadas a estes cânones. Um dos críticos a questionar as conceções anteriores sobre a delicadeza foi o “*Politeness Research Group*” liderado por Richard J. Watts, Shoshana Blum-Kulka, Gudrun Held e Sachiko Ide, autores que não se reviam nas teorias até então existentes (Watts, 2005). O enquadramento teórico-disciplinar da presente dissertação baseia-se nas suas obras e publicações, propondo um olhar mais global e inclusivo sobre a delicadeza linguística nas comunidades humanas, suas particularidades e o seu desenvolvimento histórico ao longo dos tempos, com ênfase na cultura ocidental portuguesa e a oriental chinesa e no local onde estas convivem há cerca de meio milénio no território de Macau.

Algo que este trabalho também se propõe fazer é uma reflexão sobre o que é a delicadeza e o seu propósito, indagar se serve a noção da cooperação e do contrato social, ou se serve mais o propósito da mitigação dos *Face Treating Acts*, proporcionando algum equilíbrio, ou mesmo como uma forma de manter a ordem social e institucional entre os vários grupos que compõe a sociedade. Será à volta deste último que o nosso trabalho incidirá em maior força, pois o objeto de estudo proposto é em que medida e funcionamento a ação da delicadeza habita e afeta as interações entre professores e alunos dentro da sala de aula universitária de PLE.

Serve também o corrente capítulo para enquadrar e contextualizar teoricamente o que está a ser estudado e analisado para que, através de uma estrutura e de uma estratégia definida, possamos contribuir para uma conclusão mais clara, fundada e explícita.

Este trabalho tem por base condutora a questão da pragmática e os elementos que a vinculam como a enunciação e a delicadeza. Estará em foco o tipo de forma de tratamento caracterizada por um *ethos* hierárquico onde o conceito de ‘*reverência-reverenciado*’ entre professor e aluno assume-se muitas vezes como algo cultural. Este ponto é, como já mencionado, comum entre a cultura portuguesa e chinesa, sendo os elementos temáticos de ‘*face*’ e de ‘*face work*’ encontráveis na literatura chinesa há vários séculos, também tendo

surgido nas últimas décadas, como objeto de estudo de interesse no ocidente devido aos avanços na disciplina da linguística e da sociolinguística.

Nas palavras de Gouveia (2008) citadas por Ye Lin e Maria Helena Ançã, no texto de sua autoria que debate o tema em presente investigação sobre as formas de tratamento no ensino do português a alunos de língua materna chinesa, o desenvolvimento e a transformação social originam mudanças na produção discursiva e nas relações sociais, o que também traz mudanças profundas nas FTs em PE (Gouveia, 2008. p.92). Este ponto é central na nossa reflexão no sentido de colocar em hipótese a influência do processo temporal, social e histórico sob o valor da cortesia no contexto do ensino do português europeu na China e na R.A.E.M.

Podemos observar que a mesma cortesia institucional entre alunos e professores que encontramos no contexto português europeu já foi de uso institucional em sociedades e países onde esta cortesia caiu em desuso, adotando estas sociedades, também através das instituições de ensino, formas de tratamento onde a comunicação, a proximidade (assume-se aqui como sinónimo de informalidade) e a clareza são privilegiadas e normalizadas. Como exemplo da adaptação e abandono das formas de tratamento em português europeu podemos indicar o pronominal ‘Vós’ e correspondente tempo verbal já em desuso (Di, 2014), com a exceção de algumas regiões do norte de Portugal continental.

Incluimos também dentro das hipóteses de partida do nosso trabalho de investigação se o uso deste tipo de FTs ainda se justifica, ou não, tendo em vista o contexto sociocultural, histórico, dum mundo caracterizado pela globalidade e pelas interações humanas em muito afetadas pela revolução tecnológica e eletrónica dos nossos dias, caracterizadas pelas FTs mais informais, que a funcionalidade da tecnologia permite e induz. É o objetivo do nosso estudo perceber se estas permearam para o contexto da sala de aula de PLE no contexto regional que já indicámos.

Com a democratização da informação, os professores de PLE estão perante um momento de introspeção deontológica sobre a qualidade e valor da sua intervenção pedagógica como mediadores do conhecimento, introspeção esta caracterizada pela escolha entre uma relação de proximidade e igualdade com o aluno onde impera a cooperação e a partilha, ou uma com base no privilégio da detenção da informação e da autoridade,

posição tradicionalmente caracterizada pela distância e pelo alto valor dado à hierarquia superior detentora do conhecimento e do ‘*saber fazer*’.

Esta última aplica-se profundamente à relação tradicional entre aluno e professor e às formas clássicas de tratamento que ainda são observáveis em ambas as culturas universitárias chinesa e portuguesa.

Leech refere que algumas culturas asiáticas como a chinesa valorizam bastante mais o princípio da modéstia do que as ocidentais (minimizando o elogio próprio e maximizando a crítica do próprio) e culturas mediterrânicas como a portuguesa valorizam mais o princípio da generosidade (minimizando o benefício próprio e maximizando o custo ao próprio) e menos o da modéstia (Leech, 1983).

Os autores R. Brown e A. Gillian falam sobre as dimensões de poder e de solidariedade na sua publicação de 1960 “*The Pronouns of Power and Solidarity*” relativas ao uso particular das línguas românicas de dois pronomes singulares de tratamento (o tu e o você) e como o uso destas formas de tratamento está profundamente conectado à vida social, onde na sua análise semântica e estilística, a psicologia, a sociologia e a linguística se encontram (Brown & Gillian, 1960). É nossa opinião que esta particularidade linguística também trespassa para as formas de tratamento académicas como, por exemplo, o contínuo uso dos títulos académicos em Portugal (Sr/a. Professor/a, Sr/a. Prezado/a professor/a., etc).

A associação do uso dos pronomes singulares v.s. o uso e desuso dos títulos académicos, a nosso ver, não pode ser descurada. Como evidência, podemos apontar o desuso dos títulos académicos no sistema anglo-saxónico e o uso de apenas um pronome singular (*you*) quer para contextos formais como para contextos informais.

Ao assumirmos esta possível relação entre os pronomes e os títulos como indicador de algum tipo de prova da reticência no abandono dos títulos no ensino português universitário, somos também obrigados a complementar uma melhor justificação dessa prova, através de um olhar sobre a evolução semântica das formas de tratamento pronominais e titulares no português europeu.

Sendo o português uma língua românica, ou seja, derivada do latim, podemos nela encontrar a origem do uso dos dois pronomes singulares de tratamento. Uma das teorias explica que, no latim da antiguidade até ao século IV, apenas existia o tu aquando da divisão do império entre o ocidente, com o trono em Roma, e o oriente, com o trono em Constantinopla, embora a nível administrativo não existisse divisão por ação das reformas Dioclecianas, de administração unificada. O uso do “vós”, de pluralidade implícita, provavelmente poderia ter sido usado para referir quer um imperador como ambos os imperadores. O vós, também como Brown e Gillian propõem, poderia servir “...como uma metáfora para o poder reverencial do imperador”, esse mesmo poder reverencial que com o passar do tempo passa para outras figuras de poder.

Estes autores apontam para “*uma cristalização dum conjunto de regras*” entre o século XII e XIV a que denominam de “*nonreciprocal power semantic*”, ou seja, a relação desigual do uso do grau de tratamento entre pessoas. Este é um ponto fulcral para a nossa dissertação, pois na nossa opinião, existe uma confusão semântica sobre o uso dos títulos académicos relativos a quem detém o poder, neste caso o professor. A ideia que serve de justificação para o seu uso é muitas vezes associada ao respeito, à consideração e à admiração, menos vezes é considerada como forma de controlo do comportamento do outro. Este tipo de desequilíbrio de poder muitas vezes é relativizado, mas se tomarmos em conta a sua origem histórico-semântica, retiramos a ideia de que há um indivíduo que domina o outro.

Pensamos que este ponto relativo à ‘*non reciprocal power semantics*’ entre o *Tu* e o *Vós* é uma boa analogia para exemplificar a relação de poder semântica não recíproca entre professor e aluno no ensino universitário português, com um a poder tratar o outro pelo nome próprio e o outro com o dever de o tratar pelo título.

Estes autores, no mesmo texto, também mencionam a semântica da solidariedade, no sentido da expansão do tratamento igual entre posições desiguais, na qual o argumento que conduz esta investigação se revê, ou seja, que através da solidariedade e do tratamento não diferenciado possamos influenciar a qualidade da aprendizagem.

O sistema de diferenciação desigual de tratamento foi prolongado pelo regime feudal e por influência da Ideologia transmitida pela Igreja Católica na Europa, que à

semelhança do confucionismo, pregava que cada um tem o seu lugar na sociedade, não devendo desejar subir na estrutura social (Brown & Gillian, 1960). A evolução das formas de tratamento tem vindo a acompanhar a evolução da mobilidade social e do *ethos* mais igualitário iniciado na Europa em 1789 pela revolução francesa, um dos grandes momentos da história da humanidade onde as estruturas de poder existentes foram postas em causa, tal como o modo como nos relacionamos uns com os outros. É nossa opinião que o mundo em que vivemos em 2021 é consequência e continuidade dessa mesma revolução, onde mais uma vez as estruturas de poder assimétricas são postas em causa e onde são cada vez mais as vozes que pedem a sua premente reformulação.

Como apontada por vários autores, as formas de tratamento em português são bem complexas e o seu arcaísmo e semelhança com as formas de tratamento orientais é notória, (Fryer & Pinheiro, 1961, p.123 *apud* Sun, 2018 p. 83) como já foi mencionado anteriormente.

Curiosamente, foi também constatada por alguns professores de PLE na China, no decorrer das entrevistas relativas a esta investigação, a maior rigidez da formalidade académica da cultura portuguesa relativamente à chinesa. Tendo estes professores na sua carreira profissional notado que os alunos chineses aprendentes de português têm maior facilidade no abandono da formalidade quando existe sugestão do professor para tal, do que os próprios nativos de português, sentindo-se estes alunos inadequados sobre esse abandono, mesmo quando há sugestão do professor para a utilização do tratamento informal entre ambos.

Sun (2018), na sua tese de doutoramento, aponta as publicações de Cintra (1972) e de Carreira (1995) como sendo importantes para o entendimento das formas de tratamento em português, o que, no nosso entender, é menos aprofundado, é quando uma relação de poder assimétrica coexiste com uma forma de tratamento simétrica, por exemplo, a relação entre polícia e cidadão ou entre juiz e cidadão, onde o trato formal se mantém entre ambas as partes com a utilização de títulos como Sr., Sra. (para o cidadão), Dr. Juiz , Dra. Juíza , Sr. Agente, etc, (para a autoridade).

Este tipo de relação é possível de ser considerada para a sala de aula universitária de PLE, pois não está aqui em causa a assimetria de poder, sendo o professor quem detém

a autoridade na sala de aula pelos mesmos motivos que o polícia a detém. O que está aqui em causa é a assimetria das formas de tratamento.

Das duas uma, ou a formalidade é justificada e mantém-se as formas de tratamento formais entre ambos, ou a formalidade não é justificada e mantém-se as formas de tratamento informais entre professor e aluno. A justificação para uma forma de tratamento diferenciada entre dois adultos, ou seja, dentro do código de etiqueta académico – i.e., um permitindo-se tratar o outro pelo nome próprio e ao outro não lhe sendo permitido o mesmo, sendo regra, que o aluno deva usar o título profissional quando se dirige ao professor – é que nos parece opaca, sem razão de ser e muitas vezes culturalmente implícita. Já procedemos anteriormente à explicação da questão cultural ser demasiado simplista e falaciosa, dado que esta regra de tratamento, para além de omissa, é de certo modo ambígua e pouco transparente, sobretudo em contexto de sala de aula multicultural.

### 3. Metodologia, tratamento de dados, análise e discussão

Nas palavras de Rosa e Arnoldi “*A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo*”. Rosa; Arnoldi (2006 p17.)

Relativamente ao uso da entrevista como metodologia de investigação: “*A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistados.*” Ribeiro (2008 p.141)

É na afirmação deste último autor que encontramos um guia para a metodologia da presente investigação pois esta incide na análise das “*atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento*” particularmente importantes na consideração da perspectiva émica dos entrevistados, perspectiva esta relacionada com o que Richard J. Watts refere como “*first order politeness*”, segundo o autor, de grande relevância para a disciplina que estuda a delicadeza.

Optámos também por um tipo de entrevista focalizada, por nos dar a possibilidade de manter o foco da temática em estudo, e em simultâneo dar a liberdade necessária ao entrevistado, para que este, para além da partilha da sua experiência, se debruce sobre o significado desta e para que dessa maneira possa contribuir para a análise subjetiva dos comportamentos, análise a que este estudo se propõe, ou seja, o estudo e compreensão do funcionamento da delicadeza e do uso dos títulos dentro da sala intercultural universitária de PLE.

Para este estudo foi realizada uma entrevista presencial a um pequeno universo de professores e alunos do ensino do PLE a nível universitário em Macau. Acrescento aqui alguma informação sobre os participantes, pois como extensivamente descrito dentro da teoria da delicadeza, a idade, a cultura, a relação hierárquica, a intimidade, entre outras

variáveis, exercem efeito sobre como nos relacionamos, como usamos as formas de tratamento e como as aplicamos às diferentes situações sociais em que nos encontramos.

As perguntas propostas abordam as questões e hipóteses que nos levaram à escolha do tema deste trabalho. Questões relativas ao valor da delicadeza, da interculturalidade, do tato e do trato, no sentido de avaliar em que estado estas se encontram no presente, no corrente ano de 2021.

As questões colocadas aos alunos de PLE foram simplificadas, provendo-as de alguma informalidade oral de modo a proporcionar uma melhor compreensão das perguntas com a esperança de uma maior articulação e um maior à vontade nas suas respostas

### **Questionário**

- Q1.** O que é para si a delicadeza?
- Q2.** O uso da delicadeza para si é mais sobre a consideração pelo outro no sentido mais altruísta ou do reforço positivo da face no sentido mais egocêntrico, ou ambos?
- Q3.** E o que pensa sobre o uso dos títulos honoríficos ao nível académico entre professores e alunos e mesmo sobre o seu uso intrauniversitário dentro do corpo universitário?
- Q4.** A hipótese que parto para este estudo é a seguinte: que o uso dos títulos académicos no dia a dia dentro da sala de aula cria um distanciamento entre professor e aluno e que o abandono do seu uso, ou seja, que o aluno e o professor se tratem pelo nome próprio dentro da sala de aula, não implica uma perda de respeito como também aproxima a relação beneficiando a aprendizagem e o intercâmbio intelectual. Pode comentar?
- Q5.** Em relação a Macau e ao ensino de PLE a nível universitário, estamos perante duas culturas, a chinesa e a portuguesa, que dão ainda bastante valor cultural ao uso dos títulos honoríficos dentro e fora da sala de aula. Com a globalização e a revolução tecnológica que, em termos de valores culturais, teve ao leme os norte americanos

em particular e em geral o mundo anglo saxónico, no enquadramento histórico temporal pós segunda guerra mundial, pensa que houve alguma permeabilidade relativamente ao trato mais informal a nível universitário particular desta cultura na cultura portuguesa e chinesa?

- Q6.** Se possível podia dar-me a sua perspetiva da evolução, no sentido se houve ou não houve, da delicadeza e das formas de tratamento dentro da cultura portuguesa na sua experiência académica.
- Q7.** Relativamente à sua experiência intercultural dentro do ensino do PLE na China, podia partilhar connosco a sua perspetiva pessoal relativamente às formas de tratamento?

A questão Q1 visa avaliar como os entrevistados percecionam a delicadeza dentro do seu condicionamento cultural. As respostas a esta primeira pergunta aproximam-se do que denominaríamos, de um primeiro momento, ou o momento que está mais próximo do que o entrevistado entende como a cortesia que emprega e recebe no dia a dia.

Assumimos que as respostas a esta pergunta introdutória são as mais reveladoras do que Watts refere como “*first order politeness*”, ou seja, como as pessoas comuns, neste caso os professores e os alunos, visualizam e experienciam o exercício e o funcionamento da delicadeza, e de como este funcionamento é interiorizado na sua significação.

Após a questão Q1, na qual, através das suas respostas, os entrevistados verbalizam como conceptualizam a delicadeza, introduzimos a Q2, questão esta que introduz o que Watts refere como “*second order politeness*”, ou seja, a perceção e a conceptualização da delicadeza por quem a estuda. Na questão é referido o conceito do reforço positivo da face introduzido por P. Brown & Levinson (1978, 1987). Os entrevistados são confrontados com uma visão alternativa e contrária à ideia que associam à delicadeza – a ideia de que a delicadeza é usada em prol do nosso ego, ou seja, a preocupação como o outro nos vê e como a nossa imagem pessoal é refletida na outra pessoa.

Esta questão desdobra-se noutros pontos, por exemplo, os pedidos e o desejo destes serem realizados, desejo que ativa o aumento da cortesia verbal e não verbal, contexto enunciativo este que podemos associar a uma manipulação, instrumentalizando a cortesia como forma de satisfazer os nossos desejos e pedidos, afastando-se da ideia quase universal da associação da delicadeza ao respeito, à admiração, aos valores, ao bom comportamento e, mesmo a nível subliminar, ao genuíno.

Este ponto é introduzido de modo a que o entrevistado se possa questionar sobre o valor real da delicadeza, sendo a questão formulada de maneira que este possa considerar várias possibilidades: a da delicadeza manter o seu valor original, valor este ligado ao respeito e a um comportamento social correto, justificado pela preocupação e a consideração do outro; a da ideia de que a delicadeza serve como instrumento manipulativo do outro e do reforço positivo da própria face; e, por último, a possibilidade destas hipóteses ocorrerem em simultâneo, considerando quer o valor manipulativo da delicadeza quer o seu valor altruísta e inverso, ou seja, o reforço da face positiva do outro, promovendo e mostrando interesse pelo seu bem estar.

A questão Q4 explica ao entrevistado a proposta do estudo, introduzindo uma das suas questões centrais – informalidade e formalidade –, o seu peso dentro da relação aluno-professor e a sua influência na qualidade e sucesso da aprendizagem. Pensamos que a introdução desta questão nesta parte da entrevista é importante, pois enquadra o entrevistado no propósito deste estudo, valorizando a sua resposta e a sua contribuição.

Este é um estudo que se propõe investigar, não só, o estado atual e a evolução do uso e funcionamento dos títulos e da delicadeza, no contexto universitário intercultural em Macau, mas também contribuir para o melhoramento da qualidade da aprendizagem no ensino superior do Português Língua Estrangeira, para o corpus científico das disciplinas sociopragmáticas da delicadeza, da interculturalidade e da linguística aplicada. Quer onde os resultados das respostas nos levem, esse é o seu propósito máximo.

É através da experiência do entrevistado dentro da sala de aula de PLE e a verbalização dessa experiência, transcrita em documento anexo, que compreenderemos o entendimento do agente sobre o uso que faz, ativamente e passivamente, desta ferramenta linguística e extralinguística que é a cortesia.

Intentamos perceber o que o sujeito entrevistado acredita num primeiro momento, uma verificação da “*first order politeness*”, substancialmente envolta num significado sociocultural condicionado, ainda sem intervenção da “*second order politeness*”. A introdução de alguns elementos relativos às conclusões de estudos científicos sobre o funcionamento da cortesia linguística (o valor da face própria, o valor manipulativo, os pedidos, a manutenção das hierarquias, etc.) e a associação da vivência dessa experiência com o local em foco neste estudo que é a sala de aula (onde, na grande maioria do tempo, ocorre a relação aluno-professor) serve para envolver o entrevistador e o entrevistado numa relação de descoberta mútua sobre as impressões que têm de um costume social enraizado no seu universo cultural e intercultural.

A agilidade das trocas e tomadas de vez na interação confirma a intenção que justificou o uso da entrevista focalizada na metodologia de investigação, ou seja, o desejo de podermos recolher dados mais genuínos e honestos. Guiados por uma ideia de autenticidade, introduzimos a questão do nome próprio, da aprendizagem e do intercâmbio cultural. Também é nosso princípio que a aprendizagem do conhecimento e do “*saber fazer*” nas universidades está ligada a um conjunto de elementos que normalmente associamos à ideia que temos das universidades, conceitos como o pensamento crítico, a transparência, a partilha de ideias. É o questionamento das assimetrias semânticas de poder que permite ao entrevistado confrontar o seu preceito e comportamento dentro da sala de aula, questionar o protocolo e o seu porquê. Propomos ao entrevistado a seguinte premissa: de modo a que o intercâmbio intelectual seja verdadeiramente uma troca, este terá de implicar também o seguinte princípio, o da igualdade. Pensamos que esta ideia de abandonar títulos, ou a maneira assimétrica de como decorre a enunciação professor-aluno, vai ao encontro da ideia de igualdade, onde duas pessoas conversam, um locutor e um recetor, trocando posições numa dança de ideias.

Esta igualdade de que falamos não é absolutamente simétrica. Não questionamos o princípio de quem sabe mais ensina a quem sabe menos, questionamos a assimetria das semânticas de poder e o seu papel na regra do protocolo universitário. Ponderamos se o fluxo saudável de perguntas sem medo do entrave do erro e do julgamento não é afetado pelo uso dos títulos e pela não utilização simétrica do nome próprio entre professor e aluno.

O momento de introdução na entrevista da localização espacial do nosso estudo e descrição do contexto sociocultural onde esta investigação se insere, encontra-se na questão Q5. Esta questão descreve os dois principais universos culturais em estudo, a cultura chinesa e a cultura portuguesa e a relação com a ação no tempo do uso dos títulos honoríficos, profissionais e académicos, ou seja, procurámos observar e verificar, através da visão e testemunhos dos entrevistados, a evolução das formas de tratamento e cortesia, tal como do emprego dos títulos no contexto universitário de aprendizagem da língua portuguesa em Macau.

É neste ambiente que ocorre o jogo intercultural, interação esta que é afetada por uma dimensão global, caracterizada por uma intensa conectividade, em muito alimentada pelos avanços tecnológicos do século XXI, nos quais podemos destacar os telefones inteligentes, os quais nos têm permitido uma permanente conexão com o mundo.

Este tipo de ligação em vários aspetos funciona como veículo de miscigenação cultural, pois o acesso caracteriza-se pela pluralidade de referências e de informação com que os utilizadores lidam várias vezes ao dia. Se a isto somarmos o tempo de existência desta tecnologia e conectividade, podemos observar o fenómeno da interculturalidade como algo que está sempre presente e que assume uma posição de *'normalidade'*.

O processo de globalização e a assimilação de aspetos culturais entre culturas diferentes não é um processo recente, sempre ocorreu ao longo da história da humanidade. O que torna o nosso momento especial e diferente dos outros é a intensidade, frequência e velocidade deste tipo de permuta entre grupos étnico-culturais.

Como já mencionado, os movimentos culturais destes povos estão sob a influência da história e seus hábitos linguísticos, regras de cortesia, valores, etc., e vão se mutando ao longo do tempo. Vemos como um momento de grande importância para o mundo o fim da segunda guerra mundial. Deste conflito saiu quem haveria de tomar a posição como líder deste mundo extremamente rápido e global. Os Estados Unidos tornaram-se na grande potência que tem dado rumo ao mundo, através duma política baseada num mercantilismo e liberalismo intenso e global. Com os produtos e invenções que os norte-americanos espalharam pelo mundo vieram também aspetos culturais, como a música, as roupas, os

filmes e mesmo aspetos linguísticos com um leque de estrangeirismos provenientes do inglês que os utilizadores da tecnologia digital usam no dia a dia.

A permeabilidade do mundo digital no real é cada vez mais inegável. Existe uma significativa imersão da realidade no virtual, uma condição que não é estranha à sala de aula universitária de Português Língua Estrangeira em Macau. Na questão Q5 tentamos expor ao entrevistado a associação de vários pontos, que na nossa opinião estão interligados e consubstanciados, o local onde ocorre o fenómeno intercultural e de aquisição de linguagem entre a parte chinesa e portuguesa, a influência histórica e tecnológico-cultural sobre o espaço que elas partilham, as suas tradições linguísticas e extralinguísticas e de como utilizam a cortesia e de como a percebem através do outro. Como exposto na pergunta, estes dois meios coexistentes têm similaridades no que diz respeito ao uso dos títulos e do protocolo académico, um deles é o emprego de um nível alto de formalidade dentro da sala de aula.

O fio condutor da pergunta termina na questão da permeabilidade de uma maior informalidade nas culturas autóctones, com origens no ‘*softpower*’ dos E.U.A, em total força a partir do fim da Segunda Guerra Mundial e do uso comum da tecnologia através de dispositivos como por exemplo os *smartphones*.

A questão Q6 visa entender se os entrevistados têm notado uma evolução nas formas de tratamento e da delicadeza dentro da cultura em que participam, a portuguesa, pois é nessa cultura que ocorre a interação aprendizagem-ensino e onde são colocadas em foco as regras sociais e o protocolo académico específico do português.

Esta pergunta é importante pois analisa a subjetividade da experiência do funcionamento da cortesia académica ao longo do tempo, um dos principais pontos a que este estudo se propôs desde a partida. Perceber se ocorreu um processo de mudança, ou seja, uma progressão do tratamento e do protocolo, e se essa evolução ou não evolução têm contribuído, ou não, para uma melhoria no processo de aprendizagem, aumentando o sucesso dos objetivos, neste caso a aquisição da competência linguística de uma língua estrangeira.

### 3.1. Análise empírica das entrevistas

As entrevistas transcritas, em anexo, foram realizadas durante o ano de 2021, em diferentes espaços na cidade de Macau no sudeste da China. Elas retratam a subjetividade com que se experiencia a relação com o outro, uma relação ímpar em termos do que nos propusemos a investigar neste estudo: o uso dos títulos e as formas de tratamento no ensino superior de PLE em Macau.

A maioria dos entrevistados tende a, num primeiro momento, associar a delicadeza a uma forma de mostrar respeito e de cumprir as regras sociais, entendendo esta como um símbolo civilizacional e da consideração do coletivo e o inverso, ou seja, o não uso destas perpecciona-se como uma regressão social.

#### *Entrevistada 1*

*“Penso que é um pouco de ambos com preponderância do primeiro. Na sociedade temos de respeitar o outro e perceber que há limites, a delicadeza funciona como forma de mediar essa delimitação de espaços, o atípico é ocorrer o oposto. Penso que esse tipo de coisas se estão a perder no dia a dia. As pessoas andam muito exasperadas e perde-se esse filtro.”*

#### *Entrevistada 2*

*“Na cultura chinesa temos que mostrar respeito aos mais velhos, por exemplo os meus pais, os meus avós, na rua, na escola com os professores. Uma forma de respeitar é usando as formas de tratamento e os títulos...”*

#### *Entrevistada 3*

*“...a nossa raiz (na cultura chinesa) tem a ver com o confucionismo, em que se enfatiza a estrutura e a hierarquia dentro da sociedade. Deve haver a diferença para mostrar o respeito. E tem-se seguido esse padrão até agora.”*

*Entrevistada 4*

*“O valor da delicadeza deveria ser algo intrínseco à nossa ação, porque é através da delicadeza que se consegue outros valores éticos, como a empatia, a cordialidade, a educação. Portanto na minha opinião a delicadeza é um valor ético que deveria estar mais presente em todas as nossas ações.”*

*Entrevistada 6*

*“...considero que é delicado e cortês uma pessoa que não ultrapassa os limites, que relativamente ao trato, segue de alguma maneira o protocolo.”*

*Entrevistada 7*

*“Para mim a delicadeza são as regras de convívio que existem entre as pessoas para que estas se deem bem umas com as outras. É preciso na nossa sociedade estas formas de tratamento, porque se as pessoas se comportarem desta maneira o funcionamento da sociedade será melhor.”*

Outro dos pontos que retirámos desta troca de ideias foi o de uso da cortesia ser uma questão moral e ética ou estrutural, relativa ao funcionamento da sociedade, ou seja, a cortesia como uma construção social criada para a manutenção da ordem na sociedade.

*Entrevistada 1*

*“Não penso que a questão da delicadeza seja uma questão moral... a sociedade tem regras e nós para nos respeitarmos uns aos outros precisamos dum filtro, não é uma questão moral.”*

Em termos metodológicos a entrevista foi mantida aberta de modo a introduzir elementos retóricos na conversa entre entrevistador e entrevistado. Existe uma clara intencionalidade da nossa parte ao abrir ao entrevistado a participação na construção da

conceptualização do que é a delicadeza e o seu funcionamento. Para além da questão levantada por Watts sobre a “*first order politeness*”, ou seja, para entendermos a delicadeza, é verdadeiramente importante que a experiência desta parta de quem a utiliza, também acreditamos que é através de um processo autoavaliativo que encontraremos as respostas que procuramos.

Podemos inferir da seguinte afirmação da entrevistada 1 “*para nos respeitarmos uns aos outros precisamos dum filtro, não é uma questão moral*” que existe esta perceção a nível sociocultural da necessidade de um filtro, algo que mitigue as nossas interações pressupondo uma agressividade e total desconsideração pelo outro na ausência dessas regras, o tal aspeto civilizacional já referido anteriormente que torna possível vivermos uns com os outros em paz. Para sabermos mais sobre a veracidade deste ponto teríamos de saber mais sobre a sua história, a da cortesia.

Um dos mais recentes campos da linguística sociopragmática é a pragmática histórica, como escrevem Kádár e Culpeper na publicação “*Historical (Im)politeness: An Introduction*” (2010) que este é um dos campos mais negligenciados, mas começa a mudar, afirmando que a pragmática histórica deve ter preocupação em ver a dimensão diacrónica na evolução da delicadeza, não de uma maneira sincrónica e linear.

*“...It is an oddity that so few studies have investigated diachronic changes in politeness practices, given that polite and impolite practices change over time and that this fact is fundamentally linked to cultural-ideological variation at any one point in time. We believe that studying historical (im)politeness is of bi-directional importance: by examining the past, the usage of politeness language today can be placed in context; by examining the present, politeness language usage of the past can be placed in context.”* (Kádár., Culpeper. 2010)

Já estabelecemos a ideia de que, dentro da perspetiva émica, os utilizadores da delicadeza, num primeiro momento, a contemplam como um conjunto de regras linguísticas e extralinguísticas que são imprescindíveis para as relações sociais. A última entrevista que realizámos também justifica a necessidade desta perspetiva diacrónica. Não

é só sobre a evolução no tempo da delicadeza, mas sim a sua evolução nas diferentes culturas. Embora a chinesa e a portuguesa apresentem similaridades, o último entrevistado fala-nos das diferenças no uso da delicadeza nos Estados Unidos principalmente entre o Sul e o Norte.

O entrevistado argumenta que no norte dos Estados Unidos devido a uma ausência de classes na sociedade em geral, consequência da quebra com o sistema de classes existentes na Inglaterra e no continente europeu, que o emprego da delicadeza e do uso dos títulos é muito menor, existindo uma abordagem mais direta e honesta com o outro, dando como contraponto o uso da delicadeza no sul dos E.U.A com um passado ligado à escravatura e à diferença de classes sociais.

Um ponto que podemos comparar ao uso da delicadeza em Portugal e na China, ambos países com um passado ligado ao feudalismo e ao imperialismo respetivamente, com as diferenças entre classes bem definidas e enraizadas. Colocamos aqui algumas das intervenções do entrevistado, retiradas das entrevistas em anexo, que dizem respeito a este ponto.

### *Entrevistado 13*

*“O contexto americano é bastante diferente do português. Se vieses do centro-oeste americano como eu, onde há 3, 4 gerações todos eram agricultores, não havia bispos, nem reis, nem nobres, todos eram iguais. Esse era um sistema social onde praticamente não havia classes. Historicamente, a sociedade americana era composta por agricultores independentes, sem superestrutura. E em algumas partes dos E.U.A., particularmente no Sul, onde havia a distinção entre os escravos e os não escravos, aí os níveis de delicadeza são muito mais altos. Se fores à parte norte ou central dos Estados Unidos, há diferentes estruturas de delicadeza comparativamente com o sul. Onde existe uma sociedade mais hierarquizada existe também formas mais intensas de delicadeza.*

*Na cultura americana também existe isso, na cultura do sul dos estados unidos, mesmo sendo protestantes, mesmo influenciados pela cultura anglo-saxónica, mesmo usando os mesmos nomes que o resto dos americanos, têm uma*

*metodologia diferente de interagir com pessoas em posições superiores. É difícil de perceber os ‘porquês’ de tamanha diferença entre o Sul e o Norte, relativamente ao uso da delicadeza, tirando a questão óbvia da escravatura. As grandes plantações do Sul versus áreas mais pequenas de cultivo no Norte. Penso que as razões económicas também tiveram influência nos diferentes graus de delicadeza usado nestas duas regiões.”*

Talvez possamos aqui adicionar uma inferência, sendo o resto dos nossos entrevistados chineses e portugueses: a sua perceção émica da delicadeza está associada à história cultural destes países. Isso influencia a sua perspetiva de ver o uso da delicadeza como um conjunto de regras essenciais para o bom funcionamento da sociedade. Por outro lado, o entrevistado americano vê-a como algo estrangeiro à cultura em que foi criado e não essencial para o bom relacionamento entre os membros de um determinado grupo, privilegiando a clareza da intenção comunicativa e a simetria nas formas de tratamento como algo benéfico para a sociedade. Transcrevemos aqui 3 parágrafos na totalidade de modo a demonstrar esta questão:

#### *Entrevistado 13*

*“Historicamente esta ideia do ‘Professor’ não era assim tão comum na sala de aula americana, pela razão que mencionei anteriormente, as universidades eram pequenas no sistema educacional que sai do século XIX, as grandes universidades como as conhecemos hoje em dia só foram criadas depois da primeira e da segunda guerra mundial, quando grandes somas de dinheiro foram investidas no sistema educacional americano construindo estas universidades massivas.*

*Nesse tipo de sistemas a hierarquia tornou-se importante dentro das universidades, e com eles os títulos, ‘Professor’, ‘Professor Assistente’, etc. Mas no início não havia essa prepotência, sendo uma coisa relativamente nova, eram muito mais igualitárias as relações nas universidades. O termo ‘Professor’ era mais comumente usado com pessoas que vinham do ambiente europeu. Este tipo de*

*tratamento é trazido para a academia norte americana pelos europeus e a cultura europeia.*

*Na cultura universitária americana a relação com o professor não é baseada na hierarquia, é uma relação mais igualitária, mais como colegas. Isso tem a ver com a bagagem cultural e histórica que vem com as nações e as suas sociedades, a sociedade americana foi bastante democrática desde o início, pois as pessoas fugiram exatamente desse tipo estrutura hierárquica europeia que era muito intensa no século XVII e XVIII.”*

As declarações acima desnudam uma das questões centrais deste estudo, a ligação semântico-pragmática que se faz entre o funcionamento da delicadeza e o poder sobre o outro. Observemos agora algumas das intervenções dos outros entrevistados que vão ao encontro desta ideia, a da diferença no uso e funcionamento da delicadeza geograficamente e culturalmente.

#### *Entrevistada 1*

*“...em Portugal em alguns contextos ela mantém-se, mas noutros ela começa-se a diluir. Nomeadamente nas escolas essa diluição está a acontecer positivamente entre colegas quer sejam professores ou funcionários da escola. Em Macau já tive situações em que esta igualdade entre membros da instituição não é vista com bons olhos mesmo por estudantes. Há certos comportamentos que vêm da sociedade para dentro na sala de aula com maior facilidade do que o oposto... o que aprendemos na sala de aula demora bem mais tempo a sair. Existe maior resistência pela força do grupo em que os indivíduos se enquadram.*

*Em Macau entre colegas geralmente tratamo-nos por ‘tu’ não existe formalidade, eu por uma questão de educação, o tal espartilho de educação que temos desde muito cedo, há alguns professores mais velhos aos quais não consigo tratar por ‘tu’, embora eles já me tenham dito que os posso tratar por ‘tu’, ou seja, não é uma questão de hierarquia, mas por serem mais velhos.*

*Nunca estabeleci regras com os meus alunos, no início tratam-me sempre por professora, mas à medida que o ano vai avançando, até porque a relação de sala de aula que nós temos com eles é completamente diferente da que têm com um professor chinês, que ainda se encontra no registo ‘magister dixit’, eles não o questionam. Nós vamos para a sala e invertemos a coisa, a sala de aulas é deles (dos alunos) eles é que falam (...), portanto, à medida que o ano vai avançando, eles começam-me a tratar por Ana.”*

As afirmações da entrevistada 1 indicam que existe uma influência de diferentes universos culturais no seu meio, revela também o que Kádár e Culpeper mencionavam sobre a relação diacrónica que existe entre a cultura, a geografia e o indivíduo. A frase “*em Portugal em alguns contextos ela mantém-se, mas noutros ela começa-se a diluir*” mostra que a evolução da delicadeza não é um processo linear e sincrónico, mas um onde existe uma ação progressiva da mudança dos costumes e das regras de protocolo social. Colocando em linguagem simples, ela não acontece, mesmo num único contexto regional e cultural, ao mesmo tempo. É assíncrona, “*as culturas tornam-se interdependentes, penetram-se, nenhuma é um mundo por direito próprio, cada uma delas tem status híbrido e heterogéneo, nenhuma é monolítica e todas são intrinsecamente diversificadas*” (Burszta, 1996 *apud* Bauman, 2012, p. 58).

A entrevistada também vê algum conservadorismo dentro do tipo de hierarquia vertical que encontra a nível institucional nas universidades em Macau. Justificando-o com o enraizamento dos comportamentos a nível cultural, o tal condicionamento social. Os seus participantes tomam como ‘*statu quo*’ cultural a existência do superior e o inferior, e como a entrevistada explica, recusando a ideia de um tratamento mais simétrico e igual entre elementos da instituição com diferentes níveis hierárquicos:

#### *Entrevistada 1*

*“Em Macau já tive situações em que esta igualdade entre membros da instituição não é vista com bons olhos mesmo por estudantes. Existe maior resistência pela força do grupo em que os indivíduos se enquadram.”*

Parafraseando a entrevistada, do mesmo modo que o espartilho da educação condiciona o modo como vemos o mundo, o seu questionamento e a procura de soluções para os problemas que surgem alteram-no. Podemos observar este ponto através do que a entrevistada estabeleceu como *‘modus operandi’* da relação entre professor e aluno, dando mais liberdade e poder ao aluno, desta maneira contribuindo para uma mudança dos costumes e das regras culturais protocolares, mesmo dentro de uma instituição que a nível estrutural segue formas de tratamento mais conservadoras.

Surge aqui outra questão que é a que diz respeito à competência social e comunicativa do professor, de conseguir avaliar a situação e encontrar a melhor forma de chegar ao aluno, como diz a entrevistada 1, e de *‘pô-los a falar’* – i.e., a competência da sociabilidade, de saber ler o outro, como importante meio para ultrapassar as diferenças culturais e pessoais, ou mesmo explorá-las. *“O professor torna-se um agente mediador da cultura, atento ao modo como o diálogo entre as culturas se desenvolve. A preocupação do professor não deve ser de unificar as culturas, mas promover a interação entre os alunos, explorando as diferenças, tendo-as como ferramenta de construção das relações bem-sucedidas com o outro.”* (Figueira-Cardoso, 2021)

#### *Entrevistada 1*

*“Pois o aluno chinês tem um perfil muito diferente do aluno que temos em Portugal.”*

#### *Entrevistador – Em que sentido?*

*“É um aluno mais tímido e que foi formatado para obedecer, é muito difícil pô-los à vontade para comunicar numa situação de sala de aula, se formos muito ríspidos quando eles se começam lentamente a ambientar...isso corta... e começamos a ter uma sala de aula de silêncio e isso não funciona...não se quer de todo, sobretudo em disciplinas de línguas onde a oralidade é o foco. A minha autoridade não passa pela obrigatoriedade das formas de tratamento.”*

A relação entre a autoridade e o uso das formas de tratamento também esteve em foco no processo das entrevistas, questionámo-nos se existia uma ameaça real que justificasse o uso dos títulos. E se a autoridade e os títulos de tratamento acadêmico eram indivisíveis, essenciais para a manutenção da ordem e da própria autoridade.

Deixamos aqui alguns excertos das entrevistas anexadas onde foi debatido este tema de forma a o entendermos melhor.

*Entrevistada 1*

*“Não acho que exista uma ameaça visível a essa ordem em relação ao uso do nome próprio, o que existe são ambientes altamente conservadores. A questão das hierarquias através das formas de tratamento, hoje em dia, acaba por ser obsoleta pela questão da democratização do conhecimento através do uso das tecnologias, o professor já não é o detentor do conhecimento apenas é o mediador, o orientador, o motivador, no fundo um guia.”*

*Entrevistado 3*

*“Tem a ver com a cultura de sala de aula. Este é um espaço formal onde os alunos absorvem o conhecimento. A aprendizagem é algo que é rigoroso e formal. A formalidade beneficia a aprendizagem de modo a evitar o desleixo.”*

*Entrevistado 4*

*“Em relação aos títulos, estes só se tendem a manter se houver um distanciamento do professor, geralmente acontece com professores de maior idade. Quando existe proximidade, há a tendência para os títulos caírem. O que me parece efetivamente, é que quando alguns professores mantêm um distanciamento, em termos comportamentais com o aluno, não criam esse envolvimento, esquecem-se que a relação professor-aluno é uma relação de aprendizagem mútua e não de debitar matéria.”*

#### *Entrevistado 5*

*“Mesmo que a sociedade esteja a mudar, a cultura e a linguagem têm força para impedir a mudança, apesar dos jovens quererem uma posição mais igual na hierarquia, quer seja com os professores ou com alguém superior, por exemplo os chefes nas empresas. A cultura e o ritual social exigem que nos comportemos como a sociedade quer, por isso a maioria dos professores quer que demonstremos respeito para com eles e nós os estudantes temos que agir assim.”*

#### *Entrevistada 6*

*“Penso que na sociedade portuguesa tem havido uma evolução relativamente ao desuso dos títulos nas formas de tratamento embora o seu uso no meio académico persista, existe uma falta de leitura dos mais velhos relativamente à mudança dos tempos. Também existe uma questão institucional, ou seja, os mais velhos que estão no topo exigem, e os que estão por baixo vão e acabam também por a exigir quando chega a sua altura, no fundo é isso que cria a institucionalidade, o ciclo.”*

#### *Entrevistada 9*

*“...não se justifica, não há problemas de disciplina ao nível universitário, mas há um espírito de academia ainda muito retrógrado em Portugal, relativamente aos professores e ao exercício do poder. Mas penso que isso nota-se muito mais em Portugal do que em Macau.”*

#### *Entrevistado 10*

*“Penso que o uso da delicadeza faz parte da hierarquia que se estabelece na aula, pois põe o professor numa posição mais alta da hierarquia. Os títulos usados para quem está na hierarquia superior, também são convenientes pois ajudam quem está numa posição inferior a ter sucesso nos seus pedidos.”*

### *Entrevistada 11*

*“...enquanto o professor tiver o poder da avaliação na sua mão nunca vai ser uma relação de igualdade. O papel do professor e do aluno tem de estar definido, de modo a, cumprirem as expectativas mútuas. Mas penso que a questão do título é social, de aparência e não define a relação entre professor e aluno, guio-me mais sobre uma autoavaliação, de modo a não abusar do meu poder.”*

Analisemos agora as intervenções dos nossos entrevistados. Na primeira intervenção é abordado o tema em discussão, se ao nível do ensino superior existe uma ameaça à ordem dentro da sala de aula que justifique a manutenção dos títulos tradutores das semânticas de poder que marcam as diferenças hierárquicas entre aluno e professor.

Relativamente a este ponto, a entrevistada 1 explica que para além de não existir uma ameaça à ordem dentro da sala de aula que justifique o seu uso, também não há uma justificação plausível para a sua utilização, mesmo ao nível da função que tradicionalmente atribuímos a este tipo de marcadores, ou seja, a de indicadores de respeito e de admiração que por norma se projetam nas figuras que detêm o conhecimento, pois como a entrevistada indica: por via da tecnologia houve uma alteração significativa ao processo de aquisição do conhecimento através do acesso e democratização deste e, conseqüentemente, demonstrando a importância de valorizar a capacidade do professor guiar o aluno procurando tornar a linha entre guia e mestre menos ténue.

A intervenção do entrevistado 3 introduz um novo elemento nesta discussão, a da funcionalidade da formalidade como forma de evitar o desleixo do aluno e a sua associação ao rigor da etapa académica.

Uma das questões que esta afirmação levanta é relativa à suposição de uma tendência natural para o desleixo do aluno em contextos académicos e do ser humano em geral em contextos profissionais, justificando assim o uso dos títulos e do tratamento assimétrico e hierárquico como forma de manter a ordem, o rigor e a qualidade dos níveis de produção quer esta seja académica ou laboral, a questão do peso da formalidade e da informalidade nos níveis de produção intelectual.

No decorrer das entrevistas a posição de defesa da funcionalidade da formalidade acadêmica como algo intrínseco ao funcionamento da sala de aula foi notoriamente assumida pelos estudantes chineses. Podemos aqui assumir que esta tomada de posição infere a influência de um condicionamento cultural e social ligado a um contexto cultural próximo do português, ou seja, onde o *ethos* hierárquico ainda ocupa grande importância na estrutura social e nos modelos de comportamento contextual.

Relativamente ao contexto português, foi incorporada também a ideia da senioridade, onde a formalidade tende a diminuir consoante a diminuição do fosso etário entre professores e alunos. Esta situação pode ser indicadora de uma evolução no tempo relativo ao uso dos títulos e da formalidade na sala de aula. A intervenção do entrevistado 4 impele-nos a questionar se a posição de ‘*distanciamento*’ parte de uma intenção voluntária ou involuntária do professor, esta última causada pelo condicionamento e pela institucionalidade dos comportamentos dentro das universidades.

Anteriormente já pudemos observar através das estratégias da entrevistada 1 para o funcionamento da sala de aula que esta em última análise é sempre uma opção pessoal, ou seja, a da quebra com o modelo e protocolo institucional.

Podemos afirmar que há duas ideias em conflito do que retirámos das intervenções dos nossos entrevistados. Uma onde prevalece a mudança de comportamentos através de uma alteração da linguagem, tendo esta alteração como fim a aprendizagem mútua e um processo colaborativo entre aluno e professor, como sublinha o entrevistado 4, e a outra, como indica o entrevistado 5, da resistência à mudança, protagonizada por quem está mais alto na hierarquia, através da manutenção dos hábitos de linguagem, como o uso dos títulos honoríficos.

Existe neste conflito a ideia de um paradoxo da linguagem, no sentido da linguagem poder ser em simultâneo um veículo para a mudança ou um entrave. A ideia de obstáculo da perspectiva do aluno, como demonstrado pelo entrevistado 5, parte do seguinte conceito de obrigatoriedade, de “*cumprir o que é esperado de nós*”. Podemos aqui encontrar uma ideia que nas últimas décadas tem sofrido alterações. Estamos a falar da identidade, no sentido mais tradicional a que é atribuída e, num sentido mais atual onde

tem existido uma evolução em relação ao tempo dos nossos pais e avós, a que é adquirida e definida pelo indivíduo.

Este tem sido um dos assuntos centrais do pós-modernismo, os papéis que desejamos desempenhar na sociedade onde vivemos já não são os que nos eram tradicionalmente atribuídos, consoante o nosso género ou classe económica, por exemplo. Cada vez mais há uma maior liberdade para que o indivíduo possa construir a sua própria identidade, a ela também está associada a ideia de mobilidade nas estruturas sociais existentes.

Este é um dos outros pontos onde existe fricção e explica a resistência das instituições à mudança. As regras protocolares estão alicerçadas devido ao longo período histórico onde estas ocorreram, o que as alimenta e as mantém é o ciclo da institucionalidade como explica a entrevistada 6 *“Também existe uma questão institucional, ou seja, os mais velhos que estão no topo exigem, e os que estão por baixo vão e acabam também por a exigir quando chega a sua altura, no fundo é isso que cria a institucionalidade, o ciclo”*.

A intervenção da entrevistada 9 também vai ao encontro deste ponto no que diz respeito ao exercício e abuso do poder apontando um maior relaxamento da formalidade no território de Macau.

O entrevistado 10 aponta também uma ligação que se supõe indivisível, a ligação entre a delicadeza e os pedidos. Entramos aqui na noção introduzida por Kerbrat-Orecchioni sobre os *Face Flattering Acts* com aplicação neste caso aos taxemas verticais, ou seja, à distância de poder que existe entre interlocutores.

Culpeper (2003) também nos fala da delicadeza como uma forma de manipulação da linguagem de modo a cumprir os nossos objetivos conversacionais. Através da afirmação do entrevistado 10 podemos observar como a delicadeza é usada pelo meio da lisonja e do enaltecimento face a quem se encontra numa posição superior, usada para a satisfação dos pedidos de quem se encontra na posição mais baixa na hierarquia, algo que vai ao encontro do que Culpeper mencionava sobre a manipulação da linguagem para cumprir os objetivos conversacionais, neste caso os pedidos.

A entrevistada 11 considera que a questão do uso dos títulos é secundária e convencional apontando que o que realmente define a assimetria das relações académicas é o poder de avaliação que é concedido ao professor.

Embora esta questão se desvie do objeto em estudo, o uso dos títulos académicos e a sua relação com a manutenção da ordem e autoridade, observámos que no decorrer das entrevistas e da própria investigação de todas as questões levantadas esta foi a que, no nosso entendimento, será merecedora de um maior aprofundamento a nível disciplinar e interdisciplinar, e a que mostrou ser mais justificativa para as assimetrias semânticas hierárquicas, quer a nível da manutenção do poder, quer a nível dos pedidos, como já debatemos relativamente às declarações do entrevistado 10 – i.e., o uso da lisonja de modo a cumprir os objetivos individuais de cada um.

Em vários momentos das entrevistas foi debatido como os participantes olham para a avaliação, como também as alternativas possíveis ou já existentes às práticas avaliativas tradicionais.

Acreditamos ser importante colocar aqui algumas das intervenções dos nossos entrevistados, esperando assim contribuir para um melhoramento pedagógico e um maior entendimento disciplinar.

#### *Entrevistado 5*

*“...o professor ainda está no centro da universidade, isto é o professor tem o poder de nos avaliar.”*

#### *Entrevistado 3*

*“Penso que a cultura ocidental é mais flexível, com maior liberdade. As pessoas podem falar quando querem. A questão de os alunos poderem avaliar os professores no final do semestre também tem algum peso. Pois o professor também tem medo de ser avaliado, mas na China interior não existe este sistema. Aqui o professor tem a necessidade de adaptar a sala de aula aos alunos consoante as suas necessidades e sugestões. Na China é o oposto, não existe este sistema, os alunos são os que se têm de adaptar ao professor.”*

#### *Entrevistado 5*

*“No futuro, se a situação mudar, o critério deve ser mais variado. O ensino tem de ser separado da avaliação. Por exemplo, na escola secundária o objetivo é passar no exame final, isso permite uma relação mais íntima com o professor, uma de colaboração. Na universidade o professor tem o poder total sobre a avaliação final. O problema maior para mim nas universidades não é a distância, mas sim a transparência, por exemplo, quais os critérios que foram usados na avaliação visto que nunca há revisões dos exames. Em conclusão, é difícil uma aproximação com os professores se não houver transparência.”*

#### *Entrevistada 6*

*“Relativamente ao ponto que fez, acho que pode trazer problemas de injustiça, de certa forma, porque há muita coisa que nós percebemos na sala de aula, e agora no sentido positivo, pois temos estado a falar no sentido negativo. O professor não tem só ‘a faca e o queijo na mão’ para fazer o mal, mas também a tem para fazer o bem. Não é uma má nota num exame final que reflete o valor do aluno durante o ano inteiro, daí a importância da avaliação contínua. Há alunos que até não são muito brilhantes, mas são muito trabalhadores e isso deve pesar na avaliação. Também há mecanismos que permitem ao aluno recorrer da nota do exame. No politécnico temos um avaliador externo, um professor de outra universidade que nos acompanha durante o ano inteiro, a quem nós enviamos primeiro os programas para que ele os analise e nos dê um ‘feedback’, depois enviamos os enunciados dos exames para que ele verifique se estão de acordo com os exames, em seguida os resultados dos alunos, o pior, o melhor e o médio, ele analisa e no fim faz-nos um relatório final. Penso que é positivo que haja uma verificação de uma entidade extrauniversitária de modo a que haja transparência e justiça.*

#### *Entrevistada 9*

*“Aqui em Macau há um sistema de avaliação dos professores que é anónimo e se as respostas dos alunos forem frequentemente negativas, estas podem ter influência sobre a nossa renovação de contrato. Em Portugal não, por exemplo no Instituto*

*Superior Técnico onde estuda a minha filha, os alunos podem ver as avaliações dos professores dos anos anteriores e mesmo sabendo que uns têm avaliações péssimas, estes professores como são responsáveis pelas cadeiras, não são afastados, tornando as avaliações inúteis.”*

#### *Entrevistada 11*

*“Estes ‘agreement trials’ servem para afinar os critérios de avaliação de todos os professores que se encontram no mesmo departamento. Isto não foi feito desde o início, começamos há cerca de 3 anos e de facto tem ajudado bastante quer para uma avaliação mais justa quer para um poder mais distribuído. Outra das medidas novas é, antes de publicarmos as notas finais, todos os componentes de avaliação de cada aluno são discriminados e são enviados para um comité, o ‘board of examiners’, este grupo que é constituído por vários membros da faculdade faz uma avaliação dessas notas antes de serem publicadas, se houver alguma dúvida de o aluno ter sido prejudicado ou beneficiado, chamam o professor e pedem justificações da sua avaliação e só depois disso é que as notas são publicadas. Eu acho que este sistema é melhor que o anterior, que só dependia da avaliação do professor, este tinha a última palavra.”*

Acreditamos que a questão abordada em cima merece um estudo próprio e com maior profundidade. Escolhemos mencioná-la aqui, devido à análise das entrevistas e dos nossos dados, que mostram que este tema é um de relevo com implicações importantes para o futuro do ensino em geral. Dito isto e sem mais demora, voltemos à questão que originalmente nos propusemos debater – a do uso da delicadeza e dos títulos académicos na aprendizagem do Português Língua Estrangeira em Macau.

### 3.2. A Formalidade e a Interculturalidade

Outra das questões debatidas a fundo no desenrolar destas entrevistas foi o peso da formalidade a nível cultural e de como esta se traduz num contexto intercultural, neste caso a sala de aula de PLE no território de Macau.

Foi perceptível através do *corpus* reunido que existe uma impressão geral, por parte do corpo docente entrevistado, relativa à diminuição da formalidade académica em Macau comparativamente a Portugal. Foram vários os momentos em que os entrevistados partilharam as suas visões sobre a formalidade cultural portuguesa e a sua evolução.

Existe a perceção por parte dos professores em Macau que tem ocorrido uma evolução em Portugal no uso da formalidade, no sentido da sua diminuição, com menor uso de tratamentos honoríficos. Vejamos alguns exemplos retirados das entrevistas:

#### *Entrevistada 1*

*“...porque as instituições são altamente conservadoras, principalmente nas universidades clássicas onde a rigidez é muito maior apesar de haver uma facilidade de acesso aos professores, existe é uma tradição relativa às formas de tratamento. Penso que não é algo totalmente institucional e cultural, mas de indivíduos que devido ao seu percurso querem manter a tradição das formas de tratamento. Penso que mesmo quase 50 anos de uma educação pós 25 de Abril ainda há muitas coisas que ainda se mantém bastante pesadas, em 2020, do pré 25 de Abril e essa é uma delas... não sei... eu estou fora de Portugal há dez anos, isso teria de perguntar aos meus colegas. Pela informação que recebo existe uma maior informalidade no tratamento, mas pelo que percebo, não a nível do uso do nome próprio. Mas, já não há aquela reverência que havia há 30 anos atrás, do ‘Sr. Professor Universitário’, penso que isso já não existe.”*

As declarações da entrevistada 1 mostram vários pontos. Um deles é relativo à esfera de influência da tradição cultural nas instituições no que diz respeito às formas de

tratamento. Como indica, mesmo a ação de uma revolução política e social como o 25 de abril, não teve um efeito radical no uso das formas de tratamento dentro das universidades ou da sociedade portuguesa em geral.

A entrevistada introduz também a ideia do uso tradicional da formalidade como algo pessoal e não institucional, “*devido ao seu percurso*”, ou seja, à história pessoal dos indivíduos no seu percurso académico.

Esta ideia já foi anteriormente debatida e acreditamos ter algum fundo de verdade, visto que mesmo dentro das instituições universitárias, o espaço onde ocorre a interação professor-aluno, é um onde o professor tem um elevado nível de autonomia a nível das opções a que recorre no dia a dia de modo a construir a relação docente-discente, provendo-lhe de regras e limites, sendo a maior ou menor rigidez destas uma escolha individual.

Outro dos elementos enunciativos que encontramos em comum nos professores entrevistados, é a sua perceção do uso da formalidade no contexto universitário português, perceção esta marcada por uma distância física e temporal, visto que vivem no território de Macau há tempo considerável. De qualquer modo, a sua visão é importante para este estudo, pois o nosso condicionamento cultural serve de ponto de referência para os acertos morais que nós como indivíduos recorremos no determinar das nossas ações e comportamentos dentro e fora dos contextos profissionais.

Há um tema que está subentendido a esta questão, que é o da adaptabilidade e a competência intercultural. Na análise das entrevistas tem surgido a ideia de que dentro do universo da interculturalidade jogam fatores diferentes não só os sociais, culturais, históricos, de classe, mas também os pessoais. Aqui encontramos um conceito inerente a cada individuo que é a sua multidimensionalidade.

*“Um educador que visa perspetivas interculturais em sala de aula necessita de um esforço especial para fazer com que as experiências de ensinar e aprender, mais do que meios de alcançar competência comunicativa na nova língua-cultura, sejam um meio de construir, através do diálogo entre culturas, a interação entre sujeitos-*

*mundos diferentes e a construção de novos conhecimentos e experiências surgidos a partir desse encontro.* (Mendes, 2008)

Este deve ser o papel do professor no contexto intercultural, o de criar ligações entre as palavras e os contextos, dando a possibilidade ao aluno de entender as suas diferentes aplicações em diferentes contextos discursivos. Estamos a falar do que é denominado como a teoria dialógica da linguagem. Dentro do diálogo que ocorre na enunciação entre locutor e alocutário criam-se novos significados na discussão entre conceitos e valores, esta discussão aprofunda uma maior compreensão do outro, desenvolvendo a empatia.

Ao partilharmos o que pensamos e sentimos na relação enunciativa, aprofundamos a relação emocional, esta contribui para um maior entendimento do outro desta maneira quebrando o que nos separa, aproximando-nos numa relação de igualdade. Não estando tão conscientes da diferença do outro podemos ter uma relação mais aberta e natural, promovendo desta forma a aprendizagem linguística, cultural, social e individual dos sujeitos.

A identidade dos indivíduos está muito para além das abstrações das culturas nacionais e da identidade do grupo onde o individuo se insere, cada um é um mundo composto de uma multiplicidade de camadas e fatores. É desta perceção que os participantes no contexto de aprendizagem devem partir de forma a tornar a comunicação interindividual e enunciativa mais próxima, tomando as fronteiras mais elásticas e maleáveis, principalmente num contexto onde se inscreve a globalização e onde se vive mais situações de semelhança e proximidade do que o seu oposto.

Nesse sentido é importante que os professores introduzam um discurso dialógico e não monológico nas suas salas de aula. Esta abordagem irá contribuir para uma maior CCI dos alunos, promovendo a igualdade entre as partes, a perceção que a partilha e a aquisição do conhecimento é mútua, em constante mudança e desenvolvimento, permitindo uma participação mais profunda, interligada e ativa, contribuindo para um maior crescimento pessoal através do acordo e desacordo civil, próprio do discurso enunciativo dialógico. Será dentro desta abordagem que poderemos chegar a uma maior CCI dentro do contexto da sala de aula no ensino quer do PLE ou de qualquer outra LE.

*"Interculturality is not the simple coexistence of different cultures, but rather the sharing of these cultures in their difference, and sharing is only possible from living of everyday life among culturally differentiated communities, each with its own and distinct meanings of existence. It implies dialogical meetings and a continuous relation of alterity between concrete subjects, among human beings endowed with distinct visions of the world, among those that produce symbolic exchanges of senses and meanings."* (Guerrero Arias in Stolle-McAllister, 2007: 165 apud Deardorff, 2009: 258).

Shultz (1972) refere também que ninguém experiencia o mundo da mesma maneira, qualquer situação comunicativa é sempre um ato de diferenciação e de coorientação. Anteriormente já tínhamos usado o exemplo da entrevistada 1 para demonstrar o uso da interculturalidade e da individualidade de cada um pois estas estão sempre presentes nas dinâmicas da sala de aula. O aspeto relacional entre professor e aluno promove a competência intercultural de ambos. Retornando ao nosso tema principal e tomando como guia as intervenções dos nossos entrevistados, a diminuição da formalidade e o não uso dos títulos pode ser um catalisador para um relacionamento mais próximo e mais propício para o desenvolvimento mútuo da competência comunicativa intercultural.

#### *Entrevistada 9*

*"A interculturalidade é um dos aspetos que torna esta experiência de ensino mais rica, não só de ensino, mas também de aprendizagem, pois quando estamos em sala de aula também estamos a aprender. Esta dinâmica que se pode criar com uma outra cultura, de aprendizagem, de hábitos, de outros modos de vida, de outras formas de ver o mundo. Esta é a grande mais valia que retiro desta aprendizagem. O conhecimento do outro ajudou-me a perceber as suas dificuldades e facilidades de aprendizagem, pois há uma transposição das ideias da cultura nativa para o português, por exemplo, o 'beber a sopa'. Como os hábitos são diferentes depois há uma interferência, como é natural."*

A entrevistada 9 descreve em pleno a necessidade de diálogo entre os ‘*sujeitos-mundo*’ que habitam no dia a dia a sala de aula, mostrando que esta deve ser uma competência importante por parte do professor de língua estrangeira. Como a entrevistada 9 afirma “*o conhecimento do outro ajudou-me a perceber as suas dificuldades e facilidades de aprendizagem*”, existe aqui uma ligação relacional e inter-relacional entre consciência e cognição que se constrói ao longo do tempo, nas palavras de Matsuo (2012) uma compreensão das dinâmicas comunicativas que estão presentes na sala de aula.

São estas interações interculturais que constroem cultura. Concordamos com Matsuo, num contexto intercultural, temos que olhar para o outro e para nós próprios como entidades inacabadas e abstratas, num contínuo processo de descoberta e formação.

Acrescentamos aqui outras intervenções retiradas das entrevistas em anexo que vão ao encontro desta ideia.

#### *Entrevistada 1*

*“Penso que estão mais permeáveis (os chineses) porque nós somos mais abertos, somos mais expansivos e damos-lhes voz, com as implicações positivas e negativas que isso tem (risos), que no início é assustador para eles, mas lentamente vão assimilando esse lado menos formal e notamos mais essa postura com alunos que fizeram cursos no mundo anglo-saxónico embora os outros, talvez um pouco mais devagar, com o contato conosco também começam a estar mais à vontade.*

*Penso que os alunos chineses estão formatados de uma certa forma e que o facto de estarem em contato com vários professores portugueses e professores chineses que também passaram por Portugal e assimilaram determinados valores e formas de estar na sala de aula, os alunos lentamente se vão tornando mais leves. Há uma relação de respeito, mas não há essa questão de hierarquia e da formalidade do tratamento. Eu acho que o grande medo da diluição das formas de tratamento mais formais é que as pessoas a associam sempre a haver uma perda de respeito e eu não sinto isso. Há outros indicadores da falta de respeito que estão para além do uso das formas de tratamento. Num contexto de aprendizagem de uma língua estrangeira os registos formais e informais ainda estão a flutuar. A perspetiva*

*cultural aqui (em Macau) é muito interessante porque nesse aspeto notamos uma evolução no ‘estar’ na sala de aula, mesmo a postura corporal não é tão rígida.”*

#### *Entrevistada 2*

*“Esta situação em que o aluno ou aluna tem medo de perguntar à professora ou professor é mais comum na China. Devido à situação hierárquica entre aluno e professor. O professor tenta fazer a aula para todos os estudantes ouvirem. Na sala de aula com os professores portugueses já me sinto mais respeitada pelos professores e assim tenho mais coragem de fazer perguntas. O professor português diz sempre: ‘– Podem perguntar, não faz mal errarem, devem perguntar...’*

*No segundo ano tivemos em Castelo Branco. No nosso caso, fomos uma turma só de chineses, mas também tive oportunidade de experimentar a sala de aula dos estudantes portugueses e foi muito diferente. Existe mais liberdade na sala de aula dos portugueses... somos muito influenciados pela cultura chinesa, desde pequenos que observamos as regras da sala de aula, ou seja, não falar com os outros, não fazer barulho.”*

#### *Entrevistado 3*

*“...têm liberdade de perguntar, de responder, de discutir com os professores, existe sempre barulho, a aula típica na China só o professor é que fala. Não há barulho de fundo. Esta é a realidade nas universidades chinesas.”*

#### *Entrevistado 4*

*“O que me parece efetivamente, é que quando alguns professores mantêm um distanciamento, em termos comportamentais com o aluno, não criam esse envolvimento, esquecem-se que a relação professor-aluno é uma relação de aprendizagem mútua e não de debitar matéria, curiosamente, parece-me ser essa a tendência da parte dos professores chineses, de estarem no pedestal, o próprio uso do microfone, que mantem uma grande distância entre o professor e os alunos.”*

#### *Entrevistada 6*

*“Depende da personalidade dos alunos como é óbvio, mas penso que ainda são muito vincadas. Todos estes alunos que vêm do continente chinês são filhos únicos, portanto em quem os pais apostaram tudo, e são alunos que são muito empenhados nas aulas, numa escala de 0 a 100% a escala começa nos 80%, tudo o que for abaixo disso já começa a ser um drama. Nos alunos chineses de Macau, a especificidade cultural já está diluída no que referiu... numa cultura globalizada. Nos alunos dos PALOP, a cultura também é ainda muito vincada, mas duma maneira diferente do que os alunos do continente chinês. Este tipo de alunos está muito à vontade dentro da sala de aula, colocam questões frequentemente.”*

#### *Entrevistado 7*

*“Como já assisti a aulas de direito em português notei que os alunos macaístas<sup>1</sup> são mais abertos a fazer perguntas aos professores, por exemplo, de manhã os alunos não fazem perguntas, os alunos de noite são alunos trabalhadores e mais velhos, isso altera o modo como estão na aula, e afeta a frequência com que participam e fazem perguntas.”*

#### *Entrevistada 8*

*“Sim, isso afeta o outro tipo de perguntas e afeta o progresso na aprendizagem, penso que os professores chineses devem ser mais abertos, de modo a aceitarem as opiniões dos estudantes. Considero que isso melhoraria o processo de aprendizagem. Também acho que o uso dos títulos cria um distanciamento entre professor e aluno, se esta tradição for mudada vai ser mais favorável para os alunos. Mas penso que a nível de formalidade os professores portugueses e chineses são semelhantes.”*

---

<sup>1</sup> Termo outrora com conotação colonial pejorativa, mas hoje em dia de uso corrente para distinguir a comunidade étnica macaense, macaísta ou maquista (em patuá) devido ao termo macaense ser demasiado genérico, dos naturais ou que se identificam com sendo de Macau independentemente do seu tecido étnico. Foi também nossa opção o uso deste termo, ao longo do estudo, de modo a mitigar a confusão semântica, vulgar no leitor menos conhecedor da conotação étnica, dada ao termo macaense e o uso generalizado deste tipo de termo e sufixo referente a quem é de certa cidade ou país: setubalense, portuense, são-tomense, etc.

### *Entrevistada 9*

*“Acho que isso não é importante em termos de dinâmica de sala de aula, porque acho que ao impormos esse tipo de regras podemos estar a impor um distanciamento e penso que isso pode ter um efeito negativo. Por exemplo, este semestre em cada turma que tenho, temos um grupo de ‘WeChat’, o qual uso quando lhes quero dar recados, quando encontro uma coisa engraçada em português partilho com eles... Portanto tento construir uma relação afetiva e acho que os títulos podem quebrar isso.*

*Não acho que seja o facto de o aluno poder usar o meu nome próprio que vai ditar a aproximação ou não. Acho que as relações com os alunos se constroem no dia a dia na aula, independentemente do uso do título. O que eu encaro é que a relação que tenho com os alunos é uma relação específica diferente da que tenho com os meus amigos ou com a minha família, mas no fundo é uma relação humana e essa constrói-se.*

*Macau é uma cidade fantástica, tem um ambiente de descontração, eu adoro Macau. Por vezes vemos os chineses à noite no supermercado de pijama porque estão em casa e precisam de algo. Em Lisboa se aparecesse alguém de pijama na rua...(risos). E acho que é isso que torna Macau um sítio tão especial, Macau tem uma sociedade muito mais informal do que a nossa, é muito mais pragmática. Acho que os portugueses dão muito valor ao estatuto e é um pouco diferente da ‘face’ chinesa pois anda mais à volta da questão do poder, noto que as pessoas que chegaram recentemente de Portugal dão mais valor a esse tipo de coisas do que os que estão aqui há mais tempo.”*

### *Entrevistado 10*

*“Concordo no que diz respeito ao ensino das línguas, uma relação de proximidade, de amizade, ajuda a criar uma conversa entre os professores e os alunos. A delicadeza é um hábito, mas não é o único elemento que cria distanciamento. Um professor também precisa de ser interessante. Mas penso que a questão do distanciamento entre professor e aluno, é mais uma questão pessoal do que*

*cultural, até agora tive bastante sorte com os meus professores, sempre foram simpáticos e prestáveis.”*

#### *Entrevistada 11*

*“Os meus colegas chineses não gostam muito que os alunos os tratem pelo nome próprio. Geralmente nunca ouço os alunos a tratarem-nos pelo nome, se o professor for ocidental, sim. Talvez tenha a ver com a cultura desta universidade, com poucos alunos, o que permite uma maior proximidade. Em salas de aula com 200 alunos acredito que não seja possível essa proximidade e o trato pelo nome próprio não vai ajudar a esse tipo de relação.”*

#### *Entrevistada 12*

*“Sim, acho que uma relação próxima é melhor do que uma relação mais distante. Porque as pessoas estarão mais envolvidas na sala de aula, criará um melhor ambiente. Uma relação mais sincera em vez das pessoas apenas se limitarem a representar os seus papéis.”*

#### *Entrevistada 13*

*“Quando estou numa sala de aula chinesa, esses miúdos gostam de dizer ‘Lao She’<sup>2</sup> porque estão abertos ao que o professor lhes quer transmitir. Quando estou numa sala de aula americana e ouço professor eu nem de perto tenho o mesmo tipo de sensação”*

Foram aqui incluídas várias intervenções como exemplo demonstrativo do que é a multidimensionalidade da experiência individual de cada um e de como esta joga no jogo relacional e inter-relacional dentro da sala de PLE na Região Administrativa Especial de Macau, no fundo são reveladoras do importante papel que esta desempenha na interculturalidade e no desenvolvimento da competência comunicativa intercultural dos ‘sujeitos-mundo’ que a habitam.

---

<sup>2</sup> Professor em mandarim

#### **4. Análise dos dados obtidos durante o processo de entrevista**

A presente investigação tentou reunir diferentes tipos de agentes que participam amiúde no jogo intercultural que ocorre dentro e fora da sala de aula universitária de PLE. Registámos uma pluralidade de opiniões relativas às suas diferentes experiências e perspectivas dentro da subjetividade própria da vivência da delicadeza no contexto de sala de aula. Perspetivas estas que se enquadraram nos parâmetros de análise que este trabalho se propôs investigar: a evolução das formas de tratamento, particularmente, do uso e desuso dos títulos académicos no contexto universitário de PLE; a relação entre a hierarquia e as formas de tratamento simétricas e assimétricas dentro de diferentes contextos culturais; o significado e o valor do respeito; o uso histórico-social e atual das semânticas de poder como forma da manutenção das hierarquias institucionais onde se insere a universidade.

Este estudo teve como pano de fundo a cidade de Macau, Região Administrativa Especial da República Popular da China, no sudoeste asiático. Optámos por centrar o nosso estudo em três grupos distintos: Professores portugueses a lecionar PLE em contexto universitário em Macau, alunos universitários chineses do continente e alunos chineses locais.

Adicionámos intencionalmente mais um elemento, que embora com uma vivência profunda da interculturalidade ao nível universitário em Macau, foge ao perfil cultural dos nossos grupos de foco. Considerámos a sua perspetiva e experiência de valor analítico, pois permitiu-nos mergulhar em variáveis que não tínhamos considerado de importância primária no início deste trabalho: o peso da religião, da tradição, do regime político-social e das diferenças de classe, e sua ação linguística, comportamental e cultural nas sociedades humanas.

A experiência cultural norte americana do entrevistado 13 é, em grande medida, distinta das experiências dos participantes portugueses e chineses. Confirmámos no decorrer das entrevistas que a cultura chinesa e portuguesa apresenta várias semelhanças como indicado por Fryer & Pinheiro, 1961, p.123 *apud* Sun, 2018 p. 83.

O universo estudado foi pequeno, mas variado, permitindo-nos observar uma complexidade cultural, intercultural e pessoal, fruto da interação humana onde a delicadeza, existe e decorre, embora sejam reconhecidos em cada grupo traços próprios do seu ambiente cultural e vivência. No decorrer das entrevistas as opiniões foram diversas e plurais, mesmo entre elementos do mesmo grupo.

#### 4.1. O peso da formalidade e da informalidade na aprendizagem

*Entrevistada 1*

*“A minha autoridade não passa pela obrigatoriedade das formas de tratamento.”*

Um dos pontos comuns que encontramos entre as opiniões e impressões no universo estudado foi a ideia de que a delicadeza linguística está ligada a uma noção de protocolo e de ritual social que se rege por determinadas regras implícitas. Pelo menos, esta é maioritariamente a resposta inicial dos entrevistados à primeira pergunta do questionário – “*o que é para si a delicadeza?*”.

No decorrer das seguintes perguntas, introduzimos a possibilidade da delicadeza não ser apenas um conjunto de regras indispensáveis ao funcionamento da sala de aula e da própria sociedade, mas também uma forma de manutenção das hierarquias e do poder de quem o detém, conceito este que vai para além da mitigação das FTAs que atuam no ‘*jogo de face*’ descrito por Brown & Levinson.

Aquando os entrevistados consideraram este ponto, pudemos observar uma mudança significativa de uma opinião tipicamente formatada – revelando o peso do condicionamento sociocultural – através da introdução de um ponto que, apesar de lhes não ser desconhecido a nível inconsciente, não estava presente de modo algum na resposta à primeira questão.

O que nos induz a concluir que ao nível do que Watts nomeou como “*first order politeness*”, a delicadeza ainda está muito associada à ideia de respeito mútuo entre participantes do contexto enunciativo e não ao desequilíbrio e assimetria, claramente presente, no uso dos títulos e no uso da delicadeza em contexto universitário na relação entre professor e aluno.

No decorrer deste estudo também notámos algo curioso. A abertura para um tipo de relação mais simétrica mesmo dentro da hierarquia académica, vulgo relação entre

professor e aluno, com o desuso dos títulos, mostrou-se mais presente no grupo detentor do poder, os professores.

São vários os possíveis elementos indicados pelo elemento mais velho em estudo, que traduzem a causa da consideração positiva dum *status* mais igualitário para a sala de aula universitária de PLE:

Elementos culturais associados a alguma internacionalização dos professores a lecionar em Macau, de alguma maneira, longe das restrições institucionais próprias da cultura universitária portuguesa.

A experiência específica do ambiente vivido no ensino do Português Língua Estrangeira, onde os alunos chineses apresentam alguma relutância em participar verbalmente na interação com o professor, devido ao ambiente cultural onde cresceram, no qual é dada maior importância ao que o professor transmite, e menor à contribuição do aluno no processo de aprendizagem, algo também indicado pelos alunos chineses que participaram nesta entrevista.

Esta última situação obriga os professores a procurar outras vias, de modo a minimizar este problema. Uma delas é diminuindo o grau de formalidade, onde se inclui a possibilidade de não usar o título académico e de o tratamento ser feito pelo nome próprio, procurando por este meio um ambiente mais informal que induza o aluno a falar mais.

A entrevistada 1 ainda mencionou o seguinte relativamente ao enquadramento cultural de alguns estudantes em Macau, revelando alguma resistência em abandonar ou considerar uma alternativa ao *'statu quo'* existente: *“Em Macau já tive situações em que esta igualdade entre membros da instituição não é vista com bons olhos mesmo por estudantes. Há certos comportamentos que vêm da sociedade para dentro na sala de aula com maior facilidade do que o oposto... o que aprendemos na sala de aula demora bem mais tempo a sair. Existe maior resistência pela força do grupo em que os indivíduos se enquadram”*.

## 4.2. O uso da tecnologia como força da mudança

Outro ponto importante que justifica estar presente neste capítulo final, é o relativo à ação da tecnologia na democratização do saber e no acesso ao conhecimento, elemento este que altera a razão de ser das hierarquias, ou seja, o domínio do conhecimento e o papel de intermediário que os professores desempenharam ao longo de séculos.

Uma parte significativa do universo de alunos e professores entrevistados apontou o uso da tecnologia, como por exemplo, as plataformas digitais de comunicação como o ‘*WeChat*’ (plataforma com o maior uso nesta região do mundo), como forma de quebrar as barreiras erguidas pelo protocolo formal académico.

A presente situação pandémica tem contribuído em grande escala para o aumento do uso das ferramentas tecnológicas que apoiam a comunicação diariamente dentro do contexto do ensino de PLE na China. O contexto de pandemia que atravessamos, e que de forma inusitada impeliu as instituições educativas para um ensino remoto através das plataformas online, poderá catapultar os agentes educativos ligados ao português na China a desenvolver novas abordagens e atribuir um papel mais participativo aos meios tecnológicos e ao seu impacto no processo de ensino-aprendizagem (Manuel Duarte & Lin, 2021).

Outro dos pontos que introduzimos durante a investigação foi de como a tecnologia afeta e transforma a linguagem influenciando o condicionamento dos agentes que participam no contrato enunciativo: o professor e o aluno. Exemplo deste processo de influência na linguagem e nos comportamentos é a utilização dos ‘*chats*’ como forma de introduzir um corpo escrito muito próximo da oralidade, ao contrário dos emails ou dos fóruns que ainda seguem os princípios formais estruturais e protocolares escritos.

Durante o decorrer das entrevistas, também foi mencionado por alguns professores e alunos como um método válido para repor, ou simular, o contato mais próximo e informal associado à oralidade, dentro da relação de aprendizagem quando esta não é possível fisicamente.

### *Entrevistada 6*

*“Penso que o Covid19 tem vindo a agilizar o uso da tecnologia, tivemos essa experiência com os alunos dos PALOP no ano passado pois estes não conseguiram entrar em Macau, foi uma experiência muito rica, muito pela relação informal e colaborativa que conseguimos nos fóruns”.*

Como Silva indica, *“a linguagem utilizada nos chats transforma as relações entre fala e escrita, na medida em que há a necessidade de estabelecer a comunicação de modo bastante rápido e dinâmico, simulando as trocas comunicativas na interação face a face. Desse modo, expressões surgem abreviadas ao máximo, devido à economia verbal que tende a estreitar as relações entre fala e escrita, contribuindo para acentuar, também, o grau de informalidade nesse tipo de interação”* (Silva, 2011, p.133).

### 4.3. Algumas considerações sobre o corpus recolhido

Uma conclusão que retirámos das entrevistas aos professores foi a diferenciação entre o tipo de estudantes, com base nas suas origens regionais ou étnicas (no caso dos macaístas) e a maior ou menor frequência do uso dos títulos e da delicadeza dentro da sala de aula universitária de PLE.

Os grupos diferenciados mencionados foram: os chineses de Macau, os chineses do continente, os macaístas luso-descendentes, os alunos dos países africanos de língua oficial portuguesa, alunos portugueses e alunos provenientes de outros países ocidentais. O Brasil foi também mencionado, mas relativamente ao grupo de professores da frequência de uso em questão, apresentando também algumas diferenças.

Analisemos agora o *corpus* relativo às impressões partilhadas sobre os grupos diferenciados procurando estabelecer uma relação entre elas, de modo a que tenhamos uma visão geral sobre este quadro complexo que é a perspetiva da delicadeza, da formalidade protocolar académica e o uso dos títulos, por parte dos seus vários utilizadores na sala de universitária de PLE em Macau.

Na leitura dos nossos dados há a noção relativa à interculturalidade e à permeabilidade mútua entre professores e alunos. Os participantes passam muitas vezes um ano letivo juntos – e mesmo por vezes vários –, e é neste processo de trocas culturais, decorrentes de uma convivência praticamente diária, que surge uma mescla das diferentes culturas envolvidas.

As relações interpessoais dentro da interculturalidade não seguem um manual: constroem-se por tentativas, avanços e retrocessos. O mapa para o conhecimento do outro, principalmente aquele que possui uma cultura, língua e referências diferentes, é na sua maioria um mapa por desenhar, que se redesenha a cada encontro.

Uma das questões centrais ao nosso estudo é a da informalidade dentro da sala de língua estrangeira como instrumento catalisador para a aprendizagem e para o exercício e prática da língua estrangeira em questão, neste caso o português.

#### *Entrevistada 1*

*“Penso que estão mais permeáveis (os chineses) porque nós somos mais abertos, somos mais expansivos e damos-lhes voz, com as implicações positivas e negativas que isso tem (risos), que no início é assustador para eles, mas lentamente vão assimilando esse lado menos formal e notamos mais essa postura com alunos que fizeram cursos no mundo anglo saxónico embora os outros, talvez um pouco mais devagar, com o contato conosco também começam a estar mais à vontade.”*

#### *Entrevistada 2*

*“Esta situação em que o aluno ou aluna tem medo de perguntar à professora ou professor é mais comum na China. Devido à situação hierárquica entre aluno e professor. O professor tenta fazer a aula para todos os estudantes ouvirem. Na sala de aula com os professores portugueses já me sinto mais respeitada pelos professores e assim tenho mais coragem de fazer perguntas.”*

#### *Entrevistado 3*

*“Penso que a cultura ocidental é mais flexível, com maior liberdade. As pessoas podem falar quando querem. A questão de os alunos poderem avaliar os professores no final do semestre também tem algum peso. Pois o professor também tem medo de ser avaliado, mas na China interior não existe este sistema. Aqui o professor tem a necessidade de adaptar a sala de aula aos alunos consoante as suas necessidades e sugestões. Na China é o oposto, não existe este sistema, os alunos são os que se têm de adaptar ao professor.”*

#### *Entrevistado 4*

*“Curiosamente, há diferenças consoante as culturas, os alunos que vêm da escola portuguesa...os portugueses, tratam-me por ‘Sotor’ ou ‘Doutor’, um hábito que trazem da escola secundária e que mantêm aqui. Depois, numa primeira fase onde há ainda algum distanciamento, ou seja, não me conhecem, há uma tendência dos alunos chineses tratarem-me por professor, mas depois, passa a ser ‘José’ com o tempo deixam cair o ‘Professor’, talvez derivado duma proximidade, de um*

*conhecimento, tenho notado essa questão de um forma curiosa. Os estrangeiros, sobretudo os anglo-saxónicos usam professor quando falam de ti, para te referir, mas, na relação, no trato comigo abandonam o grau, não me chamam professor, chamam-me pelo nome.”*

#### *Entrevistada 6*

*“A minha experiência foi que os alunos chineses do continente, não conseguem deixar cair a formalidade de modo a sentirem-se mais à vontade na sala de aula, com intuito de participarem mais na aula. (...) Penso que isso é devido a uma razão cultural.”*

#### *Entrevistada 9*

*“Acho que isso não é importante em termos de dinâmica de sala de aula, porque acho que ao impormos esse tipo de regras podemos estar a impor um distanciamento e penso que isso pode ter um efeito negativo. Por exemplo, este semestre em cada turma que tenho, temos um grupo de ‘WeChat’, o qual uso quando lhes quero dar recados, quando encontro uma coisa engraçada em português partilho com eles... Portanto tento construir uma relação afetiva e acho que os títulos podem quebrar isso.”*

#### *Entrevistada 12*

*“Sim, acho que uma relação próxima é melhor do que uma relação mais distante. Porque as pessoas estarão mais envolvidas na sala de aula, criará um melhor ambiente. Uma relação mais sincera em vez das pessoas apenas se limitarem a representar os seus papéis.”*

Tal como a sua evolução e presente condição, as afirmações que apresentamos em seguida vão ao encontro da nossa premissa inicial. O corpus das entrevistas indica que tem havido uma evolução e um esforço para que a intensidade da formalidade, do protocolo e da delicadeza diminua, embora, locais como por exemplo o espaço universitário português

apresente ainda algum nível de resistência à mudança, mostrando também algum conservadorismo institucional a nível das relações intrauniversitárias entre professores e alunos, como também entre os próprios docentes e funcionários das faculdades, dentro e fora do mesmo grau hierárquico.

#### *Entrevistada 1*

*“Num contexto de aprendizagem de uma língua estrangeira os registos formais e informais ainda estão a flutuar. A perspetiva cultural aqui (em Macau) é muito interessante porque nesse especto notamos uma evolução no ‘estar’ na sala de aula, mesmo a postura corporal não é tão rígida.”*

*“...as universidades em Portugal na área das humanidades são muito conservadoras, por exemplo se formos para uma universidade de direito, é ultraconservadora. As formas de tratamento dentro da cultura portuguesa ainda são muito conservadoras mesmo ao nível de colegas como é o caso dos advogados. Entende-se esse tratamento em relação a um juiz, mas não entre professores ou colegas.”*

#### *Entrevistado 4*

*“Sim, em Portugal há muito o culto do Doutor mesmo dos que não o são, qualquer pessoa que tenha uma licenciatura é considerada Doutor, independentemente da área, portanto nota-se aí uma formalidade de alguma forma usada levemente, eu diria, que é desadequada inclusivamente pois quem é licenciado não é doutor, há um excesso de formalismo na cultura portuguesa. Aqui (em Macau) na prática há uma menor reverência, uma menor utilização do grau, do título profissional. Mas isso é muito comum na comunidade portuguesa, quando chegam às instituições.”*

#### *Entrevistado 5*

*“É praticamente igual, porque ambas as culturas são conservadoras. Quando estive em Portugal, como estudante chinês não senti nada de estranho, a questão da delicadeza não foi um problema.”*

#### *Entrevistada 6*

*“Penso que na sociedade portuguesa tem havido uma evolução relativamente ao desuso dos títulos nas formas de tratamento embora o seu uso no meio académico persista, existe uma falta de leitura dos mais velhos relativamente à mudança dos tempos. Também existe uma questão institucional, ou seja, os mais velhos que estão no topo exigem, e os que estão por baixo vão e acabam também por a exigir quando chega a sua altura, no fundo é isso que cria a institucionalidade, o ciclo.”*

#### *Entrevistada 9*

*“Não, nesse aspeto nós portugueses somos absolutamente provincianos, há o exercer do poder de uma maneira que acho absurda, sinceramente. E a formalidade excessiva que se associa aos alunos chineses também é um estereótipo. Sei que os ambientes ao nível universitário em Portugal são muito mais formais do que nós imaginamos. Ao nível universitário há de facto marcadamente esta posição, este exercer de poder que aqui em Macau não existe.”*

Foi também observado no corpus reunido, o peso cultural e a importância dada à tradição, ao uso dos títulos e ao protocolo académico pelos alunos chineses. O peso atribuído às regras linguísticas de interação social é algo que as duas culturas em foco partilham pois apesar das transformações socio-históricas decorrentes na última metade do século XX, estas muitas vezes, ainda seguem o ethos hierárquico dentro das suas múltiplas estruturas sociais.

#### *Entrevistado 2*

*“Ter respeito ao professor, ter respeito ao conhecimento. Na China, na sala de aula os professores dão-nos o conhecimento e ensinam-nos o que é importante para o futuro. Este processo é o que chamamos de educação, assim acho que devemos demonstrar o respeito.”*

*“Isto tem a ver com a cultura chinesa. Só usamos o nome próprio com pessoas da mesma idade, ou com relações onde existe intimidade.”*

### *Entrevistado 3*

*“Acho que deve haver uma diferença no trato, porque é a regra a que estamos acostumados a obedecer.”*

*“Se quisermos pedir um esclarecimento ao professor devemos mostrar respeito, acho que o uso do nome próprio é demasiado pessoal. É uma petição, um pedido, logo devemos usar o título do ‘mestre’ e não o nome próprio.”*

*“Tem a ver com a cultura de sala de aula. Este é um espaço formal onde os alunos absorvem o conhecimento. A aprendizagem é algo que é rigoroso e formal. A formalidade beneficia a aprendizagem de modo a evitar o desleixo. “*

### *Entrevistado 5*

*“Na nossa cultura é muito importante mostrar respeito para alguém superior. A sociedade atual é diferente do que era no passado, mas o sistema de ensino superior não mudou. (...) Porque o professor ainda está no centro da universidade, isto é o professor tem o poder de nos avaliar.”*

### *Entrevistado 10*

*“Penso que o uso da delicadeza faz parte da hierarquia que se estabelece na aula, pois põe o professor numa posição mais alta da hierarquia. Os títulos usados para quem está na hierarquia superior, também são convenientes pois ajudam quem está numa posição inferior a ter sucesso nos seus pedidos.”*

*“Acho que esta hierarquia se justifica na aula. É como uma regra silenciosa, embora ache que os portugueses gostam mais do que os chineses da delicadeza, dos títulos, do pedir licença, do agradecer. Penso que o chinês tem uma linguagem mais direta. Mas na minha opinião os títulos não criam distância entre as pessoas*

*e não são um obstáculo para estudar, a motivação para estudar depende de pessoa para pessoa.”*

Existe também, por parte de alguns professores entrevistados, a ideia de que o tipo de reverência e de delicadeza prestada ao professor pelo aluno da china continental é diferente da que é encontrada no ocidente e mesmo em Macau.

*Entrevistado 4*

*“Os chineses da China continental são mais esforçados, mais trabalhadores, mais dedicados e na prática sinto que são mais delicados. (...) este professor está aqui a ensinar-me, está-me a dar algo dele, a ensinar-me algo que eu não sei, isso leva a uma cordialidade que aqui a nível local não existe.”*

*Entrevistada 6*

*“Sim, existem diferenças. Os alunos da China têm uma disciplina que os nossos de Macau não têm, devido à liberdade que experienciam aqui, não são tão formais.”*

*Entrevistada 11*

*“Os alunos portugueses, não me parece que o sintam da mesma maneira. Fazem a diferenciação do tratamento, mas dá-me a sensação que a delicadeza, no caso dos portugueses, está sempre associado ao pedido, ao quererem algo em troca. Nos alunos chineses do continente, o respeito e a admiração pelo professor parecem ser mais genuínos, nos de Macau não.”*

## **5. Conclusão e considerações finais**

Esta dissertação teve por finalidade uma reflexão sobre o aspeto intercultural do uso dos títulos e da delicadeza na sala de aula de PLE. Foi também uma reflexão sobre o peso de várias variáveis nos comportamentos e de como os participantes dessa micro sociedade que é a sala de aula empregam e fazem uso dos títulos, quer para satisfazer os seus pedidos, quer como via da manutenção do poder e das hierarquias.

Foi um longo estudo que nos permitiu recolher diferentes opiniões, impressões e testemunhos da vivência prática e do dia-a-dia na sala de aula universitária de PLE em Macau.

As opiniões foram plurais e diversas, no seu conteúdo e universo de entrevistados. Ponto que nos permite concluir que muitas vezes a perspetiva e consciência dos agentes envolvidos sobre o uso dos títulos e da delicadeza não é somente pessoal ou cultural, ela acontece isocronamente.

Sumariamente e em última análise foi um estudo centrado na perspetiva dos participantes da sala de aula, daí a importância de termos incluído as entrevistas na integra no estudo, e de como estes experienciam a delicadeza e uso dos títulos no contexto universitário, no caso particular de Macau, este contexto tem fortes contornos interculturais. Contornos interculturais e comportamentais, que na grande angular, são condicionados por especificidades e elementos estruturais linguísticos, históricos, religiosos, sociais, económicos, etc.

A relação entre as semânticas de poder, ou seja, o uso dos títulos, e as estruturas de poder, neste caso as instituições universitárias, é algo que pensamos ser importante incluir nesta conclusão final.

Pudemos retirar da nossa conversa com o último entrevistado, exemplos dessa relação, o exemplo da escravatura no sul dos Estados Unidos e o aumento da intensidade e frequência das formas de tratamento formais e uso dos títulos e o menor uso deste tipo de formas no norte dos Estados Unidos, como menciona o entrevistado 13:

### *Entrevistada 13*

*“Historicamente, a sociedade americana era composta por agricultores independentes, sem superestrutura. E em algumas partes dos E.U.A., particularmente no Sul, onde havia a distinção entre os escravos e os não escravos, aí os níveis de delicadeza são muito mais altos. Se fores à parte norte ou central dos Estados Unidos, há diferentes estruturas de delicadeza comparativamente com o sul. Onde existe uma sociedade mais hierarquizada existe também formas mais intensas de delicadeza.”*

Relativamente ao conservadorismo das formas de tratamento que encontramos na cultura chinesa e portuguesa, este pode ser explicado pela presença secular de sistemas sociais de poder extremamente estruturados, e devido à sua longa duração, embutidos na cultura destes países e no condicionamento cultural das populações autóctones.

Outro aspeto que também devemos incluir nestas páginas finais, sendo um dos pontos principais do nosso estudo, é relativo à evolução das formas de tratamento e do uso de títulos nestas duas culturas. Ao longo da nossa pesquisa e recolha de dados pudemos observar, e agora, retirar algumas conclusões. Conclusões estas que nos transmitem a ideia de uma evolução, mas uma que se mostra ser lenta e progressiva. Mostrou-nos também a força do condicionamento social e cultural, como pudemos observar nos registos dos entrevistados mais jovens, apresentando muitas vezes alguma dificuldade em considerar um tipo de relação mais informal com o uso do nome próprio no tratamento ao professor, justificando esta posição pela presença do confucionismo e o rigor da sua estrutura hierarquizada, com claras regras de tratamento e de interação com os outros. Também é verdade, segundo os professores, que muitos dos alunos chineses têm maior facilidade na passagem para o trato informal e o uso do nome próprio dos professores quando a permissão para tal é verbalmente dada. O que nos indica a adaptabilidade do nosso comportamento às circunstâncias. A justificação para que os alunos portugueses tenham maior dificuldade na mudança para um comportamento mais informal dentro da sala de aula, comportamento que foge do protocolo institucional, pode dever-se a dois pontos, um deles será a maior força da formalidade na cultura portuguesa, outra será que, havendo um

professor português na aula devido ao condicionamento cultural, os alunos portugueses seguem o protocolo enunciativo, o mesmo se aplicaria aos alunos chineses se o professor fosse também do mesmo grupo cultural.

Esta alteração do comportamento e dissociação da bagagem histórica relativamente a indivíduos de um determinado ambiente cultural mostra-nos que a experiência intercultural é algo de positivo em contexto de sala de aula, situação onde a informalidade ocupa um lugar importante, permitindo aos alunos um certo relaxamento e, conseqüentemente, promovendo um melhor ambiente para o exercício do questionamento, do lidar com o erro e da aprendizagem.

É nosso entender que o presente estudo e o seu resultado contribuem positivamente para o entendimento e ação pedagógica e interdisciplinar desta interessante e valiosa área do Português Língua Estrangeira – estudo no qual debatemos duas grandes temáticas da linguística aplicada: a delicadeza e a interculturalidade.

Este trabalho foi realizado e redigido num espaço de um ano, entre 2021 e 2022, queremos agradecer a todos os que participaram neste estudo que mesmo sob a adversidade vivida no presente, deram-nos o seu tempo e o seu contributo. Sendo este um estudo sobre a linguística é importante, nestas linhas finais, sublinhar o valor e a importância da comunicação e do debate na constante luta para derrubar as paredes que nos dividem, quer sejam estas físicas ou linguísticas. Este estudo prova que a aproximação entre professores e alunos é possível, pois mesmo muitas vezes não havendo consciência do que o outro pensa, este estudo revelou que no presente existe o desejo e a vontade para que as relações dentro da sala de aula universitária sejam mais próximas, mais transparentes e mais genuínas. Com o intuito de aumentar o bem-estar dos participantes e em última análise também aumentar o gosto e a qualidade da aprendizagem do Português Língua Estrangeira em Macau.

## 6. Bibliografia

- Austin, J. L. (1970). *How to do things with words*, Cambridge, Harvard University Press.
- Brown, Penelope & Stephen C. Levinson (1978). Universals in language usage: Politeness phenomena. In Esther N. Goody (ed.) *Questions and Politeness*, pp. 56–289. Cambridge: Cambridge University Press.
- Brown, P. & Levinson, S. C. (1987). *Politeness. Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press
- Brown, R., & Gilman, A. (1960). The Pronouns of Power and Solidarity. In T. A. Sebeok (Ed.), *Style in Language* (pp. 253–276). Cambridge: MIT Press.
- Carreira, Maria Helena Araújo, 2001 - "A delicadeza em português. Para o estudo das suas manifestações linguísticas", in Carreira, M.H. Araújo, 2001 - *Semântica e discurso. Estudos de linguística portuguesa e comparativa (Português/Francês)*, Porto, Porto Editora, pp. 82-93; artigo também publicado no manual da Universidade Aberta da autoria de Maria Emília Ricardo Marques - 1995 - *Sociolinguística*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Culpeper, Jonathan. (2011). Politeness and impoliteness. *Sociopragmatics*, Volume 5 of *Handbooks of Pragmatics*.
- Di, Chen. (2014). O papel da imersão na aprendizagem das formas de tratamento em português por alunos chineses. Universidade de Coimbra.
- Fernandes, Gonçalo. (2010). "O Princípio da Cortesia em Português Europeu". Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Eelen, Gino (2001). *A Critique of Politeness Theories*. Manchester: St Jerome Publishing.
- Gao, Hong (1999). *Features of request strategies in Chinese*. (Working Papers, Lund University, Dept. of Linguistics; Vol. 47).
- Goffman, E. (1967). *Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behaviour*. New York: Pantheon Books
- Goffman, Erving. (1993). "La communication en défaut", *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 100, n° 1, pp. 66-72.
- Grice, Paul (1989). *Logic and Conversation*. In: *Studies in the Way of Words*. Cambridge: Harvard University Press, 22-40
- Grice, H.P. (1957). "Meaning", *Philosophical Review*, 66(3). Reprinted as ch.14 of Grice 1989, pp. 213–223.

- Grosso, Maria José Reis. (1999). Macau, identidade multilingue, Revista Macau.
- Gouveia, Carlos. (1996). “Pragmática” in Faria, I. H.; Pedro, E. R.; Duarte, I.; Gouveia, C. (Orgs.), 1996, *Introdução à Linguística*
- Hu, Hsien Chin. (1944). “The Chinese Concepts of Face” *American Journal of Sociology*, vol. 46, no. I: 45-64.
- Kerbrat-Orecchioni, C., (2002). "Politesse en deçà des Pyrénées, impolitesse au delà: retour sur la question de l'universalité de la (théorie de la) politesse", *Marges Linguistiques*, Mai, pp. 1-18
- Lakoff, R. (1973). "The logic of Politeness; or, Minding your p's and q's". In *Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, pp. 292-305.
- Lakoff, Robin. Ide, Sachiko. (2005). “Broadening the Horizon of Linguistic Politeness” [*Pragmatics & Beyond New Series*, 139]. xii, 342 pp.
- LEECH, G. (1983). *Principles of Pragmatics*. London/New York: Longman
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1992). *Les interactions verbales*. Tomo II. Paris: Armand Colin.
- Qi, Xiaoying. (2011). “A Chinese Concept in a Global Sociology” *in Journal of Sociology* 47(3):279-295 .
- Teon, Aris. (2017). The Concept of face in Chinese Culture and the Difference Between Mianzi and Lian, *The Greater China Journal*. disponível em <https://china-journal.org/2017/02/25/the-concept-of-face-in-chinese-culture-and-the-difference-between-mianzi-and-lian/>
- Manuel Duarte, José. Lin, Mankin, (2021). “Os estudantes chineses e os hábitos de uso da internet ao encontro da língua portuguesa e do mundo lusófono”. *Orientes do Português*, Vol.2, p. 19-30.
- Matsuo, C. (2012a) A critique of Michael Byram’s Intercultural Communicative Competence model from the perspective of model type and conceptualization of culture. *Fukuoka University Review of Literature & Humanities*, 44, 347-380
- Redmond, Mark V., (2015). "Face and Politeness Theories" *English Technical Reports and White Papers*. 2
- Salomão, R., (2007), *Línguas e Culturas nas Comunicações de Exportação: Para uma Política de Línguas Estrangeiras ao Serviço da Internacionalização da Economia Portuguesa*. Universidade Aberta, Lisboa.

- Searle, John R. *Speech Acts*. (1969). *An Essay in the Philosophy of Language*. London: Cambridge University Press.
- Searle, John R. (2002). *Expressão e Significado*, São Paulo, Martins Fontes.
- Cooper, Robert L., (1989). *Language planning and social change*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Silva, I. M. M. (2011) “Navegando rumo aos desafios da educação a distância. Estudos em Educação e Linguagem, Recife, vol.1, n.1, p. 125
- Sun, Yuqi. (2018) “Delicadeza Linguística: do Mandarim ao Português. Interação aluno/professor no context universitário, através de email”. Universidade de Lisboa
- Vikki, Liisa (2006) *Politeness, Face and Facework: Current Issues*
- Wang, Yifan. (2018) “Impacto da transferência negativa na Aprendizagem das preposições portuguesas por Alunos Chineses”., Universidade de Aveiro.
- Watts, Richard J. (1992, ed. 2005). “Politeness in language”. Mouton de Gruyter,
- Watts, Richard J. (2003). “Politeness”. Cambridge University Press,
- Yi, Zheng. (2019) *Forward and backward anaphora resolution in European Portuguese and Chinese: syntactic properties and second language acquisition*. Universidade de Lisboa.

## **7. Anexo**

Em anexo apresentam-se as entrevistas integrais, de modo a complementar o estudo elaborado. Primeiramente será apresentado o questionário de base utilizado como fio condutor da entrevista, o qual foi sendo ajustado, conforme o decorrer da conversa com cada interlocutor.

### **Questionário**

- Q8.** O que é para si a delicadeza?
- Q9.** O uso da delicadeza para si é mais sobre a consideração pelo outro no sentido mais altruísta ou do reforço positivo da face no sentido mais egocêntrico, ou ambos?
- Q10.** E sobre o uso dos títulos honoríficos ao nível académico entre professores e alunos e mesmo o seu uso intrauniversitário dentro do corpo universitário.
- Q11.** A hipótese que parto para este estudo é a seguinte que o uso dos títulos académicos no dia a dia dentro da sala de aula cria um distanciamento entre professor e aluno e que o abandono do seu uso, ou seja, que o aluno e o professor se tratem pelo nome próprio dentro da sala de aula não implica uma perda de respeito como também aproxima a relação beneficiando a aprendizagem e o intercâmbio intelectual. Pode comentar?
- Q12.** Em relação a Macau e ao ensino de PLN a nível universitário estamos perante duas culturas, a chinesa e a portuguesa, que dão ainda bastante valor cultural ao uso dos títulos honoríficos dentro e fora da sala de aula, com a globalização e a revolução tecnológica que em termos de valores culturais teve ao leme os norte americanos em particular e em geral o mundo anglo saxónico, no enquadramento histórico temporal pós segunda guerra mundial, pensa que houve alguma permeabilidade relativamente ao trato mais informal a nível universitário particular desta cultura na cultura portuguesa e chinesa?

- Q13.** Se possível podia me dar a sua perspetiva na evolução, no sentido se houve ou não houve, da delicadeza e das formas de tratamento dentro da cultura portuguesa na sua experiência académica.
- Q14.** Relativamente à sua experiência intercultural dentro do ensino do PLNM na China podia partilhar connosco a sua perspetiva pessoal relativamente às formas de tratamento, mas não exclusivamente a estas, o seu insight?

## Entrevistas

*Entrevistado 1 – Ana, Portuguesa, Professora no Instituto Politécnico de Macau, leciona Língua Portuguesa e Linguística*

- Q1.** A delicadeza é haver um respeito mútuo entre o professor e o aluno, quer no que se quer transmitir como na forma que se transmite, obedecendo a determinadas regras sociais. Penso que não é importante haver regras específicas para a sala de aula pois esta funciona como um micro espaço, uma micro transferência da sociedade. Desde que haja respeito nas ideias e na forma como estas são transmitidas estabelece-se uma relação de delicadeza.
- Q2.** Penso que é um pouco de ambos com preponderância do primeiro. Na sociedade temos de respeitar o outro e perceber que há limites, a delicadeza funciona como forma de mediar essa delimitação de espaços, o atípico é ocorrer o oposto. Penso que esse tipo de coisas se estão a perder no dia a dia, as pessoas andam muito exasperadas e perde-se esse filtro.

Não penso que a questão da delicadeza seja uma questão moral... a sociedade tem regras e nós para nos respeitarmos uns aos outros precisamos dum filtro, não é uma questão moral.

*Entrevistador – Por vezes a nível institucional a delicadeza é usada como forma de manutenção do poder, da hierarquia...*

...E existe em algumas instituições, a escola é um dos sítios, tudo o que é serviços oficiais, eu acho que essa questão se mantém muito, pelo menos aqui em Macau. Quando vamos a um desses serviços sabemos que há uma hierarquia e que temos que a manter, em Portugal em alguns contextos ela mantém-se, mas noutros ela começa-se a diluir. Nomeadamente nas escolas essa diluição está a acontecer positivamente entre colegas quer sejam professores ou funcionários da escola. Em Macau já tive situações em que esta igualdade entre membros da instituição não é vista com bons olhos mesmo por estudantes. Há certos comportamentos que vêm da sociedade para dentro na sala de aula com maior facilidade do que o oposto... o que

aprendemos na sala de aula demora bem mais tempo a sair. Existe maior resistência pela força do grupo em que os indivíduos se enquadram.

- Q3.** Em Macau entre colegas geralmente tratamo-nos por “tu” não existe formalidade, eu por uma questão de educação, o tal espartilho de educação que temos desde muito cedo, há alguns professores mais velhos aos quais não consigo tratar por “tu”, embora eles já me tenham dito que os posso tratar por “tu”, ou seja, não é uma questão de hierarquia, mas por serem mais velhos.

*Entrevistador – Estou a falar mais do uso dos títulos académicos, por exemplo, tratar um aluno pelo nome próprio e o aluno a tratar pelo título académico...*

Nunca estabeleci regras com os meus alunos, no início tratam-me sempre por professor, mas à medida que o ano vai avançando, até porque a relação de sala de aula que nós temos com eles é completamente diferente da que têm com um professor chinês, que ainda se encontra no registo “*magister dixit*”, eles não o questionam. Nós vamos para a sala e invertemos a coisa, a sala de aulas é deles (dos alunos) eles é que falam, no fundo nós mediamos o acesso à educação, nós não somos a fonte da educação, até porque no fundo muito dos alunos estão na sala de aula com computadores ou telemóveis e estão ativamente a procurar coisas relacionadas com a aula... Portanto, há medida que o ano vai avançando, eles começam-me a tratar por Ana. Como estamos num contexto de português língua estrangeira eles não se sentem muito seguros a nível de língua, ou seja, usam a segunda pessoa do singular com o “Ana” também devido ao chinês não ter o “tu” formal, o “você”, eu não os corrijo, apenas chamo-lhes à atenção, pois eles vão para uma situação de intercâmbio, vão fazer o segundo ano inteiro a Portugal, onde é uso corrente usar o “você”, mas eu pessoalmente não me sinto ofendida quando me tratam por “tu”. Foi estranho no início, porque nós em Portugal não estamos habituados, geralmente usamos o “professor” ou o “setor” e quando ouvi o uso do “Ana” soou-me estranho, mais por uma questão de hábito, mas nunca me senti inferiorizada por me tratarem pelo primeiro nome. Para mim é mais importante que eles comuniquem, falem e que se sintam mais à vontade para falar comigo. Pois o aluno chinês tem um perfil muito diferente do aluno que temos em Portugal...

*Entrevistador – Em que sentido?*

É um aluno mais tímido e que foi formatado para obedecer, é muito difícil pô-los à vontade para comunicar numa situação de sala de aula, se formos muito ríspidos quando eles se começam lentamente a ambientar...isso corta... e começamos a ter uma sala de aula de silêncio e isso não funciona...não se quer de todo, sobretudo em disciplinas de línguas onde a oralidade é o foco. A minha autoridade não passa pela obrigatoriedade das formas de tratamento.

- Q4.** Entendo que as instituições têm mecanismos altamente conservadores e para manter a ordem se socorram à questão da hierarquia e essa hierarquia passa pelas formas de tratamento.

*Entrevistador – Há uma ameaça a essa ordem que justifique esse ethos hierárquico?*

As situações onde esta hierarquia se justifica são atípicas, aqui em Macau é bastante invulgar embora em Portugal penso que já não é tão raro e essa hierarquização é um mecanismo de defesa, tanto para a instituição como também para as pessoas individualmente. Não é por acaso que quando uma pessoa se sente ameaçada numa sala de aula o primeiro argumento que utiliza é: “- não se esqueça que eu sou o professor e você é o aluno”. Portanto, numa tentativa de estabelecer limites. Eu vejo a coisa desta forma..., mas sou de outra geração, se calhar os professores mais velhos veem de outra forma. Eu por exemplo sempre tratei os meus professores pelo título.

*Entrevistador – Mas sobre o uso do nome próprio...?*

Não acho que exista uma ameaça visível a essa ordem em relação ao uso do nome próprio, o que existe são ambientes altamente conservadores. A questão das hierarquias através das formas de tratamento, hoje em dia, acaba por ser obsoleta pela questão da democratização do conhecimento através do uso das tecnologias, o professor já não é o detentor do conhecimento apenas é o mediador, o orientador, o motivador, no fundo um guia. Nós já não somos os únicos que temos acesso aos

livros como era há 50 anos, esse acesso é hoje em dia completamente democrático, felizmente... para além dos motores de busca... hoje em dia qualquer pessoa pode comprar um livro na língua que domine e ler a fonte original, não precisa do professor como intermediário.

***Entrevistador – No caso português existe alguma resistência da comunidade docente em ver o que estamos a falar neste momento, em absorver esta realidade?***

Há, porque as instituições são altamente conservadoras, principalmente nas universidades clássicas onde a rigidez é muito maior apesar de haver uma facilidade de acesso aos professores, existe é uma tradição relativa às formas de tratamento. Penso que não é algo totalmente institucional e cultural, mas de indivíduos que devido ao seu percurso querem manter a tradição das formas de tratamento. Penso que mesmo quase 50 anos de uma educação pós 25 de Abril ainda há muitas coisas que ainda se mantêm bastante pesadas, em 2020, do pré 25 de Abril e essa é uma delas... não sei... eu estou fora de Portugal há dez anos, isso teria de perguntar aos meus colegas. Pela informação que recebo existe uma maior informalidade no tratamento, mas pelo que percebo, não a nível do uso do nome próprio. Mas, já não há aquela reverência que havia há 30 anos atrás, do “Sr. Professor universitário”, penso que isso já não existe.

- Q5.** Penso que estão mais permeáveis (os chineses) porque nós somos mais abertos, somos mais expansivos e damos-lhes voz, com as implicações positivas e negativas que isso tem (risos), que no início é assustador para eles, mas lentamente vão assimilando esse lado menos formal e notamos mais essa postura com alunos que fizeram cursos no mundo anglo saxónico embora os outros, talvez um pouco mais devagar, com o contato connosco também começam a estar mais à vontade.

***Entrevistador – Façamos um pequeno exercício... se a nível da informalidade numa escala de 0 a 10 a cultura anglo-saxónica é um 8, que valor daria à portuguesa e que valor daria à chinesa?***

Daria à portuguesa um 6 e à chinesa...depende...começam num 0 e conseguem chegar a um 7.

*Entrevistador – A cultura portuguesa é mais formal que a chinesa?*

Eu acho que sim, acaba por ser, pela razão que mencionei antes, as universidades em Portugal na área das humanidades são muito conservadoras, por exemplo se formos para uma universidade de direito, é ultraconservadora. As formas de tratamento dentro da cultura portuguesa ainda são muito conservadoras mesmo ao nível de colegas como é o caso dos advogados. Entende-se esse tratamento em relação a um juiz, mas não entre professores ou colegas.

- Q6.** Penso que sim que houve uma evolução com as novas gerações, mas não quero generalizar. Mas penso com a nova geração dos 20s está a haver um enorme retrocesso no modo de encarar a vida e dos valores, como uma forma de se imporem. Esta nova geração tem muitas coisas positivas, mas há uma negativa, na qual não nos revemos, o achar que sabem tudo e uma ânsia de serem respeitados, e a reverência funciona como uma forma de se protegerem e de se afirmarem. Espero estar errada e confesso que é algo que me assusta.
- Q7.** Penso que os alunos chineses estão formatados de uma certa forma e que o facto de estarem em contato com vários professores portugueses e professores chineses que também passaram por Portugal e assimilaram determinados valores e formas de estar na sala de aula, os alunos lentamente se vão tornando mais leves. Há uma relação de respeito, mas não há essa questão de hierarquia e da formalidade do tratamento. Eu acho que o grande medo da diluição das formas de tratamento mais formais é que as pessoas a associam sempre a haver uma perda de respeito e eu não sinto isso. Há outros indicadores da falta de respeito que estão para além do uso das formas de tratamento. Num contexto de aprendizagem de uma língua estrangeira os registos formais e informais ainda estão a flutuar. A perspetiva cultural aqui (em Macau) é muito interessante porque nesse aspeto notamos uma evolução no “estar” na sala de aula, mesmo a postura corporal não é tão rígida.

*Entrevistados 2 e 3 – respetivamente Daniela, Chinesa, aluna de Literatura Portuguesa (Província de Hubei), Leandro, Chinês, aluno do quarto ano de Licenciatura em Português (Xangai). Ambos são alunos do Instituto Politécnico de Macau. A entrevista aos dois alunos foi conduzida em simultâneo por motivos de tempo e disponibilidade.*

*Como já mencionado as perguntas foram simplificadas por motivos de proporcionar aos entrevistados uma maior compreensão das perguntas tendo também o intuito de facilitar a articulação nas respostas. Quando for necessário indicaremos as alterações às perguntas originais de modo a que o leitor deste trabalho se inteire em pleno da situação enunciativa.*

**Q1.** (Daniela) Falar bem, portar bem, tratar os outros bem.

(Leandro) Um meio de mostrar o respeito entre falantes, é ser educado.

**Q2.** (Leandro) Acho que a meu ver será mais importante evitar o desconforto dos outros, ou seja, considerar mais os outros que si próprio.

(Daniela) Penso o mesmo, que é sobre evitar o desconforto dos outros, mas, para mim, é sobre falar bem com os outros e não “irritá-los”.

**Q3. & Q4.** (Leandro) Não, porque considero uma falta de respeito (relativo ao uso do nome próprio do professor sem o título académico numa situação de sala de aula).

**Entrevistador – Será mesmo falta de respeito usar o nome próprio da pessoa? Por exemplo, eu estou a dirigir-me a ti pelo teu nome próprio e não te estou a faltar ao respeito...**

(Leandro) ... porque o professor tem um nível mais alto e é necessário diferenciar esta posição, o estatuto.

(Daniela) Na cultura chinesa temos que mostrar respeito aos mais velhos, por exemplo os meus pais, os meus avós, na rua, na escola com os professores. Uma forma de respeitar é usando as formas de tratamento e os títulos...

(Leandro) Só para acrescentar, a nossa raiz (na cultura chinesa) tem a ver com o confucionismo, em que se enfatiza a estrutura e a hierarquia dentro da sociedade. Deve haver a diferença para mostrar o respeito. E tem se seguido esse padrão até agora.

***Entrevistador – O Judaico-cristianismo também segue esse padrão de hierarquia vertical dentro da cultura ocidental. Mas, a cultura é algo que está sempre em mutação. A linguagem não é a mesma que no tempo de Confúcio, da mesma maneira, como as pessoas se relacionam entre si também não é a mesma.... O desuso dos títulos acadêmicos dentro da sala de aula pode contribuir para uma maior proximidade entre aluno e professor e em última análise contribuir para o processo de aprendizagem e o seu oposto pode contribuir para a não aprendizagem. Por exemplo, os alunos terem medo de perguntar questões ao professor devido ao possível julgamento negativo do “Mestre”?***

(Daniela) Esta situação em que o aluno ou aluna tem medo de perguntar à professora ou professor é mais comum na China. Devido à situação hierárquica entre aluno e professor. O professor tenta fazer a aula para todos os estudantes ouvirem. Na sala de aula com os professores portugueses já me sinto mais respeitada pelos professores e assim tenho mais coragem de fazer perguntas. O professor português diz sempre: “– Podem perguntar, não faz mal errarem, devem perguntar...”

(Leandro) Uma situação muito comum nas universidades na China é a existência de um tutor. A sua função é ajudar os alunos dentro duma relação mais par, aqui em Macau não existe, mas na China é comum e o professor principal não precisa de ter essa relação com os alunos pois o tutor tem essa função mais próxima, a de ajudar.

***Entrevistador – E usas o nome próprio do tutor?***

(Leandro) Não, mas existe uma maior relação de proximidade. Entendo que o não uso do nome pessoal e o uso do título “tutor” não quebra essa relação mais próxima.

***Entrevistador – Gostariam de chamar os professores aqui em Macau pelo nome próprio ou acham que se deve manter assim, como no momento, com o uso do título, ou seja, um ethos hierárquico versus um ethos igualitário?***

(Leandro) Acho que deve haver uma diferença no trato, porque é a regra a que estamos acostumados a obedecer.

(Daniela) Ter respeito ao professor, ter respeito ao conhecimento. Na China, na sala de aula os professores dão-nos o conhecimento e ensinam-nos o que é importante para o futuro. Este processo é o que chamamos de educação, assim acho que devemos demonstrar o respeito.

(Leandro) Se quisermos pedir um esclarecimento ao professor devemos mostrar respeito, acho que o uso do nome próprio é demasiado pessoal. É uma petição, um pedido, logo devemos usar o título do “mestre” e não o nome próprio.

(Daniela) Isto tem a ver com a cultura chinesa. Só usamos o nome próprio com pessoas da mesma idade, ou com relações onde existe intimidade.

***Entrevistador – E sobre o acesso à informação através da tecnologia não muda essa relação?***

(Daniela) O Professor é mais que um detentor do conhecimento. Ele nos ensina como havemos de pensar, de pesquisar, de estudar. A relação mais próxima com o uso dos nomes próprios pode acontecer fora da sala de aula, mas dentro da sala de aula não. A relação próxima fora da sala de aula pode contribuir para a aprendizagem e para não ficarmos nervosos, com menos stress...

***Entrevistador – Mas porque não dentro da sala de aula também?***

(Leandro) Tem a ver com a cultura de sala de aula. Este é um espaço formal onde os alunos absorvem o conhecimento. A aprendizagem é algo que é rigoroso e formal. A formalidade beneficia a aprendizagem de modo a evitar o desleixo.

**Q5. & Q6.** (Leandro) Penso que a cultura ocidental é mais flexível, com maior liberdade. As pessoas podem falar quando querem. A questão de os alunos poderem avaliar os professores no final do semestre também tem algum peso. Pois o professor também tem medo de ser avaliado, mas na China interior não existe este sistema. Aqui o professor tem a necessidade de adaptar a sala de aula aos alunos consoante as suas necessidades e sugestões. Na China é o oposto, não existe este sistema, os alunos são os que se têm de adaptar ao professor.

(Daniela) Aqui os professores têm menos poder que na China, e isso é bom. Na China se não nos conseguirmos adaptar ao professor a aula vai ser muito horrível e isto influencia a aquisição do conhecimento, a aprendizagem...

(Leandro) Já tive a experiência do uso do trato mais informal, ou seja, do uso do nome próprio no ensino do inglês, mas penso que existem mais fatores que influenciam a aprendizagem, e o uso do nome próprio não tem uma influência significativa. Se houver uma permissão prévia pelo professor penso que o respeito se mantém.

(Daniela) A proximidade também exige o respeito do professor pelo aluno. O professor deve ouvir o feedback dos alunos em relação à aula, é desta forma que nós percebemos se o professor nos respeita.

**Q7.** (Leandro) Nós tivemos essa experiência como estudantes de mobilidade em Portugal no segundo ano. Sobre a questão da delicadeza, o professor no primeiro ano, dá-nos alguns conhecimentos culturais sobre o trato em Portugal, por exemplo, se tivermos num restaurante e se precisarmos de fazer um pedido para usar o “desculpe”, mas no segundo ano em Portugal observámos que às vezes apenas usam o “olha”, nunca ou raramente o uso do “desculpe”, esta é uma situação diferente do que está escrito no manual. A realidade é que as relações são mais próximas e relaxadas.

(Daniela) No segundo ano tivemos em Castelo Branco. No nosso caso, fomos uma turma só de chineses, mas também tive oportunidade de experimentar a sala de aula dos estudantes portugueses e foi muito diferente. Existe mais liberdade na sala de

aula dos portugueses... somos muito influenciados pela cultura chinesa, desde pequenos que observamos as regras da sala de aula, ou seja, não falar com os outros, não fazer barulho.

***Entrevistador - Mas em Portugal também há regras e eu já dei aulas na China e os alunos também falam e se portam mal...***

(Daniela) Mas na China as punições são maiores, em Portugal o mau comportamento não é visto como algo muito grave...

(Leandro) ou seja, têm liberdade de perguntar, de responder, de discutir com os professores, existe sempre barulho, a aula típica na China só o professor é que fala. Não há barulho de fundo. Esta é a realidade nas universidades chinesas.

(Daniela) ... As punições causam o medo de perguntar e responder, a falta de proximidade... mas por outro lado, ajudam o professor a controlar a sala de aula.

*Entrevistado 4 – José, Português, Professor do Curso de Comunicação na Universidade de São José, leciona Português Língua Não Materna no Curso de Direito da Universidade da Cidade de Macau*

**Q1.** A delicadeza não é vista comumente como um valor ético, quando pensamos em valores éticos pensamos na justiça, na verdade, na honestidade, na lealdade, curiosamente ou não, não incluímos a delicadeza como um princípio ético que deveria ser transversal a toda a humanidade. Há princípios que são comuns a todas as religiões, etnias, culturas, como por exemplo o valor do respeito, aquela ideia... *não faças ao outro aquilo que não queres que te façam*, tem paralelismo na cultura árabe, hindu, budista, cristã... A delicadeza não tendo a mesma percepção da parte do público enquanto valor ético, é efetivamente um valor ético, pois sem essa cortesia e delicadeza para com o outro, o outro com “O” maiúsculo, ou seja, todos os seres humanos. O valor da delicadeza deveria ser algo intrínseco à nossa ação, porque é através da delicadeza que se consegue outros valores éticos, como a empatia, a cordialidade, a educação. Portanto na minha opinião a delicadeza é um valor ético que deveria estar mais presente em todas as nossas ações.

*Nota do entrevistador – Às questões 2 e 3 foi acrescentada a questão do valor manipulativo da delicadeza (regras de conduta e comportamento) relativa à manutenção da ordem e da hierarquia dentro das universidades.*

**Q2. & Q3.** No relacionamento professor-aluno a delicadeza tem variantes culturais, do espaço geográfico onde ela aplicada...e tocaste num ponto que normalmente não é muito abordado, que é a delicadeza ser utilizada numa espécie de maquiavelismo ou manipulação para se atingir os objetivos. Percebo que faça parte de algumas instituições, mas não faz parte das minhas linhas de ação, nem da minha conduta, nem da minha forma de estar na vida, seria impossível ser delicado por interesse, quer este seja comunitário ou pessoal... Mas tu vês nessa relação professor-aluno inúmeras variantes, dou-te um exemplo, há uns anos fui dar uma cadeira de “*Old Music*” num doutoramento de uma universidade do nordeste da Tailândia, perto do Laos, e os alunos quase todos da minha idade, tinham o ritual de deixar os sapatos à entrada da sala e entravam de meias, e quando terminavam as aulas vinham com as

mãos fechadas à maneira budista e diziam-me “obrigado professor por nos ensinarem”. Isso é um exemplo de delicadeza da parte do aluno que não se encontra em Macau, por isso a delicadeza tem vários tratos e na relação professor-aluno depende das gerações, vai mudando consoante os tempos, como também o espaço geográfico onde se insere. Aqui em Macau, posso dar outro exemplo, há alguns anos na primeira aula do ano, os alunos entraram na sala sem me cumprimentarem e com comida, sentaram-se e começaram a comer, eu parei a aula e pedi-lhes para voltarem a guardar a comida e para voltarem a entrar na aula. Pedi-lhes para se sentarem, para olharem para mim e dei-lhes 3 possibilidades, podem-me dizer bom dia, bom dia professor José, bom dia professor... eles disseram a saudação e voltaram a tirar a comida do saco. (risos) Ou seja, a delicadeza também é um hábito que em alguns lugares é mais preeminente, mais visível que outros. A delicadeza tem de ser mútua não pode ser só da parte do professor, aliás, o excesso de delicadeza pode ser facilmente confundido com alguma vulnerabilidade, fragilidade, pode até levar a alguns abusos comportamentais, por isso a delicadeza tem que ser muito bem doseada para não ser excessiva.

*Entrevistador – É curioso que quando deu as possibilidades de formas de saudação de como os seus alunos poderiam dirigir-se a si ao entrar na sala de aula, utilizou sempre “professor” e não “José”...*

- Q4.** Curiosamente, há diferenças consoante as culturas, os alunos que vêm da escola portuguesa...os portugueses, tratam-me por Sotor ou Doutor, um hábito que trazem da escola secundária e que mantêm aqui. Depois, numa primeira fase onde há ainda algum distanciamento, ou seja, não me conhecem, há uma tendência de os alunos chineses tratarem-me por professor, mas depois, passa a ser “José” com o tempo deixam cair o “Professor”, talvez derivado duma proximidade, de um conhecimento, tenho notado essa questão de uma forma curiosa. Os estrangeiros, sobretudo os anglo-saxónicos usam professor quando falam de ti, para te referir, mas, na relação, no trato comigo abandonam o grau, não me chamam professor, chamam-me pelo nome.

***Entrevistador - Acha que a cultura portuguesa é ainda mais formal que a cultura chinesa?***

Sim, em Portugal há muito o culto do Doutor mesmo dos que não o são, qualquer pessoa que tenha uma licenciatura é considerada Doutor, independentemente da área, portanto nota-se aí uma formalidade de alguma forma usada levianamente, eu diria, que é desadequada inclusivamente pois quem é licenciado não é doutor, há um excesso de formalismo na cultura portuguesa. Aqui (em Macau) na prática há uma menor reverência, uma menor utilização do grau, do título profissional. Mas isso é muito comum na comunidade portuguesa, quando chegam às instituições. Essa reverência pode ser traduzida por delicadeza, uma delicadeza que por vezes pode não fazer parte da personalidade de certos indivíduos, mas pelo facto de haver um grau superior na hierarquia leva a um excesso de delicadeza, uma delicadeza que tem um fim, o de ser aceite, o tal reforço positivo da face.

***Entrevistador – Sente alguma diferença entre os chineses locais e os oriundos do continente?***

Sinto. Os chineses da China continental são mais esforçados, mais trabalhadores, mais dedicados e na prática sinto que são mais delicados...

***Entrevistador – E relativamente aos títulos?***

Não nos títulos, mais em relação à educação e ao respeito, nesse sentido entra menos o título e mais o respeito... “este professor está aqui a ensinar-me, está-me a dar algo dele, a ensinar-me algo que eu não sei”, isso leva a uma cordialidade que aqui a nível local não existe. Em Macau há uma cultura dum certo facilitismo, geralmente, acham que já têm um futuro mais ou menos assegurado em termos profissionais e isso leva a alguma displicência comportamental.

Em relação aos títulos, estes só se tendem a manter se houver um distanciamento do professor, geralmente acontece com professores de maior idade. Quando existe proximidade, há a tendência para os títulos caírem. O que me parece efetivamente, é que quando alguns professores mantêm um distanciamento, em termos

comportamentais com o aluno, não criam esse envolvimento, esquecem-se que a relação professor-aluno é uma relação de aprendizagem mútua e não de debitar matéria, curiosamente, parece-me ser essa a tendência da parte dos professores chineses, de estarem no pedestal, o próprio uso do microfone, que mantém uma grande distância entre o professor e os alunos.

Penso que nós ocidentais tentamos uma maior proximidade e parece-me que essa proximidade resulta num maior interesse da parte dos alunos, mas nalguns casos pode resultar em displicência, não tenho base científica, mas observo pontualmente isso em alguns casos.

- Q5.** Marshal McLuhan já falava sobre a aldeia global nos anos 60, e quando ele falava da aldeia global supôs de facto essa proximidade entre as diferentes culturas, mas neste caso concreto mantêm-se as diferenças. Na Inglaterra o título não é utilizado da mesma forma que é usado em Portugal, não tem o mesmo valor, e há uma tendência para as pessoas o ignorarem, talvez por privilegiarem o que a pessoa é em si e não o que ela faz.

Em Portugal, talvez uma sociedade mais conservadora, mantém ainda esse estigma do *Doutor*. Na cultura chinesa, não conheço tão bem, mas penso que talvez esteja ligado à veneração pelo professor independentemente da pessoa, o que faz com que depois se mantenha o título de uma forma diferente da portuguesa. É que enquanto em Portugal é quase um estereótipo, por exemplo, chamar *Doutor* à pessoa que é licenciada... na China é utilizada com outro valor, que é menos conservador e mais reverencial, menos estereótipo e mais ação, mais ligado ao valor do respeito, da referência... da reverência e da educação... *“este professor passa mais tempo connosco do que a nossa família e isso tem de ser respeitado”* e isso não acontece em Portugal.

*Nota do entrevistador – Embora a resposta às questões 6 e 7 tenha sido incluída na entrevista, ocorreram problemas técnicos relativos à gravação destas respostas. (A retirar será ter duas fontes de gravação para a recolha oral dos dados nas entrevistas como forma de assegurar o sucesso na recolha de dados e posterior tratamento).*

*Entrevistado 5 – João, Chinês da China Continental, aluno licenciado em História pela Universidade de Coimbra e presentemente a realizar o Curso de Magistrado na Universidade da Cidade de Macau*

**Q1.** A delicadeza é uma forma efetiva de produzir uma boa impressão no outro, é uma forma de mostrar respeito aos professores ou a alguém que queremos conhecer ou fazer amizade. Na minha opinião é muito difícil ou mesmo impossível fazer amizade com os professores, porque estamos em posições diferentes, o professor tem o poder de nos julgar. Por este motivo temos de mostrar respeito, daí a importância de mostrar delicadeza nas aulas para com o professor. Na nossa cultura é muito importante mostrar respeito para alguém superior. A sociedade atual é diferente do que era no passado, mas o sistema de ensino superior não mudou.

***Entrevistador – Porquê?***

Porque o professor ainda está no centro da universidade, isto é o professor tem o poder de nos avaliar.

***Entrevistador – Por isso é uma questão de poder, de autoridade... Na tua opinião essa autoridade ainda se justifica?***

É uma pergunta difícil de responder... Há professores bons e outros menos bons, mas do ponto de vista da administração da universidade, o professor é o professor, ele é a autoridade. Nós podemos reclamar à universidade se o professor não for bom para nós, mas a universidade vai sempre achar que o professor é mais importante que os alunos.

***Entrevistador – E achas que não devia ser assim?***

Claro que não, os alunos deviam ser o mais importante na universidade. Somos nós, os estudantes que precisamos de estudar, por isso acho que o professor devia nos prestar um serviço, o de ensinar. Nós estudantes pagamos propinas para estudar, os professores recebem um salário para ensinar, neste ponto somos iguais, mas segundo a tradição, o professor tem mais conhecimentos, mais poder do que nós estudantes, por isso acho que a delicadeza, por exemplo através do uso dos títulos, é

algo que faz parte da tradição. Nos E.U.A os professores preferem ser tratados pelo nome próprio, na minha opinião a razão desta diferença, é que a importância ou a influência da cultura tradicional nos E.U.A não é tão forte como na China, Portugal, ou em Macau. Depende da cultura local.

- Q4. & Q5.** Mesmo que a sociedade esteja a mudar, a cultura e a linguagem têm força para impedir a mudança, apesar dos jovens quererem uma posição mais igual na hierarquia, quer seja com os professores ou com alguém superior, por exemplo os chefes nas empresas. A cultura e o ritual social exigem que nos comportemos como a sociedade quer, por isso a maioria dos professores quer que demonstremos respeito para com eles e nós os estudantes temos que agir assim.

*Entrevistador – Sentes que houve alguma evolução no trato dentro da sala de aula entre aluno e professor na China nos últimos anos ou mesmo fora da sala de aula?*

Na minha cultura não podemos tratar os nossos pais por “tu”, tem uma palavra na China como o “Você” o “Nin”. O pensamento e a ação são igualmente importantes, eu amo muito os meus pais por isso eu preciso de mostra-lhes o meu amor do modo como eles querem, ou seja, através do “Nin” ou por Pai ou Mãe, assim penso que devemos demonstrar como nos sentimos através da linguagem.

Mesmo que não gostar dum professor ou não respeitar um professor eu não lhe vou dizer na cara, apenas não o digo por causa das normas de sociabilização. Acho que a mudança está sempre a acontecer, mas penso que a mudança não vai ser muito grande. Imagina se trabalhares na empresa dum amigo teu, pensas que a vossa amizade vai ficar na mesma? Acho que não.

*Entrevistador – A questão que estou a colocar é relativamente à queda dos títulos como forma de melhorar a aprendizagem e de diminuir a distância entre professor e aluno, pois é através dos erros que nós aprendemos, se o aluno se sentir intimidado pelo professor isso vai afetar a sua capacidade de colocar perguntas e condiciona a sua disposição para arriscar o erro, logo... de aprender.*

Os professores têm o poder, mas a maioria dos alunos não sente isso, estão preocupados em ter o diploma, em conseguir os seus objetivos. Na origem da universidade os alunos pagavam ao professor pelo conhecimento, com o passar do tempo, os alunos tornaram-se como trabalhadores e o professor passou a ser o “Dono” como o dono duma fábrica onde os conhecimentos se produzem. Pelo menos na China é assim.

Em Coimbra eu quase ia chumbando no terceiro ano, porque um professor, o diretor da nossa faculdade... eu senti que dei o meu melhor, mas o resultado não foi o que estava à espera, e sei que o professor tinha o poder da nota... se eu passava ou não, um problema sério.

No futuro, se a situação mudar, o critério deve ser mais variado. O ensino tem de ser separado da avaliação. Por exemplo, na escola secundária o objetivo é passar no exame final, isso permite uma relação mais íntima com o professor, uma de colaboração. Na universidade o professor tem o poder total sobre a avaliação final. O problema maior para mim nas universidades não é a distância, mas sim a transparência, por exemplo, quais os critérios que foram usados na avaliação visto que nunca há revisões dos exames. Em conclusão, é difícil uma aproximação com os professores se não houver transparência.

Na China, a principal missão do professor universitário é a investigação, por isso, os professores não se importam com o que os alunos pensam deles. Mesmo se os alunos se queixarem ao reitor da universidade, os professores não vão ser penalizados.

***Entrevistador – Há diferenças entre o ensino universitário na China e em Portugal?***

É praticamente igual, porque ambas as culturas são conservadoras. Quando estive em Portugal, como estudante chinês não senti nada de estranho, a questão da delicadeza não foi um problema. Mas é meu desejo que haja uma mudança positiva na relação entre professor e aluno na universidade, de modo a que tenhamos aquilo que tínhamos na escola secundária, uma relação mais colaborativa, onde o aluno e o

professor lutam juntos contra o exame e na qual o professor não é um juiz, mas sim, um camarada.

*Entrevistado 6 – Aurélia, Portuguesa, Professora Associada no Instituto Politécnico de Macau, Docente na Licenciatura e no Mestrado de Administração Pública*

**Q1.** Em relação aos alunos, considero que é delicado e cortês uma pessoa que não ultrapassa os limites, que relativamente ao trato, segue de alguma maneira o protocolo. Eu tive alguns problemas desse tipo ao longo da convivência com uma variedade de alunos aqui em Macau, e onde houve alturas em que os tive de corrigir, bem ou mal, não sei... Mas, a delicadeza para mim é uma pessoa que é simpática, que não é agressiva, que é assertiva.

***Entrevistador – Foi mencionado por alguns dos outros professores entrevistados, que os alunos chineses têm maior facilidade em deixar cair o trato formal do que os alunos portugueses, é da mesma opinião?***

Curioso, eu não tive essa experiência com os alunos chineses nem com os macaístas (entenda-se aqui os chineses, que não falam português, e os macaístas, luso-descendentes e falantes do português). Os macaístas, sempre me trataram por *Doutora* em vez de *Professora*, mesmo sem lhes pedir... Eu própria prefiro *Professora*. No Instituto Politécnico de Macau, também temos alunos em mobilidade, que vêm de Portugal, com esses tive esse problema. Alguns trataram-me pelo nome próprio e confesso que fiquei chocada principalmente porque usaram o “tu”, mas se usarem o nome próprio e mantiverem o trato formal, não me importo, por exemplo se uma aluna disser – Aurélia pode-me ajudar? Não faço questão de ser tratada por Dra., por “professora” gosto, por uma questão pessoal. Primeiro porque sou professora por vocação, segundo, porque quando um aluno me trata por esse termo, está-me logo a fazer um carinho.

Em relação aos alunos chineses sempre me trataram por professora, nunca me trataram pelo nome próprio.

***Entrevistador – Existe alguma diferença entre os alunos chineses de Macau e dos alunos oriundos do continente chinês na maneira de estar em sala de aula?***

Sim, existem diferenças. Os alunos da China têm uma disciplina que os nossos de Macau não têm, devido à liberdade que experienciam aqui, não são tão formais. Os chineses do continente, são geralmente alunos muito atenciosos, raramente interrompem a aula, aguardam até ao final da aula para vir falar comigo. Um aluno de Macau, já interrompe para fazer perguntas, o que acho bem certamente.

**Entrevistador** – E relativamente aos alunos dos PALOP?

Com os alunos dos PALOP foi bastante interessante, pois quando chegaram me tratavam por *Senhora* e fez-me um pouco de confusão. No primeiro ano, não disse nada, pois percebi que esta era a forma de tratamento que eles consideravam respeitosa e nunca os corriji. No segundo ano preparei uma aula de protocolo a nível de tratamento explicando-lhes que preferia o título de professora, não lhes foi fácil a mudança no princípio devido ao condicionamento cultural.

**Q2. & Q3.** Eu acho que a queda do uso do tratamento formal através dos títulos não vai resultar... Eu sempre lutei contra a formalidade, pois eu sou uma pessoa muito informal dentro da sala de aula. A minha experiência foi que os alunos chineses do continente, não conseguem deixar cair a formalidade de modo a sentirem-se mais à vontade na sala de aula, com intuito de participarem mais na aula, mas não consegui. Penso que isso é devido a uma razão cultural. Com os alunos dos PALOP foi o oposto, têm muita facilidade em aceitar o trato mais informal, tornando a relação mais carinhosa e influenciando a aprendizagem, passando esta a ser mais frutuosa. Por isso acho que é uma questão cultural.

**Q4.** Por exemplo, nas mensagens que são trocadas via aplicações “*chat*”, ou seja, dentro da questão da intervenção da tecnologia nas formas de tratamento linguísticas não notei diferença. Os alunos usam o mesmo protocolo que nos emails, talvez não usam tanto o termo “Cara”, mas utilizam o “Professora” no início dos pedidos. Não noto grande diferença.

**Entrevistador** – *E sobre as diferenças culturais, pensa que ainda são muito vincadas ou diluem-se?*

- Q5.** Depende da personalidade dos alunos como é óbvio, mas penso que ainda são muito vincadas. Todos estes alunos que vêm do continente chinês são filhos únicos, portanto em quem os pais apostaram tudo, e são alunos que são muito empenhados nas aulas, numa escala de 0 a 100% a escala começa nos 80%, tudo o que for abaixo disso já começa a ser um drama.

Nos alunos chineses de Macau, a especificidade cultural já está diluída no que referiu... numa cultura globalizada. Nos alunos dos PALOP, a cultura também é ainda muito vincada, mas numa maneira diferente do que os alunos do continente chinês. Este tipo de alunos está muito à vontade dentro da sala de aula, colocam questões frequentemente. Algo que também tenho vindo a notar ao longo da minha experiência como docente, é que os alunos do continente têm grandes problemas nas perguntas de desenvolvimento e de opinião nos exames, ou seja, na aplicação do pensamento crítico. Sei que há alunos que conseguem, pois cada um tem o seu percurso de vida, mas na grande maioria dos casos, o aspeto cultural é mais forte, mesmo com todo o acesso à globalização e à informação disponível aqui em Macau, a cultura nota-se muito bem.

*Entrevistador – Já foi também referido anteriormente por outros professores, que esta diferença que se nota entre alunos chineses de Macau e alunos chineses do continente é devida ao facilitismo e à competitividade, respetivamente. Pode comentar?*

Os alunos de Macau devido à situação económica de Macau nunca passaram dificuldades, por isso estão habituados a terem tudo o que querem. Os alunos do continente... e é impressão minha que muitos vêm para Macau estudar com bolsas, embora haja alunos com mais meios também há os mais pobres. Esses vêm com uma postura de apostar tudo aqui.

Os alunos de Macau saem da escola e têm logo emprego, ou às vezes, mesmo antes de saírem da escola. Uma das grandes dificuldades que temos aqui no IPM é ter candidaturas dos alunos locais, penso que essa realidade vai mudar em breve, talvez para o bem deles, porque estes iam imediatamente trabalhar para os casinos em vez de virem para a escola. Mesmo os que se inscrevem nos cursos noturnos é mais

para estarem ocupados do que propriamente para preparar o futuro. Mas o desinteresse é mais notável nos chineses de Macau, os macaístas e os chineses do continente são mais interessados. Os chineses de Macau vêm estudar porque os pais os mandaram.

***Entrevistador – Pensa que esta questão do Covid 19, vai alterar a situação que referiu positivamente, devido ao fim dos facilitismos, dos casinos, pelo menos durante uns bons tempos, como tudo parece indicar?***

Eu penso que sim, é uma opinião muito pessoal, estou a verbalizá-la pela primeira vez. Claro que ninguém quer passar por uma crise, mas se esta juventude de Macau passar por uma crise de emprego e procurar mais a escola do que procurava antes, Macau no seu todo, vai ganhar com isso. Penso que se houver maior competitividade ao nível de conseguir um bom emprego, eles vão dar maior importância à escola. As crises trazem sempre oportunidades.

- Q6.** Sempre dei aulas em politécnicos por isso não sei bem... o que os meus colegas que trabalham nas universidades relatam é que ainda é muito formal, por exemplo o uso do título Sr. Dr., uma formalidade muito grande, mesmo dentro da sala de aula, os professores fazem questão em manter a formalidade, de manter uma distância entre o professor e o aluno.

Os politécnicos são um pouco diferentes por várias razões, uma delas é que os professores são bem mais novos. Como se costuma dizer, os “dinossauros” ensinam nas universidades e nos politécnicos os professores mais jovens. Mas acho que essas formas de tratamento antiquadas vão acabar com o tempo, penso que os mais velhos persistem nessa formalidade porque eram uma elite, eram poucos os que chegavam a essas posições, hoje em dia qualquer miúdo com 30 anos tem um doutoramento, antigamente só se conseguia chegar ao doutoramento aos 50 anos.

Penso que na sociedade portuguesa tem havido uma evolução relativamente ao desuso dos títulos nas formas de tratamento embora o seu uso no meio académico persista, existe uma falta de leitura dos mais velhos relativamente à mudança dos tempos. Também existe uma questão institucional, ou seja, os mais velhos que

estão no topo exigem, e os que estão por baixo vão e acabam também por a exigir quando chega a sua altura, no fundo é isso que cria a institucionalidade, o ciclo.

*Entrevistador – E a relação dos alunos com a universidade? Existem vários mecanismos nas universidades em Macau de modo a darem mais poder aos alunos, para que tenham algum tipo de hipótese de contestar o professor caso houver abusos sem medo de retaliações, ao contrário da situação em Portugal onde casos como o que aconteceu recentemente na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa com o professor Francisco Aguilar a lecionar nesta universidade há mais de 30 anos <sup>3</sup>, ou seja, devido ao seu estatuto como professor universitário permaneceu impune, só mesmo quando a denúncia chegou às redes sociais e consequentemente aos jornais é que a universidade tomou medidas.*

Mais uma vez vou ter de distinguir as universidades dos politécnicos, as universidades são muito fechadas sobre si de tal forma que quem faz lá a licenciatura, faz lá o mestrado, o doutoramento e fica lá a dar aulas, portanto o ciclo todo é dentro da mesma universidade. No caso dos politécnicos, como no princípio não podiam dar mestrados nem doutoramentos, embora aqui em Macau já possam, as pessoas que se formavam neste tipo de instituições eram obrigadas a sair, daí a diferença no comportamento dos professores, onde o peso da influência da cultura académica neste tipo de instituições é menor do que as razões ao nível da formação.

No caso de Macau os alunos têm uma voz muito ativa e podem mesmo mudar as coisas, e existem canais para os alunos denunciarem situações irregulares. Os alunos também avaliam anonimamente os professores no final do ano numa escala de 0 a 5, se o professor tiver uma avaliação abaixo de 3, no ano seguinte, o professor tem de ser acompanhado por um professor sénior. Penso que a heteroavaliação entre professor e aluno é extremamente positiva pois é justa e só assim podemos melhorar.

Relativamente ao ensino tem que haver uma mudança, o ensino no presente está completamente ultrapassado, a forma de ensinar, avaliar... na minha opinião está na

---

<sup>3</sup> <https://expresso.pt/sociedade/2020-09-24-Docente-da-Faculdade-de-Direito-de-Lisboa-quer-encarar-a-violencia-domestica-como-disciplina-domestica.-Esta-a-ser-julgado-por-esse-crime>

altura de paramos todos e pensar a reforma que deve ser feita no ensino, por exemplo, o papel que a tecnologia exerce hoje em dia na aprendizagem onde a informação está toda disponível online, o que afeta e altera, o papel do professor. Tem que haver uma mudança de modelo no ensino, senão tudo isto já não faz sentido relativamente ao que se passa na sala de aula. Tenho refletido na integração das tecnologias na sala de aula, pois não vale a pena expulsá-las que não conseguimos, pôr o telemóvel ao serviço da aula de modo a que os alunos estejam mais envolvidos. Penso que o Covid19 tem vindo a agilizar o uso da tecnologia, tivemos essa experiência com os alunos dos PALOP no ano passado pois estes não conseguiram entrar em Macau, foi uma experiência muito rica, muito pela relação informal e colaborativa que conseguimos nos fóruns.

Acho que existe também um aspeto cultural que afeta essa relação, com os alunos dos países de língua portuguesa, quer em relação aos alunos de Macau como os de Portugal, podemos falar a mesma língua, mas isso não significa nada. A experiência do ensino online correu muito bem com Cabo-verde e o Brasil, mas não sei se esta experiência teria resultado tão bem com alunos chineses.

*Entrevistador – Como pergunta final gostaria de abordar a questão relativa à avaliação. Esta questão veio-se a revelar bastante importante no decorrer desta investigação, pois se analisarmos a questão a fundo, esta é a principal razão para o distanciamento entre professor e aluno, e para o receio ou medo, do aluno contestar o professor ou indagá-lo sobre algum tipo de matéria. O medo do julgamento avaliativo, inibe mais o aluno do que realmente as formas de tratamento. Enquanto o professor tiver “a faca e o queijo na mão” o aluno nunca terá grandes hipóteses no jogo comunicativo onde ocorre o debate, optando sempre pela delicadeza e pela mitigação do seu discurso e da sua vontade em prejuízo da clareza da comunicação e da assertividade dessa mesma vontade enunciativa.*

Era por isso que eu lhe dizia que temos de mudar o sistema de ensino e o sistema de avaliação. Penso que o sistema de avaliação também já está arcaico. A questão da memorização já não se aplica, pois, o objetivo é que os alunos compreendam o que

aprenderam e que o apliquem, e não apenas que o memorizem para o exame. Sou mais apologista dos trabalhos práticos e trabalhos de grupo, é um sistema onde se aprende muito mais.

Relativamente ao ponto que fez, acho que pode trazer problemas de injustiça, de certa forma, porque há muita coisa que nós percebemos na sala de aula, e agora no sentido positivo, pois temos estado a falar no sentido negativo. O professor não tem só “a faca e o queijo na mão” para fazer o mal, mas também a tem para fazer o bem. Não é uma má nota num exame final que reflete o valor do aluno durante o ano inteiro, daí a importância da avaliação contínua. Há alunos que até não são muito brilhantes, mas são muito trabalhadores e isso deve pesar na avaliação. Também há mecanismos que permitem ao aluno recorrer da nota do exame.

No politécnico temos um avaliador externo, um professor de outra universidade que nos acompanha durante o ano inteiro, a quem nós enviamos primeiro os programas para que ele os analise e nos dê um “*feedback*”, depois enviamos os enunciados dos exames para que ele verifique se estão de acordo com os exames, em seguida os resultados dos alunos, o pior, o melhor e o médio, ele analisa e no fim faz-nos um relatório final. Penso que é positivo que haja uma verificação de uma entidade extrauniversitária de modo a que haja transparência e justiça.

*Entrevistados 7 e 8 – Henrique e Jasmine, Chineses de Macau, respetivamente aluno do primeiro ano do Curso de Direito da Universidade de Macau e aluna do segundo ano do Curso de Direito da Universidade de Macau*

**Q1.** Henrique – Para mim a delicadeza são as regras de convívio que existem entre as pessoas para que estas se deem bem umas com as outras. É preciso na nossa sociedade estas formas de tratamento, porque se as pessoas se comportarem desta maneira o funcionamento da sociedade será melhor. A delicadeza também serve para estabelecer confiança entre as pessoas, se se sentirem mais confortáveis elas vão confiar mais umas nas outras.

Jasmins – Na minha opinião, a delicadeza tem relação com o mútuo respeito entre os indivíduos, não só ao nível da língua, mas também dos comportamentos e como o meu colega disse, acho que isso é bastante importante para o funcionamento da sociedade.

**Q2.** Jasmine – Se calhar ambos, porque a delicadeza age sobre a própria imagem ou sobre a perceção que os outros ficam da pessoa que a emprega.

Henrique – Também concordo com a Jasmine, a delicadeza tem múltiplos usos, as pessoas também aproveitam a delicadeza para agradar os outros, e para cumprir o que é esperado delas.

**Q3. & Q4.** Jasmine - Para falar a verdade acho que estas regras estão desatualizadas e devem ser mudadas, porque criam distanciamento entre os alunos e professores e a afetam a aprendizagem dos estudantes direta e negativamente.

Henrique – É óbvio que os professores têm os conhecimentos para ensinar os alunos e os estudantes devem demonstrar respeito pelos professores através da delicadeza. Mas este fenómeno da exigência do uso dos títulos depende também da idade dos professores. O uso dos títulos como Sr., Dr., Prof., não quer dizer que seja para marcar a hierarquia são apenas uma forma de tratamento.

**Entrevistador – Se não fosse para marcar a hierarquia então chamavam-te Sr. Henrique...**

Eu acho que não faz muita diferença o uso ou o não uso do título, eu vou apenas à universidade para obter os conhecimentos e os professores são os meus amigos, não dou tanta importância ao uso do título.

- Q5.** Henrique - Penso que essa informalidade anglo-saxónica própria dos norte americanos, não afeta muita a nossa cultura chinesa, porque a China tem raízes muito longas, desde a fundação das dinastias e o estabelecimento dos sistemas de relacionamento e tratamento formal. Nós aqui em Macau no século XXI, ainda estamos sobre essa influência, a qual tem um papel muito importante na nossa aprendizagem, quer seja na universidade ou no trabalho.

*Entrevistador – Tem havido uma luta político-social nos últimos séculos na Europa e nos últimos 100 anos na China para sair dessa lógica, respetivamente, judaico-cristã e confucionista, ou seja, uma luta social que procura maior mobilidade social das classes mais baixas, e que também procura um ethos social mais igualitário com as classes mais altas e privilegiadas. Essa distribuição do poder, foi encarada quer na China como na Europa como algo positivo, ou seja, a construção da cidadania com tudo o que esta implica, direitos, liberdades e responsabilidades. Não seria também positivo ter essa relação mais igualitária dentro da sala de aula universitária, com uma maior distribuição do poder e consequentemente um aumento do mútuo respeito e da consideração pelo outro, onde o mais fraco não tem medo do mais forte, podendo transmitir os seus desejos, através da linguagem, com honestidade e sem medo de represálias?*

Henrique – Penso que Macau é diferente da China continental, apesar do governo central chinês ser soberano aqui. Por causa da herança dos portugueses e da sua multiculturalidade, esta interculturalidade tem uma ação importante sobre a linguagem das pessoas.

Jasmine – Penso que a cultura chinesa é mais formal que a portuguesa por os chineses serem mais conservadores, eles seguem as regras antigas e nunca mudaram. Penso que os países ocidentais são normalmente mais abertos à mudança.

***Entrevistador – Jasmine na tua opinião quais são as grandes diferenças entre os professores chineses e portugueses relativamente à formalidade e à informalidade?***

Jasmine - Em geral, os alunos não têm vontade para fazer perguntas aos professores pois acham que estes estão sempre certos e nunca os desafiam. Os alunos chineses nunca põem em causa o professor pois isso é considerado uma falta de respeito.

***Entrevistador – E isso não afeta outro tipo de perguntas, as que não põem em causa ou desafiam os professores, as dúvidas?***

Sim, isso afeta o outro tipo de perguntas e afeta o progresso na aprendizagem, penso que os professores chineses devem ser mais abertos, de modo a aceitarem as opiniões dos estudantes. Considero que isso melhoraria o processo de aprendizagem. Também acho que o uso dos títulos cria um distanciamento entre professor e aluno, se esta tradição for mudada vai ser mais favorável para os alunos. Mas penso que a nível de formalidade os professores portugueses e chineses são semelhantes.

***Entrevistador – Henrique...?***

Henrique – Como já assisti a aulas de direito em português notei que os alunos macaístas são mais abertos a fazer perguntas aos professores, por exemplo, de manhã os alunos não fazem perguntas, os alunos de noite são alunos trabalhadores e mais velhos, isso altera o modo como estão na aula, e afeta a frequência com que participam e fazem perguntas.

*Entrevistado 9 – Sara, Portuguesa, Professora Universitária de Português e de Linguística Aplicada na Universidade de Macau, com mais de 20 anos de experiência no contexto de PLE*

**Q1.** A minha experiência em termos de Português Língua Estrangeira tem sido maioritariamente com alunos chineses, apostei em termos de formação no ensino de PLE, ou seja, da linguística aplicada e tenho ensinado diversos níveis ao longo da minha carreira. A interculturalidade é um dos aspetos que torna esta experiência de ensino mais rica, não só de ensino, mas também de aprendizagem, pois quando estamos em sala de aula também estamos a aprender. Esta dinâmica que se pode criar com uma outra cultura, de aprendizagem, de hábitos, de outros modos de vida, de outras formas de ver o mundo. Esta é a grande mais valia que retiro desta aprendizagem. O conhecimento do outro ajudou-me a perceber as suas dificuldades e facilidades de aprendizagem, pois há uma transposição das ideias da cultura nativa para o português, por exemplo, o “beber a sopa”. Como os hábitos são diferentes depois há uma interferência, como é natural.

***Entrevistador - Os alunos chineses de Macau e da China continental são diferentes?***

É um perigo criarmos estereótipos, os alunos da China continental geralmente são alunos com um nível maior de proficiência por serem mais competitivos, porque de facto eles são muitos e têm de ser bons. Acaba por haver da parte deles uma atitude de maior envolvimento nas atividades, nas tarefas, que depois nota-se ao nível da aprendizagem. Tendo uma motivação intrínseca maior são normalmente alunos que têm mais sucesso ao nível de proficiência. Desenvolvem mais rápido os conhecimentos que têm da língua.

Os alunos de Macau normalmente não têm este fator, poderão ser menos motivados, menos competitivos como resultado acabam por não ser tão bons em geral como os alunos da China continental. Mas, noto uma grande diferença nestes últimos anos, temos tido aqui na universidade de Macau, alunos muito interessados e bastante mais motivados do que antes. Estes alunos hoje em dia têm uma maior abertura em relação aos países estrangeiros, a outras culturas, são cada vez mais os

que procuram ir estudar para o estrangeiro para além de apenas ter como objetivo um bom emprego em Macau.

As razões para esta recente mudança podem ser várias, uma delas diz respeito a uma perceção da sua identidade, ou seja, da relação que existe entre Macau e a língua portuguesa, possivelmente eles queiram marcar essa identidade, não sei se sim ou se não.

Poderá ser também uma questão de levas, nos últimos 3, 4 anos tivemos alunos com uma grande taxa de motivação, com uma atitude de aprendizagem muito positiva, com objetivos de aprendizagem diferentes, com uma abertura maior ao mundo, com o papel da língua portuguesa em Macau, poderá ser uma séria de fatores.

Penso que a questão da competitividade com os alunos da China continental não é um fator, pois devido às leis de trabalho de Macau é muito difícil os alunos do continente arranjam trabalho aqui. Mas a realidade é que os alunos de Macau sabem que têm de ser bons, têm de ter uma boa proficiência, para conseguir posições como a de tradutor.

**Q2.** É a capacidade de adequação que eles devem ter em termos linguísticos às situações de comunicação tendo em conta a situação e o interlocutor, que às vezes não têm. Os alunos aqui, são capazes de tratar qualquer pessoa por “Tu” ou até o inverso, de estar a falar com um colega de turma e tratá-lo por “Você”.

**Q3.** Na minha sala de aula, quando me apresento, apresento-me com o meu primeiro nome e apelido, portanto não imponho que os alunos utilizem o título ou de professora ou de Sra. Professora ou de Dra., de maneira que a maioria deles me trata pelo primeiro nome, Sara. Sou a Sara ou a professora Sara, nunca por imposição minha, respondo-lhes das duas maneiras.

Acho que isso não é importante em termos de dinâmica de sala de aula, porque acho que ao impormos esse tipo de regras podemos estar a impor um distanciamento e penso que isso pode ter um efeito negativo. Por exemplo, este

semestre em cada turma que tenho, temos um grupo de “*WeChat*”, o qual uso quando lhes quero dar recados, quando encontro uma coisa engraçada em português partilho com eles... Portanto tento construir uma relação afetiva e acho que os títulos podem quebrar isso.

Agora, quando estou a ensinar, tento ensinar-lhes as questões linguísticas e as suas diferenças. A língua também está ligada a regras de convívio social e regras ao nível das formas de tratamento. Os alunos que passam pela universidade podem vir a trabalhar como tradutores na Assembleia Legislativa, se tiverem um determinado tipo de interlocutor devem saber qual a forma de tratamento que devem usar. Assim, acho que na sala de aula não deve ser prioritário a forma de tratamento que utilizam comigo, mas explicar-lhes que devem fazer uma adequação do discurso em determinadas situações, quando estiverem a atuar num contexto real de comunicação.

- Q4.** Eu nunca trabalhei numa universidade em Portugal, mas já tive colegas aqui no departamento que vieram de universidades em Portugal, e de facto nota-se que há uma maior utilização dos títulos com estes colegas, curiosamente também noto isso com colegas que vêm do Brasil, não sei se ao nível das universidades brasileiras também não há essa questão.

Estou em Macau há muitos anos e noto que, os colegas do departamento de Inglês não usam os títulos, o tratamento é sempre pelo nome próprio, não há essas hierarquias. Talvez seja por isso que eu não use os títulos e não tenho esse tipo de preocupações na minha sala de aula, os meus alunos tratam-me por Sara.

Penso que em Macau há várias instituições onde os títulos são muito usados, não tanto aqui na universidade. Noutras instituições universitárias de Macau talvez deem mais importância ao uso dos títulos, mas na Universidade de Macau não.

- Q5.** Não acho que seja o facto de o aluno poder usar o meu nome próprio que vai ditar a aproximação ou não. Acho que as relações com os alunos se constroem no dia a dia na aula, independentemente do uso do título. O que eu encaro é que a relação que tenho com os alunos é uma relação específica diferente da que tenho com os meus

amigos ou com a minha família, mas no fundo é uma relação humana e essa constrói-se.

*Entrevistador – No caso português, muitas vezes a manutenção dos títulos é justificada por uma questão disciplinar, embora o argumento que me baseio para este estudo é que, ao nível universitário, que lida com adultos, estas semânticas de poder e de autoridade não se justificam pela razão de não existir uma ameaça significativa à ordem e ao funcionamento da sala de aula.*

Concordo consigo, não se justifica, não há problemas de disciplina ao nível universitário, mas há um espírito de academia ainda muito retrógrado em Portugal, relativamente aos professores e ao exercício do poder. Mas penso que isso nota-se muito mais em Portugal do que em Macau.

*Entrevistador – Existe esta noção estereotipada que Portugal sendo um país ocidental é mais informal do que na China ao nível das formas de tratamento...*

Não, nesse aspeto nós portugueses somos absolutamente provincianos, há o exercer do poder de uma maneira que acho absurda, sinceramente. E a formalidade excessiva que se associa aos alunos chineses também é um estereótipo. Sei que os ambientes ao nível universitário em Portugal são muito mais formais do que nós imaginamos. Ao nível universitário há de facto marcadamente esta posição, este exercer de poder que aqui em Macau não existe.

*Entrevistador – Como podem os alunos combater esses excessos de poder?*

Aqui em Macau há um sistema de avaliação dos professores que é anónimo e se as respostas dos alunos forem frequentemente negativas, estas podem ter influência sobre a nossa renovação de contrato. Em Portugal não, por exemplo no Instituto Superior Técnico onde estuda a minha filha, os alunos podem ver as avaliações dos professores dos anos anteriores e mesmo sabendo que uns têm avaliações péssimas, estes professores como são responsáveis pelas cadeiras, não são afastados, tornando as avaliações inúteis. Nas universidades portuguesas não existe um órgão supra universitário que faça essa verificação, em Macau isso nunca poderia ocorrer.

Penso também que esta questão dos títulos e do poder não é exclusiva das universidades é uma questão geral da sociedade portuguesa, é comum em várias instituições o uso dos títulos por exemplo nos cartões bancários.

- Q6.** Relativamente à tecnologia eu uso-a como uma forma de contato, aproximação ou partilha. Os alunos chineses gostam muito de usar este tipo de plataformas sociais como o “*WeChat*”, por exemplo na primeira aula do ano é hábito criar um grupo de “*WeChat*” com os alunos, o que é extremamente bem recebido por eles. Uso este tipo de tecnologia também para os meus mestrados e para orientar as suas teses finais. Uso o grupo e uso os chats privados para situações mais individuais e sem dúvida este tipo de plataforma quebra a formalidade, permite combinar encontros, mesmo quando envio um e-mail confirmo a sua receção sempre com uma mensagem privada no chat. Outra coisa que quebra imenso a formalidade são os “emojis” os alunos gostam, devido à sua natureza universal. No caso da minha filha que estuda em Portugal não existe esta situação, o contato com os professores é apenas e somente através do e-mail. A sociedade portuguesa continua muito fechada, essa é uma questão sociológica interessante a estudar.

Macau é uma cidade fantástica, tem um ambiente de descontração, eu adoro Macau. Por vezes vemos os chineses à noite no supermercado de pijama porque estão em casa e precisam de algo. Em Lisboa se aparecesse alguém de pijama na rua...(risos). E acho que é isso que torna Macau um sítio tão especial, Macau tem uma sociedade muito mais informal do que a nossa, é muito mais pragmática. Acho que os portugueses dão muito valor ao estatuto e é um pouco diferente da “*face*” chinesa pois anda mais à volta da questão do poder, noto que as pessoas que chegaram recentemente de Portugal dão mais valor a esse tipo de coisas do que os que estão aqui há mais tempo.

*Entrevistado 10 – Tiago, Chinês da China Continental, Licenciado pelo Instituto Politécnico de Macau, Curso de Relações Comerciais entre a China e os Países Lusófonos e Mestrando do curso Estudos dos Países Lusófonos*

- Q1.** Na minha opinião a delicadeza é uma maneira de mostrar educação e faz parte da ordem, das regras da sala de aula.
- Q2.** Penso que o uso da delicadeza faz parte da hierarquia que se estabelece na aula, pois põe o professor numa posição mais alta da hierarquia. Os títulos usados para quem está na hierarquia superior, também são convenientes pois ajudam quem está numa posição inferior a ter sucesso nos seus pedidos.
- Q3. & Q4.** Acho que esta hierarquia se justifica na aula, é como uma regra silenciosa, embora ache que os portugueses gostam mais do que os chineses da delicadeza, dos títulos, do pedir licença, do agradecer. Penso que o chinês tem uma linguagem mais direta. Mas na minha opinião os títulos não criam distância entre as pessoas e não são um obstáculo para estudar, a motivação para estudar depende de pessoa para pessoa. Concordo no que diz respeito ao ensino das línguas, uma relação de proximidade, de amizade, ajuda a criar uma conversação entre os professores e os alunos. A delicadeza é um hábito, mas não é o único elemento que cria distanciamento. Um professor também precisa de ser interessante. Mas penso que a questão do distanciamento entre professor e aluno, é mais uma questão pessoal do que cultural, até agora tive bastante sorte com os meus professores, sempre foram simpáticos e prestáveis.
- Q5.** Na minha opinião, penso que a maneira mais tradicional e mais moderna de comunicar, quer seja por e-mail ou por plataforma social, hoje em dia coexiste. Embora seja mais regular no espaço universitário o uso do e-mail.

Na China quando há uma relação mais próxima com os professores, sim usamos o “*WeChat*”, mas para o resto da comunicação com os funcionários da universidade temos de usar o e-mail e uma linguagem formal, própria de uma universidade. No caso de Macau, esta é uma cidade mais pequena logo é hábito existir uma relação mais próxima e direta com os professores. Eu não costumo ter medo de questionar

os professores, é uma questão de tentativa, pode correr bem ou menos bem, não penso muito no que os professores pensam de mim.

*Entrevistado 11/ Edlia, portuguesa / psicóloga de formação, professora doutorada na Universidade de São José*

**Q1.** A minha experiência de ensino universitário tem sido relativa a alunos chineses e internacionais aqui em Macau, também com alunos oriundos de Portugal, a fazer intercâmbio em Macau.

Nesse sentido posso falar das diferenças relativas ao uso das formas de tratamento, pois eles têm a experiência das formas de tratamento lá e depois cá e notei que os alunos de Portugal são muito mais formais nas formas de tratamento. Tratam-nos sempre por “Professor/a” e é lhes muito mais difícil tratar-me pelo nome. Os alunos internacionais e mesmo os chineses facilmente tratam-me pelo nome próprio. Em Portugal é muito mais forte essa ideia de o professor estar muito mais acima do que o aluno, com mais autoridade e mais distância.

Penso que nesta universidade, por ser mais internacional, há um tratamento mais próximo e informal, mas, na Universidade da Cidade de Macau, onde maioria dos alunos que ensinei português eram oriundos do continente chinês, pela primeira vez no território a fazer o mestrado, todos bons alunos, tiveram o esforço para conseguir a bolsa para vir a Macau fazer o mestrado e tiveram a aprender português pela primeira vez, eram super dedicados e com muita reverência ao professor, com maior delicadeza no trato do que os alunos aqui na Universidade de São José.

Relativamente aos alunos de Macau, é lhes mais fácil o tratamento, mas não tratam de forma tão cordial o professor ou com tanto respeito, embora possam muito facilmente passar ao trato pelo nome próprio sem se quer o permitir. Também tem a ver com a proximidade, com a abertura, com a idade e com a minha personalidade, porque com outros professores eles não fazem isso, já se inibem mais.

Eu não sei se realmente poderá acontecer isso, uma maior aprendizagem se o trato for mais próximo ou pelo nome próprio, há vários fatores. Pode até haver proximidade e o aluno manter o uso do título. O aluno e o professor nunca estão ao mesmo nível, pode haver um desnível maior ou menor, no meu caso tento que seja

menor, mas nunca me posso colocar ao mesmo nível que o aluno, não posso deixar o aluno tratar-me como um colega, porque aí já entra de facto no desrespeito.

*Entrevistador – Mas o uso do título não é um tradutor ou uma garantia do respeito ou pelo menos do verdadeiro respeito. Vejo mais o uso dos títulos como uma semântica de poder, para dar a saber quem manda e quem é a autoridade. Nos últimos 70 anos através dos movimentos estudantis tem havido uma maior procura de voz, por igualdade, por parte dos estudantes, de modo a que a relação professor-estudante seja mais colaborativa e menos baseada no princípio “Magister dixit”, ou seja, sobre uma autoridade inquestionável.*

Essa relação pode acontecer entre orientador e orientando, mas enquanto o professor tiver o poder da avaliação na sua mão nunca vai ser uma relação de igualdade. O papel do professor e do aluno tem de estar definido, de modo a, cumprirem as expectativas mútuas. Mas penso que a questão do título é social, de aparência e não define a relação entre professor e aluno, guio-me mais sobre uma autoavaliação, de modo a não abusar do meu poder.

- Q4.** Os meus colegas chineses não gostam muito que os alunos os tratem pelo nome próprio. Geralmente nunca ouço os alunos a tratarem-nos pelo nome, se o professor for ocidental, sim. Talvez tenha a ver com a cultura desta universidade, com poucos alunos, o que permite uma maior proximidade. Em salas de aula com 200 alunos acredito que não seja possível essa proximidade e o trato pelo nome próprio não vai ajudar a esse tipo de relação.
- Q5. & Q6.** Eu fiz o meu mestrado e doutoramento com a mesma professora, e apesar de termos trabalhado tantos anos juntos, ela continua a tratar-me pelo meu nome próprio e eu por professora. Sempre senti realmente alguma distância e ela nunca me disse – Edlia, trate-me por Margarida – Apesar de eu me sentir próxima e sempre expressei o que pensava, duma forma direta, mas delicada. Mas sim, há sempre um jogo de “face” de mitigação, ela dava sempre a volta, de modo a nunca perder a “face”. No outro dia estava a pensar, eu já sou professora universitária e ela já se reformou, porquê não a tratar pelo nome? Porque é que não a posso tratar pelo nome?

Ao mesmo tempo, são tantos anos a tratá-la por professora que até parece que não me sinto bem em tratá-la pelo nome. Ela devia-me ter dado essa liberdade muito antes, mas talvez não deu, por receio de não haver essa distanciação. Com outro professor foi o oposto sempre o tratei pelo nome e sinto-me bem em tratá-lo pelo nome, talvez me sinta um pouco mais à vontade, menos formalidade, posso dizer mais e ser mais eu própria.

Eu também fiz uma parte do meu doutoramento em Otava no Canadá e, de facto, lá a minha orientadora era tratada pelo nome e todos os outros alunos faziam o mesmo.

- Q7.** Em Portugal o tratamento é mais formal do que aqui em Macau, embora nas universidades de matriz chinesa, como a Universidade da Cidade de Macau, o tratamento é mais formal, o que difere os alunos portugueses que passam por Macau dos chineses, é o tipo de delicadeza. Associo aos alunos portugueses uma falsa delicadeza enquanto os chineses parece ser algo muito interiorizado, eles sentem mesmo a autoridade do professor.

Os alunos portugueses, não me parece que o sintam da mesma maneira. Fazem a diferenciação do tratamento, mas dá-me a sensação que a delicadeza, no caso dos portugueses, está sempre associado ao pedido, ao quererem algo em troca. Nos alunos chineses do continente, o respeito e a admiração pelo professor parecem ser mais genuínos, nos de Macau não.

Acho que não tem havido grande evolução, mantêm-se as mesmas estruturas, uns são mais respeitosos do que os outros.

***Entrevistador – E relativamente ao “poder da avaliação”?***

Há uma forma de controlar as avaliações, que é o método que usamos aqui na USJ, através dos ‘*agreement trials*’, em que classificamos os exames, trabalhos, etc. Escolhemos alguns trabalhos, reúno-me com mais 3 ou 4 professores, forneço os meus critérios de avaliação, o teste ou o trabalho, apago a nota que eu dei e o nome do aluno e depois esses professores corrigem independentemente, a seguir, reunimo-nos e comparamos as notas, pergunta a pergunta, e a nota final.

Se houver uma pequena discrepância passamos à frente, se houver uma maior discrepância, debatemos os critérios, as respostas do aluno e tentamos chegar a um acordo sobre a nota final de modo a ajustar e a alinhar as maneiras de avaliar, precisamente para evitar que haja professores que deem muito boas notas e que sejam permissivos, e outros que sejam demasiado exigentes e dão notas muito baixas.

Estes '*agreement trials*' servem para afinar os critérios de avaliação de todos os professores que se encontram no mesmo departamento. Isto não foi feito desde o início, começamos há cerca de 3 anos e de facto tem ajudado bastante quer para uma avaliação mais justa quer para um poder mais distribuído. Outra das medidas novas é, antes de publicarmos as notas finais, todos os componentes de avaliação de cada aluno são discriminados e são enviados para um comité, o '*board of examiners*', este grupo que é constituído por vários membros da faculdade faz uma avaliação dessas notas antes de serem publicadas, se houver alguma dúvida de o aluno ter sido prejudicado ou beneficiado, chamam o professor e pedem justificações da sua avaliação e só depois disso é que as notas são publicadas. Eu acho que este sistema é melhor que o anterior, que só dependia da avaliação do professor, este tinha a última palavra.

*Entrevistado 12 – Tracy, Chinesa de Macau, aluna de Português na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*

**Q1.** Acho que a delicadeza é algo amigável e algo que exprimimos do interior, a sociedade ensina-nos como responder aos outros. Por exemplo quando interagimos com um advogado devemos respeitá-lo muito e oferecermos-lhe uma prenda, porque nós focamos a atenção na posição da pessoa. Usamos diferentes níveis de delicadeza consoante o status do indivíduo. Mas respeitamos todos na sociedade.

**Entrevistador – Então porquê diferentes níveis de delicadeza se respeitamos todos os outros?**

A sociedade pensa que o advogado é mais rico e com maior educação. Esta é a situação que todas as pessoas seguem. A relação entre pessoas de diferentes status é má. Por exemplo, na minha aprendizagem do português porque tenho de obedecer ao professor e causa-me algum receio fazer perguntas, preciso muito de considerar a situação, os meus erros antes de colocar as questões.

**Q2. & Q3.** Sim, acho que uma relação próxima é melhor do que uma relação mais distante. Porque as pessoas estarão mais envolvidas na sala de aula, criará um melhor ambiente. Uma relação mais sincera em vez das pessoas apenas se limitarem a representar os seus papéis.

**Q4.** Acho que os professores de português são muito delicados e nós alunos também o precisamos de ser. Sempre que enviamos um e-mail para o professor é preciso usar uma linguagem que mostre que o respeitamos muito. Essa é a cultura portuguesa.

**Entrevistador – Pensas que esse tipo de linguagem é demasiado formal ou é adequada? A delicadeza também pode estar associada aos pedidos e à manipulação...**

Este aspeto da cultura portuguesa torna difícil a ligação ao professor, porque eu gosto de ter uma relação de amizade, se houver uma relação de amizade eu sinto-me confortável para a aprender, se houver uma grande distância na hierarquia e

uma necessidade constante de “*Kow Tow*”, de reverência, isto vai afetar a minha aprendizagem.

***Entrevistador – O que achas da diferença entre as culturas portuguesa e chinesa. São muito diferentes ou muito parecidas?***

Acho que quando eu estava na secundária em Macau, no ensino chinês, as diferenças são poucas. Em Macau, os professores chineses são mais rígidos que os portugueses, na aula temos que obedecer muito, na aula de português é menos rígido, é um ambiente mais interessante e confortável para mim e para os outros alunos, um ambiente mais próximo. Os professores portugueses dizem sempre olá e perguntam-me como eu e a minha família estão e como está a situação em Macau... Eu agora estou a ter aulas de português “on-line”.

***Entrevistador – Como tem sido essa experiência “on-line”?***

Eu uso o “*WeChat*” e o “*WhatsApp*” com o professor português e penso que a tecnologia ajuda a ficarmos mais perto e a falar mais profundamente sobre os assuntos dados na aula. Também é interessante o uso dos “emojis”, sinto menos medo, relativamente ao método tradicional, em interagir com o professor.

Por outro lado, acho que não é muito bom para mim ao aprender uma língua estrangeira, as aulas presenciais são melhores, porque eu tenho aula de cultura portuguesa e consiste em visitar locais portugueses e podemos conhecer muitos locais famosos. Na sala também podemos comunicar com outros colegas e com o professor, a internet por vezes é lenta e impede a comunicação.

A tendência mundial neste momento vai de encontro a um uso maior da tecnologia, é conveniente para muitas coisas, não só para a aprendizagem das línguas. É importante porque nos permite conhecer outros sítios e também nos liga aos outros facilmente e de imediato, é uma ferramenta muito útil para o século XXI e pode aproximar o mundo.

***Entrevistador – A meu ver existe alguma incompatibilidade com o modo de nos relacionarmos e de interagirmos pré-tecnologia (pré plataformas sociais e de***

*comunicação) relativamente às regras de sociabilização, e a tecnologia existente ao nosso dispor. A tecnologia muda as regras...*

Essa é e será a grande mudança do século XXI, são as pessoas que vão fazer esta mudança. Este tipo de mudança vai nos levar a um menor uso dos títulos, do e-mail... por exemplo é muito mais fácil usarmos o “WeChat”, e claro as aulas não presenciais serão mais frequentes.

- Q5. & Q6.** Os professores ingleses parecem que são meus amigos e as aulas passam muito rápido, sinto-me muito envolvida na aula. É relaxante e divertido e isso é melhor para aprender uma língua, podemos falar de qualquer tipo de tema. Nas aulas de português é um pouco diferente, com os professores portugueses ainda há muito a questão do respeito, da reverência... mas, menos que os professores chineses (risos). Para além disso acho que neste tipo de ensino (anglo-saxónico), aprendo mais e profundamente os conhecimentos.

*Entrevistado 13 – Paul, Norte-Americano, Professor Doutorado de História Chinesa e de Macau na Universidade de Macau*

***Entrevistador – Sei que tem muita experiência académica e de vida no contexto intercultural, com largos anos de contato com a cultura chinesa, portuguesa e claro norte americana. Podia falar-me um pouco dessa experiência intercultural, e sendo historiador, também sobre como as formas de tratamento acontecem e a sua própria evolução dentro da sua especificidade cultural.***

Penso que devemos abordar o assunto tendo em vista diferentes áreas. Primeiro, sobre as diferenças linguísticas, quais as diferenças entre estas línguas. Segundo, as diferenças religiosas e a estrutura desses diferentes sistemas religiosos, e isto é especialmente verdade em relação a um mundo protestante v.s. um mundo católico.

***Entrevistador – Vejo como a principal diferença entre o protestantismo e o catolicismo a questão do acesso a Deus, o protestantismo corta o intermediário, o acesso ao divino é direto, ao contrário do catolicismo...***

Exato, não há tanta hierarquia, não há essa deferência na estrutura hierárquica... Mas, deixa-me falar do terceiro ponto. As diferenças étnicas, a experiência cultural da etnicidade. Temos os chineses a crescer num ambiente completamente diferente dos americanos ou dos portugueses, podemos ver estes diferentes vetores, as estruturas linguísticas, religiosas, e sociais dentro desses grupos étnicos.

Existe ainda outro vetor que é relativo à classe social, se tivermos a um nível médio alto ou alto estamos a operar dentro duma instituição, dentro dessas instituições existe um reconhecimento subconsciente sobre quem está em controlo e sobre os papéis de cada um. Mas se fores um trabalhador, um agricultor, serás muito mais direto com toda a gente com a exceção do governante local.

O contexto americano é bastante diferente do português. Se vieses do centro-oeste americano como eu, onde há 3, 4 gerações todos eram agricultores, não havia bispos, nem reis, nem nobres, todos eram iguais. Esse era um sistema social onde praticamente não havia classes. Historicamente, a sociedade americana era

composta por agricultores independentes, sem superestrutura. E em algumas partes dos E.U.A., particularmente no Sul, onde havia a distinção entre os escravos e os não escravos, aí os níveis de delicadeza são muito mais altos. Se fores à parte norte ou central dos Estados Unidos, há diferentes estruturas de delicadeza comparativamente com o sul. Onde existe uma sociedade mais hierarquizada existe também formas mais intensas de delicadeza.

***Entrevistador - A língua inglesa tem algo que é diferente da língua portuguesa, o inglês usa apenas um pronome singular de tratamento...***

Essa é a parte relativa à estrutura linguística da língua, outras das grandes diferenças é o inglês não ter género como as línguas românicas, quase não se usa o subjuntivo e mesmo a conjugação dos verbos é muito mais simples. Mesmo havendo várias palavras comuns, essas grandes diferenças estruturais linguísticas entre a língua inglesa e as línguas românicas, afetam o modo como tratamos o outro.

Mas penso que não se deve colocar tanta ênfase na questão dos pronomes e da hierarquia, pois em Portugal se tiveres que falar com um desconhecido na rua, independentemente da sua classe social, vais tratá-lo por “você”, certo?

***Entrevistador – Algo que observei foi a questão das assimetrias de poder, mas com formas de tratamento simétricas, como por exemplo o cidadão e o polícia ou o cliente e o prestador de serviços, e outras como o professor e o aluno ou o empregado e o empregador, ou seja, com assimetrias de poder hierárquico e assimetrias nas formas de tratamento...***

Na cultura americana também existe isso, na cultura do sul dos estados unidos, mesmo sendo protestantes, mesmo influenciados pela cultura anglo-saxónica, mesmo usando os mesmos nomes que o resto dos americanos, têm uma metodologia diferente de interagir com pessoas em posições superiores. É difícil de perceber os “porquês” de tamanha diferença entre o Sul e o Norte, relativamente ao uso da delicadeza, tirando a questão óbvia da escravatura. As grandes plantações do Sul versus áreas mais pequenas de cultivo no Norte. Penso que as razões

económicas também tiveram influência nos diferentes graus de delicadeza usado nestas duas regiões.

***Entrevistador – E no caso de Portugal?***

Relativamente a Portugal, tem também a ver com a questão linguística, sendo uma língua românica, o género tem um grande peso no tratamento.

***Entrevistador – Como assim?***

Bom, tu és um rapaz! (enquanto me dá um murro no ombro). Se houver género na língua estás automaticamente a dar um carácter feminino a essa sociedade. Quando interages num contexto feminino os níveis de delicadeza são muito mais altos do que num contexto masculino. Isso pode não ter contribuído para o desenvolvimento da delicadeza, mas pelo menos contribuiu para a manutenção do nível de delicadeza.

Por um lado, há a questão do género por outro a complexidade da língua, as línguas românticas são muito mais complexas que o inglês. Comecei a pensar sobre isto quando as comecei a estudar e ainda mais depois de ter estudado chinês. O chinês é mais parecido com o inglês, é mais direto e há menos conjugações. O uso do conjuntivo nas línguas românicas é uma ferramenta da delicadeza por exemplo...

Para perceber a questão do inglês temos de ir às origens da língua anglo-saxónica e a sua relação com as línguas germânicas, onde é minha impressão que existe também um carácter bastante hierárquico. Os saxões foram dominantes numa parte das ilhas britânicas, desde o fim do império romano até 1066, estamos a falar de mais ou menos 600 anos, e muito da língua inglesa tem uma influência saxónica. Eles foram expulsos da Germânia e foram obrigados a expandir-se para as ilhas britânicas e provavelmente chegaram com uma cultura menos sofisticada.

***Entrevistador – Relativamente ao efeito que as revoluções europeias do século XVIII e XIX até às repúblicas tiveram no “homem comum”, ou seja, a possibilidade do acesso ao poder antes só obtido pelos nobres e pelo clero. Mesmo***

*o uso dos títulos nas universidades penso que seria algo mais comum na primeira metade do século XX...*

Na Europa?

*Entrevistador – Na Europa e em outros sítios também...*

Bem...nos Estados Unidos é um pouco diferente, as grandes universidades nos E.U.A. só começaram a ter o peso que têm hoje, a partir do meio do século XIX. Elas foram formadas pelos evangélicos, os que faziam parte do mundo protestante, que vinham fugidos da guerra civil britânica iniciada em 1644. Durante esse período há muita interação entre Inglaterra e as colónias americanas. Os colonos que se fixaram na zona da Nova Inglaterra eram todos apoiantes de Cromwell, Harvard foi fundada por e para o clero protestante que apoiava Cromwell e os seus seguidores.

Há duas figuras importantes que saem de Cambridge nessa altura, um é Cromwell que ficou e lutou na guerra civil depois implementado o protestantismo radical e o outro foi John Winthrop que veio para a Nova Inglaterra onde estabeleceu a colónia de Boston, estes dois eram contemporâneos e com metodologias similares relativas ao protestantismo radical. Winthrop ajudou a fundar Harvard em 1638 e Yale é fundada em 1701, ainda há uma distância temporal significativa entre uma e a outra. Ou seja, as universidades nessa altura eram bastante pequenas e serviam para formar os ministros protestantes.

*Entrevistador – A minha leitura é que o uso dos títulos, ou melhor o seu desuso, começou com maior força durante o período dos movimentos estudantis e civis da década de 60 do século XX...*

Sim estás correto, em 68, no mundo, na China, México, França, os Estados Unidos, o que chamamos de geração “baby boom” do pós-guerra, uma nova geração que experienciou a comunicação internacional e empurrou as fronteiras de todas as estruturas existentes da altura. A China é um excelente exemplo, estou a falar da revolução cultural, quase aconteceu o mesmo na França e nos Estados Unidos ao quebrarem revolucionariamente algumas das estruturas sociais. Porque é que isso

aconteceu na mesma altura e o impacto que teve nessas diferentes culturas, é uma pergunta interessante.

*Entrevistador – E penso que teve um impacto linguístico e na forma de como nos relacionamos uns com os outros... e é curioso o que mencionou relativamente à revolução cultural chinesa, onde os alunos foram elevados à posição dos professores...*

E isso foi feito deliberadamente por Mao Tsé-Tung como parte desse processo revolucionário, claro que Mao foi buscar as ideias revolucionárias às revoluções europeias, como a soviética e os movimentos intelectuais franceses. Zhou Enlai, Deng Xiaoping foram formados pelo Partido Comunista Francês.

*Entrevistador - Então, se considerarmos os efeitos sociais e culturais da revolução cultural e o nível muito direto da língua chinesa com estruturas frásicas relativamente aos pedidos muito diretas...*

A diferença entre a China e os E.U.A é que a China tinha este sistema imperial formado pelos mandarins e uma estrutura política absolutista, o Imperador e as pessoas que o representavam tinham um poder massivo sobre as pessoas comuns e era preciso ser delicado para com eles, usar a linguagem certa, ou poderia haver grandes problemas.

*Entrevistador – A questão é que que o uso dos títulos e as formas de delicadeza nas escolas e universidades chinesas não sofreram nenhuma alteração, mesmo depois da ação da revolução cultural elas mantêm-se... porquê?*

Isso seria uma questão interessante a estudar, como é que os alunos na revolução cultural tratavam os professores enquanto lhes punham chapéus de burro, chamavam-lhes “Lao She” ou usavam outro termo, ou mesmo o nome próprio?

*Entrevistador – Podemos afirmar que há uma relação entre o catolicismo, o feudalismo, a monarquia e a manutenção do poder na Europa e a sua influência na língua e no uso dos títulos...*

Quando pensamos no poder, a sociedade humana é uma sociedade estruturada, as pessoas gostam de ter alguém no poder para gerir as necessidades dessa sociedade.

*Entrevistador – As pessoas gostam? A luta por um ethos mais igualitário tem estado na agenda da humanidade há já algum tempo... aponto aqui como um momento fulcral a revolução francesa, que continua até ao nascimento das repúblicas, onde, ocorre uma mudança importante, a mudança da posição de súbditos para a de cidadãos. Isto acontece no início do século XX e traz com ela mobilidade social.*

*Temos que também ter em conta a influência global norte americana no pós-guerra, com efeitos na homogeneização cultural do mundo, as roupas que usamos, a música que ouvimos, etc. A ação da tecnologia e da globalização no modo como estamos no mundo e de como nos relacionamos uns com os outros, ou seja, a individualidade histórica das diferentes culturas começa-se a dissipar numa só cultura por causa dessa constante conexão... Mas, essencialmente penso que a luta pela igualdade e pela distribuição do poder, nos diferentes sectores da sociedade, é uma luta universal e isso também trespassa para a sala de aula. Esse é um dos argumentos da minha dissertação. Se houver o abandono dos títulos isso melhorará a aprendizagem, os alunos estarão mais motivados se sentirem que fazem parte de uma estrutura colaborativa ao contrário se estiverem num sistema baseado no conceito “magister dixit”.*

Quando estou numa sala de aula chinesa, esses miúdos gostam de dizer “Lao She” porque estão abertos ao que o professor lhes quer transmitir. Quando estou numa sala de aula americana e ouço professor eu nem de perto tenho o mesmo tipo de sensação.

Historicamente esta ideia do “Professor” não era assim tão comum na sala de aula americana, pela a razão que mencionei anteriormente, as universidades eram pequenas no sistema educacional que sai do século XIX, as grandes universidades como as conhecemos hoje em dia só foram criadas depois da primeira e da segunda guerra mundial, quando grandes somas de dinheiro foram investidas no sistema educacional americano construindo estas universidades massivas.

Nesse tipo de sistemas a hierarquia tornou-se importante dentro das universidades, e com eles os títulos, “Professor”, “Professor Assistente”, etc. Mas no início não havia essa prepotência, sendo uma coisa relativamente nova, eram muito mais igualitárias as relações nas universidades. O termo “Professor” era mais comumente usado com pessoas que vinham do ambiente europeu. Este tipo de tratamento é trazido para a academia norte americana pelos europeus e a cultura europeia.

Na cultura universitária americana a relação com o professor não é baseada na hierarquia, é uma relação mais igualitária, mais como colegas. Isso tem a ver com a bagagem cultural e histórica que vem com as nações e as suas sociedades, a sociedade americana foi bastante democrática desde o início, pois as pessoas fugiram exatamente desse tipo estrutura hierárquica europeia que era muito intensa no século XVII e XVIII.

Relativamente à permeabilidade da cultura americana no mundo... Simplificando, antes da segunda guerra mundial tínhamos o Império Britânico e o seu sistema de classes, depois da guerra temos o sistema americano, e de repente há um mundo americano próspero, onde todos são bastante iguais. Assim penso que a permeabilidade da cultura americana depois de 45 foi uma das forças libertadoras das velhas hierarquias que havia em todas estas diferentes civilizações.

***Entrevistador – Então porque é que alguns países têm sido mais resistentes à influência desse sistema mais igualitário?***

Penso que é o resultado da bagagem histórica, social, religiosa, cultural, linguística, de classes, e em todos estes fatores existe hierarquia, uns vão ser mais recetivos a pontos de vista mais igualitários outros não.

***Entrevistador – E no caso chinês relativamente à ação do confucionismo, um sistema vertical?***

O caso chinês é um pouco diferente. A classe dos latifundiários foi praticamente erradicada pelos comunistas de 1950 a 1976. As diferenças de classe na sociedade chinesa foram praticamente eliminadas, embora elas ainda existem. Alguém que trabalha e vive no campo tem outra classe social do que alguém que estuda numa

universidade e vive na cidade, por isso a sociedade ainda é bastante estruturada. Mas o velho sistema imperial, com os eunucos e os haréns foi completamente destruído... A estrutura hierárquica que existe no presente é fruto da bagagem cultural, histórica... é muito complicado apagar tudo totalmente, qualquer sociedade é um produto do que veio antes.

***Entrevistador – E a relação com o budismo?***

A religião budista é uma religião muito igualitária. Em geral penso que a sociedade chinesa não é uma sociedade onde exista uma consciência de classe tal como temos na Europa. Só mesmo no topo é que temos esta concentração massiva de poder que insiste em fazer as coisas da sua maneira. A sociedade chinesa é bastante diferente da sociedade americana, britânica ou deste tipo de estrutura social mais igualitária, menos intensa, que saiu do mundo anglo-saxónico com o seu oposto, a influência normanda que impôs a sua superestrutura derivando daí o sistema de classes britânico. Os americanos não lidaram com esse tipo de sistema, a China lidou com a síndrome imperial e os britânicos com a síndrome da monarquia.

Maior parte da população na China eram agricultores, só um pequeno número era comerciante, as classes mais altas eram provenientes dos agricultores, vinham dos que tinham dinheiro suficiente para ir estudar. A classe dos mandarins não era formada por linha de sangue, mas por quem tinha estudos. Isso ajudou a formar uma sociedade mais igualitária algo que é muito parecido com o que aconteceu nos Estados Unidos. A grande diferença é no topo e a bagagem história que vem com a posição do Imperador e a detenção do poder absoluto, isso não acontece no sistema social nos E.U.A.

***Entrevistador – Podemos então concluir que, existe uma relação entre o sistema social e político e a sua ação na psique coletiva dum povo. Ação esta que também acontece ao nível da língua e no que estivemos a discutir, em relação às formas de tratamento e uso dos títulos entre as várias culturas, do poder que a língua guarda relativamente às semânticas de poder, quer este esteja ao serviço de uma maior igualdade ou o seu inverso. Muito obrigado Paul.***